



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS – FAFIC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA

JAIME AMERICANO E O PEACE CORPS EM UPANEMA/RN

Antonio Eudes Barbosa e Silva Júnior

MOSSORÓ/RN

2023

ANTONIO EUDES BARBOSA E SILVA JÚNIOR

JAIME AMERICANO E O PEACE CORPS EM UPANEMA/RN

Trabalho de dissertação apresentado como requisito para obtenção do título de Mestre ao programa de Pós-graduação em Ensino de História, Curso de Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTÓRIA da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

Orientador: Prof. Dr. Leonardo Cândido Rolim

MOSSORÓ/RN

2023

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

S586j Silva Júnior, Antonio Eudes Barbosa e
JAIME AMERICANO E O PEACE CORPS EM
UPANEMA-RN. / Antonio Eudes Barbosa e Silva Júnior. -
Mossoró-RN, 2023.
187p.

Orientador(a): Prof. Dr. Leonardo Cândido Rolim.
Dissertação (Mestrado profissional em Programa de
Pós-Graduação Profissional em Ensino de História).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Biografia, História Local, História, Peace Corps. I.
Rolim, Leonardo Cândido. II. Universidade do Estado do
Rio Grande do Norte. III. Título.


ANTONIO EUDES BARBOSA E SILVA JÚNIOR

JAIME AMERICANO E O PEACE CORPS EM UPANEMA/RN

Trabalho de dissertação apresentado como requisito para obtenção do título de Mestre ao programa de Pós-graduação em Ensino de História, Curso de Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTÓRIA da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.


Aprovado em 23 / 06 / 2023.

Banca examinadora:

Documento assinado digitalmente
 LEONARDO CANDIDO ROLIM
Data: 31/10/2023 09:51:02-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


Prof. Dr. Leonardo Cândido Rolim (Orientador)

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Documento assinado digitalmente
 VALDERIZA ALMEIDA MENEZES
Data: 31/10/2023 10:20:58-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a. Dr^a. Valderiza Almeida Menezes

LEGH - Universidade Federal de Santa Catarina

Documento assinado digitalmente
 MARCILIO LIMA FALCAO
Data: 31/10/2023 17:03:11-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Márcilio Lima Falcão

ProfHistória - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

Para Thaiza, Saullo, Sarah e Klyver, com todo meu amor!

AGRADECIMENTOS

Nunca pensei que seria tão difícil escrever esses agradecimentos! Não é medo de esquecer alguém, até porque isso poderia ocorrer, sendo até corriqueiro esses deslizes em nossas vidas. Mas, é porque uma pessoa muito importante pra mim não está aqui para ler o meu agradecimento e ver seu nome estampado aqui. É ficar pensando que ele não viu mais essa vitória que o deixaria certamente muito orgulhoso. Passa tudo pela mente num momento desses! Será que adianta ainda dizer que o amo? Conforta imaginar que ele está vendo? Pouco! Queria ele aqui! Pra pedir a sua opinião como sempre fazia! Tenho certeza por exemplo que este trabalho certamente seria bem melhor pois teria pedido a ele para revisá-lo. Quantas vezes escrevendo tive alguma dúvida e pensei nele porque era a pessoas a quem mandaria mensagem e me responderia mesmo de madrugada mas, enfim, as lágrimas me impedem de continuar... e queria que fosse exagero!

Deus, mesmo assim eu te agradeço por tudo! Muito obrigado! Nunca te pedi nada para que não fosse realizado! O senhor bem sabe do que estou falando...

Minha família? Infelizmente falta coragem e a timidez não me permite dizer pessoalmente o quanto os amo! Pois saibam que queria que fosse diferente, queria abraçar a todos e dizer que amo cada um: papai, mamãe, Emmily e Emmer, me perdoem por ser tão fraco.

Thaiza, você sabe que me completa, que sem você não seria nada! Não teria nada! Obrigado pelos dois maravilhosos presentes que me deu, Saullo e Sarah. Eu te agradeço do fundo do coração! Um dia eles vão crescer e espero que leiam essas mal traçadas linhas e tenham a certeza de que seu pai os amou incondicionalmente.

Ao meu orientador agradeço totalmente. Ganhei um amigo que tem meu respeito e admiração. Você me deu o que eu queria quando buscava um orientador e talvez nem saiba pois não te disse. O senhor me deu a liberdade necessária para escrever no meu tempo, sem pressão e sem pressa. A você Leonardo Rolim, agradeço de coração e essa conquista se deve muito a você.

Agradeço também aos demais professores do Mestrado na figura do chefe do curso, o professor André Seal, sem esquecer da dedicação de Márcio Alexandre que sempre cuidou de toda a parte administrativa.

A James Earnest Shapiro, digo, Jaime Americano, te conhecer foi mais um presente que Deus me deu nesta vida! Quanta sabedoria, quanto amor, quanta paz

de espírito! Eu disse a algumas pessoas que me apaixonei por você e eles riram mas saiba que é verdade. Queria que nossas conversas nunca chegassem ao fim! Obrigado por tudo! Queria ter te conhecido antes!

Mas em Upanema temos uma pessoa que também não fica atrás de Jaime e tenho a honra de gozar de sua amizade! Estou falando de Zé Mário! Muito obrigado por ter me ensinado tanto nos últimos anos!

Aos colegas do mestrado eu agradeço pela troca de conhecimento e amizade. Apesar de não ter conhecido até hoje nenhum pessoalmente, isso devido a pandemia, queria externar minha consideração e agradecimento a vocês.

Ainda a todos aqueles que foram entrevistados ou que de alguma forma me deram informações que ajudaram na elaboração deste trabalho saiba que sou muito grato e por isso eu agradeço de coração.

Por fim, a todos os meus queridos alunos que ouviram minhas histórias durante a construção deste trabalho e se encantaram como eu dando sempre um feedback de que eu estava no caminho certo.

Meu muito obrigado a todos!

RESUMO

O jovem norte-americano James E. Shapiro com apenas 23 anos idade entra em um grupo de voluntários e vem morar dois anos no Brasil entre os anos de 1968 a 1970. Deixa a cidade de Nova York, seu confortável apartamento em frente ao Central Park e vem para o interior do Rio Grande do Norte, para a pacata cidade de Upanema que neste período não oferecia se quer energia elétrica ou água encanada para seus moradores. O que o levou a decidir enfrentar essa jornada? Como era sua vida durante esses dois anos em Upanema? Qual o legado deixou? Sua visão de mundo se modificou após a volta para os EUA? Neste trabalho pretendemos contar a história daquele que ficou conhecido em Upanema como Jaime Americano e suas vivências não apenas em nossa cidade mas também antes e depois desse período em nosso país. Jaime integrou um projeto social denominado de Peace Corps que mandava jovens voluntários para todo o mundo e Upanema acabou recebendo um desses voluntários. A intenção é narrar os acontecimentos da vida de Jaime e a História de Upanema neste período.

Palavras chave: Biografia, História Local, História, Peace Corps

ABSTRACT

Young James E. Shapiro, only 23 years old, joins a group of volunteers and comes to live in Brazil for two years between 1968 and 1970. He leaves New York, his comfortable apartment in front of Central Park and comes to interior of Rio Grande do Norte, to the quiet town of Upanema, which in this period did not offer either electricity or piped water to its residents. What made you decide to take this journey? How was your life during those two years in Upanema? What legacy did you leave? Did your worldview change after returning to the US? In this work we intend to tell a story that became known in Upanema as Jaime Americano and his experience not only in the city but also before and after that period in our country. Jaime was part of a social project called Peace Corps that sent young volunteers all over the world Upanema ended up receiving one of these volunteers. The intention is to narrate the events of Jaime's life and the History of Upanema in this period.

Keywords: Biography, Local History, History, Peace Corps

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Único registro de Jaime Americano que existia em Upanema.....	37
Figura 2 - Grupo do Peace Corps no Facebook.....	40
Figura 3 – Jaime Earnest Shapiro, em 2020, aos 74 anos.	45
Figura 4 – Harry L. Shapiro em 1960 e ao lado a versão em português de um de seus livros.	55
Figura 5 – cópia da única carta escrita por Jaime quando foi embora	66
Figura 6 - Dona Maria Romana em três fases distintas de sua vida. No início do hotel, na década de 80 e em 2007.....	68
Figura 7 – Reprodução da internet de caminhão misto e abaixo imagem do misto de Balzinho.	76
Figura 08 – Antonio Preto e filho mostrando tomates fruto do trabalho com Jaime.....	85
Figura 09 – Uma das quatro páginas de amostra que Jaime enviou.....	97
Figura 10 – Logomarca comemorativa aos 60 anos do Peace Corps.....	101
Figura 11 – Localização de Upanema no Rio Grande do Norte	105
Figura 12 - Praça Padre Adelino na década de 1970 e hoje em dia	111
Figura 13 – Prefeitos: Antonio Lopes e Luiz Cândido	113
Figura 14 – Vereadores de 1967 a 1971	114
Figura 15 – Antigo Ginásio Agrícola, onde hoje é a Escola Calazans Freire	118
Figura 16 - Mercado Público Municipal na década de 1970 e hoje em dia	122
Figura 17 – Igreja Católica hoje (esquerda) e como era na época de Jaime, sem a torre...124	
Figura 18 – Primeiro pastor da Assembleia de Deus de Upanema, Francisco Ribeiro.	125
Figura 19 – A primeira rua de Upanema.....	127
Figura 20 – A primeira casa de Upanema.	129
Figura 21 – Sargento Freire	131
Figura 22 – BR-110	135
Figura 23 – Panfleto da paralisação de 1995	137
Figura 24 – Latas de óleo distribuídas a população de Upanema.....	141

Figura 25 – Mapa desenhado por Jaime em 1969	142
Figura 26 – Ribamar Ribeiro	150
Figura 27 – Zé Mário	152
Figura 28 – Didil de Zé Pequeno	154
Figura 29 – Hermes Freire	155
Figura 30 – Manoel Lino e Adalcina Barbosa.....	157
Figura 31 – Seu Zé Batista.....	158
Figura 32 – Antonio Luiz	160
Figura 33 – Xavier Gondim	162
Figura 34 – Antonia Neta e Antonio Eudes	163
Figura 35 – Maria Leni.....	164
Figura 36 – Hévila Cruz.....	165
Figura 37 – Josafá Inácio da Costa	166
Figura 38 – Viúva de Antonio Preto e um de seus filhos.....	166
Figura 39 – Maria Elza hoje em dia	167
Figura 40 – Maria Gilza hoje em dia	169
Figura 41 – Dapaz e sua filha Neuma	171

LISTA DE SIGLAS

ANCAR	Associação Nordestina de Crédito e Assistência Rural
CAERN	Companhia de Águas e Esgotos do Rio Grande do Norte
CEB	Comunidades Eclesiais de Base
CHESF	Companhia Hidrelétrica do São Francisco
CIA	Central Intelligence Agency
CNEC	Campanha Nacional de Escolas da Comunidade
COVID-19	Coronavirus 2019
DNER	Departamento Nacional de Estradas e Rodagens
DNIT	Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes
EUA	Estados Unidos da América
FAO	Food and Agriculture Organization
FBI	Federal Bureau of Investigation
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas
INDA	Instituto Nacional de Desenvolvimento Agrário
JFK	John Fitzgerald Kennedy
MEC	Ministério da Educação e Cultura
OEA	Organização dos Estados Americanos
ONU	Organização das Nações Unidas
PCVs	Peace Corps Volunteers
SUS	Sistema Único de Saúde
TER	Tribunal Regional Eleitoral
TIAR	Tratado Interamericano de Assistência Recíproca
TSE	Tribunal Superior Eleitoral
UDN	União Democrática Nacional
UERN	Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 – BREVE HISTÓRICO DA POLÍTICA EXTERNA DOS EUA ATÉ O PROGRAMA PEACE CORPS	19
2 – MISSÃO: ENCONTRAR JAIME AMERICANO	35
2.1 – BUSCAS NA INTERNET	37
2.2 - O QUE ERA O PROGRAMA PEACE CORPS	41
2.3 - ENCONTRAMOS JAIME AMERICANO!	43
2.4 - ALIANÇA PARA O PROGRESSO	45
2.5 - OS VOLUNTÁRIOS ERAM ESPIÕES?!	47
2.6 - MEDO DA PANDEMIA	51
2.7 - PEACE CORPS NO BRASIL	52
2.8 - AFINAL, QUAL O NOME CORRETO DE JAIME AMERICANO?	53
2.9 - A FAMÍLIA DE JAIME	54
2.10 - PRIMEIRA CONVERSA COM JAIME AMERICANO	57
2.11 – TRAÇOS DA PERSONALIDADE DE JAIME	63
2.12 - “TÁ CEDO!”	64
2.13 - ONDE TUDO COMEÇOU, A CARTA	66
2.14 - O JAIME AMERICANO HERÓI?	69
2.15 - JAIME QUIS ADOTAR CRIANÇA DE UPANEMA!?	71
2.16 – A INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA DE JAIME	72
2.17 – CHEGADA EM UPANEMA.....	75
2.18 – PROFESSOR EM UPANEMA.....	78
2.19 - GRADUAÇÃO DE JAIME	79
2.20 - SOBRE O CARNAVAL.....	79
2.21 – A HISTÓRIA DE UM JUMENTO TEIMOSO E UM VISITANTE TOLO	81
2.22 – O TRABALHO DE JAIME EM UPANEMA	83
2.23 - CONTATOS COM OS POLÍTICOS.....	86
2.24 – NAMORADAS EM UPANEMA	89
2.25 - SOBRE A RELIGIÃO EM UPANEMA.....	90
2.26 - DEPOIS DE UPANEMA: ULTRAMARATONISTA, PROFESSOR E ESCRITOR	92
2.27 - JAIME PELO MUNDO.....	93
2.28 - O SEGREDO DA VIDA	94
2.29 – O DIÁRIO DE JAIME	95
2.30 - A ÚLTIMA NOITE EM UPANEMA - 1970	98
2.31 - JAIME EM UPANEMA HOJE.....	99
2.32 - SAUDADES DE UPANEMA	100
2.33 – PROGRAMA PEACE CORPS COMPLETOU 60 ANOS.....	100
2.34 - JAIME PROFESSOR DE INGLÊS PARA NOSSOS JOVENS HOJE!?.....	102
3 - O MUNICÍPIO DE UPANEMA ENTRE 1968 E 1970 – BREVE HISTÓRICO	103
3.1 - LOCALIZAÇÃO E LIMITES	105
3.2 - RIO UPANEMA	106
3.3 - DADOS POPULACIONAIS DE UPANEMA EM 1970.....	109
3.4 - PODER EXECUTIVO	110
3.5 - PODER LEGISLATIVO	113
3.6 - PODER JUDICIÁRIO.....	115
3.7 - EDUCAÇÃO.....	116
3.8 – FEIRA LIVRE DE UPANEMA	119
3.9 – O MERCADO PÚBLICO MUNICIPAL	121
3.10 - AGRICULTURA.....	122
3.11 - UPANEMA E A RELIGIÃO EM 1970	123

3.12 - RUA DA PALHA, RUA SALVIANO FLORÊNCIO, RUA VELHA.....	127
3.13 – UPANEMA E SUA ESTRUTURA FÍSICA	129
3.14 - SEGURANÇA PÚBLICA	131
3.15 – O FLAGELO DA SECA.....	132
3.16 – ANCAR EM UPANEMA.....	134
3.17 – A BR-110	135
3.18 – A CHEGADA DA ENERGIA ELÉTRICA	138
3.19 – A SAÚDE EM UPANEMA	139
3.20 – PROGRAMA DE ALIMENTAÇÃO.....	141
3.21 – MAPA DE UPANEMA EM 1969	142
4 – ENTREVISTAS COM UPANEMENSES QUE CONVIVERAM COM JAIME AMERICANO	148
4.1 – RIBAMAR RIBEIRO	150
4.2 – ZÉ MÁRIO	152
4.3 – DIDIL DE ZÉ PEQUENO.....	154
4.4 – HERMES FREIRE	155
4.5 – ANTENOR VITORINO	156
4.6 – MANOEL LINO E ADELICINA BARBOSA.....	157
4.7 – ZÉ BATISTA	158
4.8 – MARIA DAPAZ	159
4.9 – ROSA BARBOSA	160
4.10 – ANTONIO LUIZ.....	160
4.11 – XAVIER GONDIM.....	162
4.12 – ANTONIO EUDES E ANTONIA NETA.....	163
4.13 – MARIA LENI.....	164
4.14 – HÉVILA CRUZ.....	165
4.15 – JOSAFÁ INÁCIO	166
4.16 – FAMÍLIA DE ANTONIO PRETO	166
4.17 – MARIA ELZA.....	167
4.18 – MARIA GILZA	169
4.19 – NELSON, DAPAZ E FAMÍLIA	171
4.20 – ANTONIO DE DONA ETELVINA	172
4.21 – MARIQUINHA E NILBA.....	172
4.22 – OUTRAS CONTRIBUIÇÕES.....	173
CONCLUSÃO	175
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	179
ANEXOS	186

INTRODUÇÃO

Tendo como um de seus objetivos o de abordar de uma maneira didática um fato importante ocorrido na História da cidade de Upanema e, assim, contribuir para que este não desapareça com o decurso do tempo. Procuramos então narrar a passagem de um cidadão norte-americano por nossa cidade no final da década de 1960. Uma figura que ficou popularmente conhecida como Jaime ‘Americano’, ele integrava uma iniciativa dos Estados Unidos - EUA chamada de Peace Corps¹, ou na tradução mais literal, os Corpus da Paz ou ainda Voluntários da Paz. Mas afinal, quais foram suas vivências aqui? Qual a memória que algumas pessoas que tiveram contato com ele nos contam? O que ele veio fazer no Brasil e em Upanema? Como era Upanema no final da década de 1960? 50 anos depois, o que restou dessa passagem do Peace Corps em nossa cidade? Para responder a esses e outros questionamentos vamos utilizar de entrevistas feitas por e-mail² com nosso personagem principal, análise de fotografias, documentos e também entrevistas com contemporâneos upanemenses que presenciaram a maioria dos fatos aqui narrados e outros ex-voluntários do programa que atuaram no Brasil e que mantivemos contato também através de entrevistas por e-mail ou redes sociais.

Após vários relatos de populares sobre a passagem desse personagem por nossa cidade, decidimos nos lançar no desafio de investigar e contar essa história com o máximo de detalhes possível. Sabíamos que não seria uma tarefa fácil, muito pelo contrário, mas temos a certeza de que alcançaremos nosso objetivo mesmo diante das inúmeras dificuldades que se apresentam quando se decide contar a história de alguém que foi embora de nossa cidade há 50 anos e, ainda mais, realizando pesquisas e entrevistas no meio de uma pandemia, o Covid-19.

Para nós, depois das pesquisas realizadas, chegamos à conclusão de que as vivências de Jaime Americano serve e muito não só para contar uma parte da História de nossa cidade, mas também possui um caráter importante com exemplos de solidariedade, altruísmo, diante de suas inúmeras experiências de vida.

¹ No inglês é mais comum encontrar a sigla de PCVs, que significa Peace Corps Volunteers. No Brasil o termo mais utilizado são os Corpus da Paz.

² As entrevistas por email e redes sociais foram necessárias devido a estarmos pesquisando exatamente durante a pandemia do COVID-19 o que impedia visitas aos entrevistados.

No período de atuação do Peace Corps no Brasil, de 1961 a 1981, desembarcaram cerca de 6 mil voluntários em nosso país, mas, pretendemos contar apenas a História deste único que veio para o nosso município e através dele realizar, na medida do possível, a ligação com o grupo de voluntários como um todo afinal, eles seguiam uma mesma orientação e aqueles que não seguissem eram desligados do projeto.

Jaime veio para o Brasil no contexto de uma política externa norte-americana chamada de Aliança para o Progresso, criada pelo então presidente JFK, John Fitzgerald Kennedy. Essa política tinha como uma de suas finalidades principais impedir o avanço do socialismo/comunismo na América Latina através do desenvolvimento econômico e social da região. Assim, essa região sofreria influência cada vez maior dos EUA, impedindo o avanço soviético que já se fazia presente na região de forma mais contundente após a Revolução Cubana de 1959.

Para contar essa História, dividimos o presente trabalho em 4 capítulos a saber, no primeiro procuramos contextualizar a evolução histórica da política externa dos Estados Unidos desde o processo que levou a sua independência ainda no século XVIII até chegar no período abordado neste trabalho que é a segunda metade do século XX, portanto, no auge da Guerra Fria. Ao final deste capítulo vamos ser capazes de entender como os EUA atuavam e porque mandaram voluntários para o mundo todo e um deles chegando até nosso município em uma época difícil e complicada na história do Brasil pois, estávamos vivendo a época da ditadura militar que se iniciou em 1964.

No segundo capítulo destacamos a História de Jaime Americano não só no Brasil e em nossa cidade mas finalizando contando um pouco sobre sua infância e sua vida pós Upanema, indo até os dias atuais, em um trabalho que servirá de base para o produto final, exigência do curso do ProfHistória, onde pretendemos realizar o lançamento de um livro sobre a passagem de Jaime por nossa cidade. Intercalamos este capítulo ainda com uma breve História do Peace Corps no mundo e no Brasil.

No terceiro capítulo realizamos um breve relato sobre a situação histórica de Upanema, partindo de suas origens até chegarmos no período abordado, ou seja, no período em que Jaime esteve em nossa cidade que vai de junho de 1968 a junho de 1970.

No quarto capítulo destacamos relatos e entrevistas de personagens upanemenses que conviveram com Jaime Americano quando esteve em nossa

cidade, pessoas estas que o ajudaram de alguma forma nestes dois anos em nossa cidade. A ideia surgiu do próprio Jaime quando nos relatou ajuda que recebeu de toda a população e que eles tem um papel importante nessa história.

Como citado anteriormente, para a construção deste trabalho conversamos também com outros ex-voluntários do Peace Corps e a impressão que obtivemos é de que eles encarnavam ao mesmo tempo o espírito do jovem contestador, muitas vezes revolucionário e sonhador utópico, com o espírito missionário, pioneiro e desbravador dos primeiros americanos, na tentativa de levar uma espécie de ajuda humanitária para as mais longínquas regiões do mundo. Das dezenas de voluntários os quais mantivemos contato, nenhum se considerava espião ou tentava realizar uma política expansionista ou imperialista americana. O objetivo em suas mentes era lutar por algo maior, a ajuda ao próximo, ao necessitado e, quando fugiam desse motivo poucos caíam no sentimento de tentar fugir da Guerra do Vietnã a qual seu país estava envolvido e que muitos eram acusados de tentar escapar ingressando nesse programa de voluntários.

Uma das maiores dificuldades que encontramos foi de não cair na prática comum de transformar o biografado em uma espécie de herói ao narrar seus feitos, por isso tentamos manter uma atitude crítica diante dos fatos narrados mesmo a maioria dos entrevistados relatando apenas fatos positivos sobre a figura do entrevistado. O lado negativo dessa história parece ter se perdido no tempo.

Neste íterim, de forma alguma pretendemos esgotar o assunto em questão, afinal como nos ensina Levillain:

“A biografia histórica hoje reabilitada não tem como vocação esgotar o absoluto do "eu" de um personagem, como já o pretendeu e ainda hoje pretende mais do que devia. E se a simbologia de seus fatos e gestos pode servir de representação da história coletiva através de um homem, tal como o retrato, ela não esgota a diversidade humana (...) Ela tampouco tem que criar tipos (...). (LEVILLAIN, 2013, p. 176).

Por sua vez, reafirmamos o compromisso em tentar nos aproximar da veracidade dos fatos, sem ficção, mesmo diante das dificuldades como informações incompletas pois só assim o nosso objetivo seria alcançado com um recorte da realidade daquele momento vivido. Sobre esse compromisso com a verdade Neves preceitua que:

“Os historiadores têm a obrigação de reportar-se a uma realidade - mesmo que não saibam e não possam saber qual seja - através de um procedimento referencial próximo daquele utilizado pelas ciências empíricas. E são as fontes, ou seja, os pedaços de passado que ainda se conservam no presente que permitem essa operação. Em si, as fontes não garantem a realidade do passado, mas impedem que se faça do passado qualquer passado. Nesse jogo entre imaginação e realismo reside a originalidade da história”. (NEVES, 2011, p.82).

Mesmo assim sabemos ser impossível reconstituir em detalhes totalmente fieis a realidade os fatos ocorridos há 50 anos. É nesse ponto que o historiador deve buscar em sua experiência e conhecimento, suprir as lacunas porventura existentes com a maior criticidade possível pois, como ensina Neves,

“Se vê na contingência de recorrer à imaginação, construída a partir da sua própria experiência, de modo a transportar-se para a situação do outro - ainda que deva tomar certos cuidados para não ferir a verossimilhança do que propõe. Ao fazê-lo, não está recuperando um inalcançável passado, mas projetando naquele mundo imaginário, que está trazendo à luz, os medos e esperanças de sua própria época, do meio de onde proveio e de si mesmo”. (NEVES Contra-Capa, 2011).

Deste modo, a coerência manteve-se ao longo do texto sem qualquer discrepância em seu transcurso.

Fruto de uma conjuntura social que o trouxe ao Brasil, Jaime fez jus a missão a ele ‘outorgada’ e cumpriu com afinco, servindo de exemplo para a população que aqui ficou. E é assim que pretendemos contar sua história, aproximando suas ações ao cotidiano do povo upanemense, um personagem central de nossa obra que não se construiu sozinho, mas com a ajuda de nosso povo, sem os quais ele não teria alcançado seu objetivo.

Afinal, como ele reagiu diante de uma sociedade totalmente diferente da sua? Ele manteve suas ações dentro do estabelecido pelo projeto ou desviou-se delas em algum momento? Encontramos hoje em dia resquícios de seu trabalho em nossa cidade? A sociedade upanemense mudou em que direção desde sua estada em nossa terra? São perguntas desse tipo que norteará nosso trabalho, buscando respostas principalmente em documentos públicos e privados além de depoimentos de pessoas que conviveram com o personagem principal durante sua estada em nossa cidade, buscando, portanto, nas mais diversas e possíveis fontes históricas as respostas que surgem e pedem uma resolução, haja vista:

“Acessar fontes históricas as mais variadas, usar documentos de muitos tipos, estimular a busca regular de leitura de documentos históricos - objetos vários - evidenciam práticas sociais desapercibidas, forma de reinventar o modo de pensar a história. O exame de fontes é um exercício de crítica à escrita da História, é um modo de aprender a fazer sínteses teóricas, de buscar novos conhecimentos, ou seja, de vivenciar operações intelectuais de análise, quase nunca experimentadas pelas crianças e jovens nos jogos de perguntar e responder...” (COSTA, 2002, p.7).

Inegável o papel essencial das fontes históricas na construção de um trabalho dessa magnitude. Entre essas fontes uma em especial merece destaque, as fontes orais, ou seja, os depoimentos de pessoas que conviveram com o biografado no período e fazem uso de sua memória para tentar recontar o que vivenciaram. Muitos desses que conviveram com Jaime infelizmente já desapareceram, alguns pouco ou nada lembram, mas um número razoável de cerca de 25 entrevistados nos forneceram informações valiosíssimas para a construção desse trabalho. Muitos poderiam até questionar a fragilidade dessa oralidade, mas corroboramos com o posicionamento de Marly Motta quando nos ensina que:

“Os riscos de distorções, de erros e de falhas presentes na fonte oral não são maiores nem menores do que nas outras fontes documentais: uma carta, por exemplo, pode conter mais “mentiras” do que uma entrevista. O depoimento de história oral permite, sim, o acesso a uma versão do passado, ou seja, à maneira pela qual o entrevistado concebe o passado. Não se trata, pois, de recuperar a história “tal como ela efetivamente ocorreu”, mas sim de reconstruí-la através das múltiplas versões veiculadas pelos atores que viveram acontecimentos e conjunturas do passado”. (MOTTA, 2000. p.11-12).

Deste modo, temos plena consciência dos esquecimentos que normalmente existem ao se tentar recontar uma história principalmente quando ocorrida meio século antes e baseadas em depoimentos orais. Mas também temos a certeza da necessidade de recontar, reconstruir, narrar essa história para que ela não se perca ainda mais com o decurso do tempo e quem sabe até se perca por completo. Ao final teremos narrado uma parte importante da vida dessas pessoas e principalmente da vida de nossa cidade, além das ligações consideráveis com a história do Brasil e também dos EUA ao se analisar sua ligação com a política interna e externa no período da Guerra Fria.

1 – BREVE HISTÓRICO DA POLÍTICA EXTERNA DOS EUA ATÉ O PROGRAMA PEACE CORPS

É fato que a Segunda Guerra Mundial serviu para consolidar a hegemonia dos Estados Unidos no cenário mundial. Mas, para chegarmos no período em análise neste trabalho, a segunda metade do século XX, pouco tempo após esse grande conflito, é preciso entender como os norte-americanos evoluíram ao longo de sua história e como suas relações internacionais se desenvolveram até a chegada ao momento desse estudo pois, como nos ensina Pecequilo, de 1776 a 1945 “*os Estados Unidos eram um país normal no sistema, consolidando o seu poder doméstico e depois se projetando internacionalmente*” (PECEQUILO, 2011, P. 22).

Hodiernamente podemos estar testemunhando, nessas décadas iniciais do terceiro milênio, a derrocada dos Estados Unidos como principal potência mundial, sendo substituída provavelmente pela China, pelo menos do ponto de vista econômico uma vez que outras questões permanecem em debate como as conquistas culturais e democráticas, a globalização ou mesmo devido ao surgimento nesse período pós-guerra fria de novos temas como por exemplo, o meio ambiente e ainda o avanço acelerado dos novos meios de comunicação, como também novas tecnologias. Deste modo, consideramos que estamos vivenciando um reordenamento global de forças, o que poderá causar uma renovação da política externa dos EUA em relação ao seu papel no mundo, mas que não será nosso foco neste momento.

Neste trabalho temos a análise sobre um período de tempo que condiz com a Guerra Fria, uma vez que falamos sobre fatos ocorridos em especial na cidade de Upanema quando da estadia aqui de um americano integrante de um dos projetos político sociais daquele país nos anos de 1968 a 1970 ou seja, um período marcado pela ascensão e hegemonia dos Estados Unidos.

Partimos, portanto, para contextualizarmos esse cenário, do início da formação dos Estados Unidos, desde pouco antes de sua independência até chegarmos na segunda metade do século XX, quando daremos ênfase a sua relação com o Brasil e a política dos EUA para a América Latina, em especial no final da década de 1960.

Acreditamos que este recuo se faz necessário para compreendermos as mudanças e permanências que ocorreram na evolução norte-americana, partindo de

uma visão mais abrangente de sua formação e mutação na potência mundial que veio a se transformar.

Deste modo, para tratarmos do tema do presente trabalho, não é viável nos atermos a aspectos contemporâneos da política externa dos Estados Unidos sem uma interligação com suas tradições e características constantes em sua história. Por isso a importância dessa análise histórica dos EUA, já que, para compreendermos o hoje precisamos estudar seu desenvolvimento histórico, entender sua evolução, observando por exemplo, sua passagem de uma política isolacionista no começo de sua construção como Estado independente para uma internacionalização em etapas posteriores, o que vai ocorrer principalmente de forma definitiva com a Guerra Fria, em uma política externa que na prática vigora até os dias atuais pois, basta observarmos que os Estados Unidos tomam para si a responsabilidade de construção de uma ordem mundial onde eles próprios assumem de fato uma posição dominante no sistema.

Assim sendo, de início a política externa dos Estados Unidos não vai se diferenciar da maioria das demais nações do mundo uma vez que eles apenas vão buscar a garantia de sua integridade com ênfase na consolidação de seu território. Nesse contexto podemos identificar que o período que vai de 1776 a 1945, é uma espécie de fase de formação dos EUA quando então teríamos dois processos evidentes na formação histórica dos Estados Unidos: um período que vai do processo de independência, ocorrido em 1776, até sua consolidação no cenário mundial em 1898, e um segundo período que abrange a primeira metade do século XX, ou seja, de 1898 até 1945 quando temos o fim da Segunda Guerra Mundial. Tudo isso remontando as raízes da política externa dos EUA, o que vai acabar moldando sua atuação além-fronteiras.

Posteriormente ao período que abordamos neste trabalho, que vai até o ano de 1970, temos a continuidade da Guerra Fria, que vai de 1945 a 1989. Nele podemos perceber claramente a influência de sua formação histórica na política externa dos Estados Unidos. Claro que tivemos vários fios condutores que levaram a esse desenvolvimento da política externa norte-americana. Um exemplo está em sua ação internacional com destaque neste trabalho para América Latina e o Brasil, onde podemos observar o seu interesse político e econômico principalmente. Mesmo que possam apresentar aspectos diferenciados em diversos momentos de sua formação, esse desenvolvimento apresenta um padrão intrínseco que permanece ao longo do

tempo, “*a garantia da paz e da prosperidade, a manutenção da prosperidade e da segurança e a promoção e a defesa da democracia*” (PECEQUILO, 2011, P. 32). Destarte, suas ações no contexto mundial são direcionadas por seus valores e espírito construídos enquanto nação ao longo de sua história através do processo de constituição dessa pátria além do processo de desenvolvimento interno e de seu expansionismo até o século XIX.

Importante destacar também a existência de outras divisões de diferentes autores que do mesmo modo tentam explicar o processo de formação dos Estados Unidos mas, para efeito deste trabalho vamos utilizar a divisão defendida por Cristina Soreanu Pecequilo em sua obra intitulada *A Política Externa dos Estados Unidos*, por entendermos ser essa uma periodização da evolução histórica mais didática e que, conseqüentemente, a que é mais concernente com nosso trabalho.

Podemos então encontrar neste primeiro período, a partir de 1776, uma espécie de padrão no comportamento dos Estados Unidos em relação ao exterior. Importante enfatizar que quando falamos na independência dos EUA estamos englobando todo o processo da Revolução Americana que abrange além de sua independência também o processo de consolidação do novo sistema republicano, incluindo a confirmação de sua Constituição, documento que está em vigor até hoje, também a corrida ou marcha para o oeste, que levou os Estados Unidos a se transformarem no quarto maior país do mundo, ainda o crescente fortalecimento do poder político, os avanços em sua modernização, o que inclui a Doutrina Monroe, além de sua zona de segurança criada, afinal de contas o cenário mundial era dominado pela Inglaterra e a França e era preciso se sobressair da força dessas potências.

Por sua vez, esse processo da Revolução Americana tem suas raízes por volta de 1740 em consequência da crescente percepção pelos americanos dos ideais de identidade, de fé, além de compartilharem um mesmo destino contra um inimigo comum, que era a Grã-Bretanha, o que irá culminar com a independência em 4 de julho de 1776.

Também sob a influência do Iluminismo, igualmente chamado de ilustração, este um movimento filosófico que surgiu na Europa e que vai chegar com força neste Novo Mundo influenciando sobremaneira as treze colônias americanas. Estas colônias vão passar a questionar cada vez com maior intensidade o domínio metropolitano. Ao final, após o sucesso dessa intensa jornada, as demais colônias do restante do continente americano vão também buscar sua independência.

Cabe ainda frisar que o modelo de colonização das colônias norte-americanas adotado pela Inglaterra foi bastante diferente dos demais territórios no continente, cito a América espanhola e América portuguesa. Enquanto estas colônias seguiam a risca o modelo do pacto colonial, ou seja, serviram apenas de colônias de exploração, já as colônias em especial no norte dos Estados Unidos, seguem um modelo diferente e surgem como colônias de povoamento. Mesmo que as colônias do sul dos EUA tenham se transformado em uma região de exploração, com latifúndios, mão de obra escrava e cultivo de produtos tropicais como tabaco ou mesmo o algodão, tudo exportado para a Inglaterra nos moldes do que ocorria no Brasil, por exemplo, tivemos nas colônias do norte a prevalência do domínio de médias e pequenas propriedades sendo a mão de obra livre, com o desenvolvimento do cultivo de variados produtos além da pecuária e, até mesmo, de uma pequena indústria naval. Podemos identificar assim uma clara diferenciação na sociedade estadunidense entre as colônias do norte e do sul. Enquanto que no norte predominava uma população composta de pequenos agricultores e proprietários, mas também de pequenos comerciantes, no sul encontrávamos uma sociedade composta por uma pequena elite de latifundiários enquanto que a maioria da população era composta por escravos africanos, onde, guardadas as devidas proporções, era análoga à sociedade no Brasil colonial.

Deixando mais claro essa diferenciação, temos que as 13 colônias norte-americanas gozavam de maior autonomia, mesmo independência se comparado com as colônias da América espanhola ou portuguesa. Mas, essa situação começou a mudar a partir da Guerra dos Sete Anos (1756-1763) ocorrida entre Inglaterra e França. O principal motivo foi porque os dispendiosos gastos com o conflito levaram a Inglaterra a aumentar os impostos em suas colônias para sanar parte de suas dificuldades financeiras provenientes com esta guerra. Logo, endurecendo o controle sobre as colônias e a criação de impostos como por exemplo, a Lei do Açúcar de 1764, vamos ter um crescente aumento da animosidade entre ingleses e norte-americanos que culminará com a independência. Com esta Lei do Açúcar, por exemplo, ficou proibido que esse produto fosse comercializado entre as colônias, o que prejudicava os comerciantes e produtores locais.

O que irritava os colonos não era tanto a Lei do Açúcar, mas a disposição da Inglaterra em fazê-la cumprir. Criou-se uma corte na Nova Escócia com jurisdição sobre todas as colônias da América para punir os que não cumprissem essa e outras leis (...) Ao indicar em sua introdução que seu objetivo era "melhorar a receita deste reino", a Lei do Açúcar torna claro o

mecanismo mercantilista que a Inglaterra pretendia. No segundo século da colonização, a Coroa britânica queria fazer as colônias cumprirem a sua função de colônias: engrandecimento da metrópole. Ficava clara uma mudança na política inglesa. (KARNAL, 2007, p. 76).

Seguiram-se outras leis como a Lei do Selo, de 1765, que definia a taxaço de impressos nas colônias, A Lei do Chá, de 1773, que cedia o controle do comércio do chá a Companhia das Índias Orientais, gerando um aumento de preços e crescente insatisfaço da população que vai levar ao famoso episódio da festa do chá de Boston, quando colonos se vestiram de índios, invadiram navios ingleses e jogaram toda a carga no mar gerando um grande prejuízo aos cofres ingleses. Por sua vez a Inglaterra reagiu duramente e decretou as chamadas Leis Intoleráveis, um conjunto de medidas punitivas por parte da Inglaterra em relação aos colonos.

As tensões aumentaram quando os colonos exigem a revogaço dessas medidas e diante da negativa dos ingleses os colonos aprovam e fundam os Estados Unidos da América pois a mudança se fazia presente no sentimento do povo que considerava,

Como uma das verdades evidentes por si mesmas que todos os homens são criados iguais; que receberam de seu Criador certos direitos inalienáveis, entre os quais figuram a vida, a liberdade e a busca da felicidade; que os governos foram estabelecidos precisamente para manter esses direitos, e que seu legítimo poder deriva do consentimento de seus governados; que cada vez que uma forma de governo se manifesta inimiga desses princípios, o povo tem o direito de mudá-la ou suprimi-la e estabelecer um novo governo, baseando-se naqueles princípios e organizando seus poderes segundo formas mais apropriadas para garantir a segurança e a felicidade. A prudência exige que os governos estabelecidos desde muito tempo não devem ser modificados por motivos fúteis e passageiros [...]. Mas, quando uma série de abusos e usurpaço convergem invariavelmente para o mesmo fim e demonstram o objetivo de submeter o povo a um despotismo absoluto, é direito do povo, e até seu dever, rejeitar tal governo e buscar novas garantias de sua segurança futura. Tal é a situação das colônias agora, e daí a necessidade que as obriga a mudar seu antigo sistema de governo. (GRIMBERG, 1981. p. 39).

Como esperado, a Inglaterra não aceita essa independência, o que vai acarretar uma guerra que vai durar cinco anos. Apenas após o apoio da França, que queria se vingar da derrota na Guerra dos Sete Anos, os Estados Unidos saem vitoriosos. Também contaram com apoio da Espanha nessa vitória pois, sozinhos dificilmente ou a duras custas conseguiriam confirmar sua independência. E assim,

em 1781 a Inglaterra é definitivamente derrotada mas, apenas em 1783 assinam o Tratado de Paris, reconhecendo a independência dos Estados Unidos.

Com uma importância histórica enorme, em 1787 é promulgada a Constituição dos Estados Unidos, que vigora até hoje, mas com a adição de várias emendas. Podemos verificar nela a influência do Iluminismo como entre outras características, o sistema de tripartição de poderes elaborada pelo Barão de Montesquieu, que por sua vez se divide em executivo, legislativo e judiciário, sistema que vai influenciar também a nossa primeira constituição republicana, de 1891. Importante frisar ainda que mesmo diante dos ideais de igualdade de todos defendida pelos iluministas, essa constituição vai deixar de fora as mulheres, os índios e ainda por cima não aboliu a escravidão, o que vai ocorrer apenas praticamente cem anos depois.

Neste primeiro momento a preocupação no cenário externo dos Estados Unidos é principalmente a consolidação de sua independência como também seu reconhecimento pelos demais países. Mas isso não poderia ser diferente haja vista até bem pouco tempo ser uma colônia e ainda estavam se organizando politicamente. Deste modo, podemos imaginar que a política externa neste primeiro momento ocupava um lugar secundário nos Estados Unidos, atuando para garantir a sua unidade nacional, distanciando-se da Europa no sentido de ser um país diferente do passado europeu e suas influências ou interferências negativas como as constantes guerras, criando um modo de vida novo, uma tarefa que não era fácil pois, como alertava George Washington em um de seus discursos, a influência externa é um dos mais perigosos inimigos do governo republicano. Devia-se, portanto, de certa forma, se isolar do mundo, mantendo apenas acordos temporários e necessários ao seu desenvolvimento, sem colocar em risco a democracia no país, fortalecendo assim a sua independência, ensinando pelo exemplo e sendo um guia para as demais nações, um pensamento que vai perdurar por muito tempo, pelo menos até o fim do século XX. Neste ínterim, apesar de hoje percebermos a presença dos Estados Unidos em todo o mundo, em todos os principais conflitos, neste primeiro momento eles buscaram o isolamento, o que significava não depender dos outros, com um distanciamento que visava o seu crescimento nacional. Contudo, isso não significava a total retirada dos assuntos mundiais, mas apenas naqueles que os favorecessem, numa espécie de unilateralismo, uma certa neutralidade que na prática era bastante pragmática pois, estava diante da realidade do país naquele primeiro momento.

Tendo sido confirmada a independência, a etapa posterior no desenvolvimento dos Estados Unidos foi o seu desenvolvimento interno, o que mesmo assim vai de certa forma estar ligada à política externa haja vista a busca pela ampliação de seu território. Mas, isso ligada aos interesses internos, num processo que não pode ser separado e que vai acabar transformando os Estados Unidos na potência do século XX. Temos então uma busca por ampliação de seu território que vai ocorrer principalmente na primeira metade do século XIX e que vai levar suas fronteiras da costa leste até a costa oeste através de ações militares, acordos diplomáticos e colonização na 'marcha para o oeste' que vai atingir o México, Espanha, França mas, principalmente os índios que vão ser dizimados nessa busca pela formação de um território continental.

Também é nessa primeira metade do século XIX que vamos ter a chamada segunda guerra pela independência dos Estados Unidos. Ocorrido entre 1812 e 1814, o conflito foi provocado pela junção de questões comerciais com disputas territoriais, sobretudo na região do Canadá. Apesar de não pretender recolonizar os Estados Unidos, esse conflito com a Inglaterra serviu para reafirmar o nacionalismo norte-americano e a sua doutrina do Destino Manifesto que nada mais era do que a tentativa de justificar a expansão territorial como sendo um "direito divino" que cabia aos Estados Unidos pois, ideologicamente estariam levando a democracia e paz as regiões conquistadas, o que seria do agrado de Deus, numa cruzada justificada assim pela fé que por sua vez aliava os interesses econômicos aos ideológicos. Ao mesmo tempo, esses interesses econômicos aliados a divergências políticas vão gerar uma acentuação das diferenças entre o norte, que era industrialista e protecionista, baseado no trabalho livre, enquanto que o sul possuía uma economia agroexportadora e baseado no trabalho de escravizados, o que vai acabar culminando na Guerra de Secessão, conflito este que vai durar de 1861 a 1865. Sendo uma guerra civil que vai matar mais de 600 mil americanos, como resultado do fim desta guerra tivemos a vitória do norte, o que significou o domínio do capitalismo industrial nos Estados Unidos, gerando uma enorme expansão da malha ferroviária quando vai costurar todo o país facilitando assim a circulação de produtos. Outra consequência importante da Guerra de Secessão foi a abolição da escravidão nos Estados Unidos após essa vitória do Norte contra o Sul, que era escravista. A abolição ocorreu em plena guerra civil no ano de 1863 quando o presidente estadunidense Abraham Lincoln decretou o fim da escravidão nos Estados Unidos, pagando com sua própria vida por essa atitude

já que acabou sendo assassinado por questões políticas ligadas a abolição. Oficialmente a escravidão nas Américas só permaneceria existindo nas colônias espanholas de Porto Rico, Cuba e também no Brasil que chegaria ao fim apenas em 13 de Maio de 1888 com a assinatura da Lei Aurea pela Princesa Isabel.

Com o fim da Guerra de Secessão temos o início de um período nos Estados Unidos de grande reconstrução nacional, com grupos antissegregacionistas lutando pela integração dos agora ex-escravos à sociedade. Tivemos ainda a ampliação do direito ao voto, a educação e distribuição de terras aos negros, mesmo estes tendo continuado sob ataque de grupos racistas como a Ku Klux Klan e Cavaleiros da Camélia Branca, em uma segregação que só vai chegar ao fim nos Estados Unidos oficialmente nas décadas de 50 e 60 do século XX após as lutas pelos direitos civis.

Economicamente após esse conflito tivemos um processo de grande aceleração industrial no país, com os Estados Unidos chegando à liderar nas décadas finais do século XIX a produção mundial agrícola e industrial graças a mecanização dos campos, construção de ferrovias e portos, gerando muitos empregos, o que por sua vez vai suscitar um grande fluxo de imigrantes europeus em direção aos Estados Unidos, tornando aquele país no mais industrializado do mundo no período, com esse poderio e riqueza evidentes a todos após a Primeira Guerra Mundial. Isso porque além de seu desenvolvimento foram também de certa forma favorecidos pelo seu distanciamento geográfico do centro do conflito, que era a Europa. Distanciamento esse que corroborou assim para a construção do império americano quando vão deixar de lado o isolacionismo para buscar uma expansão mundial após esse crescimento acima da média nessas últimas décadas do século XIX, o que vai jogar luz na teoria do Destino Manifesto sendo essa a confirmação no imaginário norte-americano do papel de liderança daquele país para levar a democracia ao mundo. Por sua vez, esse expansionismo buscava respaldo na crença do direito divino e que estavam predestinados a conquistar os territórios vizinhos aliado a seu crescimento natural para que assim pudessem levar a liberdade, fé e democracia a um território cada vez maior. Destarte, o poderio norte-americano no mundo hoje em dia apenas acabou de completar 100 anos.

Apesar de a participação dos Estados Unidos no cenário mundial ocorrer mais ativamente a partir da Guerra Hispano-Americana, de 1898, mas ela já foi sentida desde o advento da Doutrina Monroe a partir de 1823 e, posteriormente, após a Conferência Pan-Americana de 1889, onde irá se originar as ideias do pan-

americanismo e da “América para os americanos”, quando na prática o continente passou a ser parte do interesse dos Estados Unidos, inclusive estes agindo para evitar ameaças ao continente pois, se ocorressem essas seriam ameaças também aos Estados Unidos pois, a sua segurança nacional estaria em jogo afinal,

Quando a América Latina se separou dos antigos impérios coloniais já havia outros candidatos a substituí-los. A Espanha manteve a ideia da reconquista até meados do século XIX. No entanto, não teve forças nem prestígio suficiente para levá-la a cabo. Os ingleses, que já tinham algumas pequenas possessões, optaram pela conquista Econômica. (BRUIT, p. 23)

Isso nos mostra que os EUA tiveram que abandonar sua tradicional neutralidade ou isolacionismo no continente, passando a atuar para que a América permanecesse livre e independente das potências europeias e estas potências não se envolvessem nas questões americanas. Temos então a Doutrina Monroe como uma espécie de tentativa de liderança dos Estados Unidos no cenário americano, mostrando sua influência em toda a região, garantindo de tal modo a eliminação das ameaças externas no continente e conseqüentemente a manutenção da estabilidade em sua área de influência nos territórios vizinhos. Essa também era a ideia do pan-americanismo, só que sob uma ética econômica, sendo discutida na Conferência Pan-Americana realizada nos anos de 1889 e 1890 quando os Estados Unidos trataram de exercer sua hegemonia no continente comercialmente.

Podemos observar então uma mudança na política externa norte-americana a partir do final do século XIX e início do XX como acabamos de analisar. Enquanto de início os Estados Unidos adotaram uma postura isolacionista, a partir de agora passavam a atuar no cenário externo com mais intensidade, o que acabou sendo vital e necessário devido a seu crescimento econômico, o que vai levar a chamada “tese de fronteira” onde o progresso dos Estados Unidos dependia de sua continua expansão, ou seja, estendendo suas fronteiras numa correlação desta expansão com seu sucesso e prosperidade.

Aliado a tudo isso, dentro da conjuntura da política de portas abertas vai ser construído o império dos Estados Unidos, com ênfase no próprio continente perante a diminuição do poder dos países europeus nessa região, com estes tendo direcionado seu foco para o neocolonialismo principalmente no século XIX, quando vão partilhar entre eles a África, Ásia e Oceania, evento este apontado como uma das

causas da Primeira Guerra Mundial. Nesse contexto, a área de influência dos Estados Unidos vai permanecer principalmente em seu continente além do pacífico, considerada a etapa subsequente na marcha para o oeste, onde vão conquistar o Havaí e Filipinas por exemplo.

Se a América Latina não foi esartejada como a África, deve-se ao fato - é preciso reconhecê-lo - de ter tido, sem que houvesse solicitado, um tutor. Um tutor ousado, porque se atreveu a dizer que a América era para os americanos, no momento em que apenas tinha a ilusão de ser uma potência. No entanto, quando esse tutor se transformou em grande potência, mudou de discurso e gritou que era dono. (BRUIT, p. 23).

Todo esse processo mostra que os Estados Unidos viviam um período de transição, onde estavam abandonando o isolacionismo mas num processo que apenas vai se completar após a Segunda Guerra Mundial com uma adesão completa a uma política internacional. Porém, tivemos um processo gradual até chegar nessa política internacionalista e dois acontecimentos são considerados chave nessa mudança de posicionamento. O primeiro acontecimento foi a guerra Hispano-Americana, de 1898, já citado anteriormente, e a também citada política de portas abertas. A guerra Hispano-Americana é considerada por muitos como sendo o primeiro grande conflito em que os Estados Unidos participaram após a sua luta pela independência contra a Inglaterra. Nesse conflito os Estados Unidos ajudaram Cuba a expulsar os espanhóis, pois, de acordo com a Doutrina Monroe os estados americanos deveriam ser livres para escolherem sua forma de governo, afastando a ameaça de recolonização pela Espanha ou qualquer outro Estado Europeu que tivesse tais intenções nessa região afinal, a América deveria ser para os americanos. Com o desfecho do conflito e a consequente vitória contra a Espanha levando a independência de Cuba, os Estados Unidos conseguiram alcançar seus objetivos, ou seja, mantiveram a estabilidade regional e expulsaram a ameaça estrangeira, o que serviu de exemplo para o mundo pois, agora eles estariam prontos para fazer valer seus interesses, inclusive com o uso da força caso necessário, entrando agora no século XX com uma postura totalmente diversa da adotada nas primeiras décadas pós independência, afastando-se do isolacionismo na política externa.

O presidente Theodore Roosevelt assumiu o cargo e ficou de 1901 a 1909. Ele é considerado o primeiro presidente a atuar como sendo o líder do país mais poderoso do mundo, agindo com o objetivo de aumentar esse poder, essa influência, em

especial com o corolário Roosevelt, mensagem proferida pelo presidente que também ficou conhecido como a política do 'Big Stick' que significa grande porrete ou cacete, alusão a força que os Estados Unidos possuíam e que poderiam utilizar a qualquer momento caso necessário. E esse momento chegará rápido. No período de 1898 a 1934 os Estados Unidos vão atuar diretamente em mais de 30 intervenções militares ao longo de toda a América Latina, pois, era seu objetivo levar a prosperidade para os demais países do continente. Mas, na prática essa política satisfazia seus interesses econômicos e geopolíticos.

Observamos neste momento então um vislumbre do que será os Estados Unidos durante todo o século XX, com toda a sua influência na América Latina e que culminará com sua influência também sobre o Brasil, inclusive quando do objeto deste trabalho que é a participação de um integrante do projeto Peace Corps no município de Upanema entre os anos de 1968 e 1970. Temos portanto uma mudança clara na política dos Estados Unidos entre o início da república com esta que vai ser posta em prática a partir do início do século XX e um fato que vai contribuir sobremaneira para a mudança na política externa norte-americana foi a Primeira Guerra Mundial, isso porque nos primeiros anos do conflito, de 1914 a 1917, os Estados Unidos não irão participar diretamente do guerra haja vista esta ter ficado restrita principalmente a Europa ou a suas colônias na África e Ásia. Tudo mudou a partir de 1917 quando a tentativa de interferência alemã no México e ataques a submarinos norte-americanos os levaram a participarem mais ativamente do conflito. Na prática é importante visualizar que a Alemanha poderia ganhar a guerra e os Estados Unidos, por motivos econômicos e ideológicos, não poderiam deixar isso ocorrer.

A entrada dos Estados Unidos no conflito foi assim crucial para a derrota da Alemanha mas, a sua não participação direta nos processos de paz pós-guerra deram margem para uma paz punitiva para Alemanha, o que vai acabar gerando apenas 20 anos depois a Segunda Guerra Mundial. Essa ausência do cenário internacional foi devido principalmente a pressões domésticas ou seja, da opinião pública norte-americana, o que vai provocar um breve retorno a política isolacionista. Por isso tivemos a decisão pela não participação na Liga das Nações, organização criada no pós Primeira Guerra, quando deixaram claro para o mundo que o país não tinha interesse em ser responsável pela ordem mundial. Tudo isso mesmo após o Wilsonianismo, política externa de Thomas Woodrow Wilson, que foi presidente de 1913 a 1921, e que via a disseminação da democracia e liberdade no sistema

internacional como essencial para a paz. Mesmo após o papel importante no desfecho da Primeira Guerra, na construção da Paz, e sabendo que a estabilidade internacional estava cada vez mais diretamente ligada a seus interesses, os EUA procuram evitar uma política externa mais internacionalista neste período anterior a Segunda Grande Guerra dando uma nova guinada em direção a um isolacionismo que dessa vez irá durar pouco tempo.

O ingresso de forma definitiva na política externa mundial só vai ocorrer pós 1945 quando vence a ideia de que a segurança nacional e a política internacional estão diretamente interligadas, e que o desenvolvimento dos Estados Unidos passa por existir um cenário mundial que não seja hostil a seus interesses e que possam atrapalhar seu desenvolvimento e expansão. Seria preciso então agir de maneira mais direta, caso precise, em todo mundo e não mais apenas na América Latina ou ainda pelo exemplo, superando assim o isolamento do pós Primeira Guerra ocorrido nas décadas de 20 e 30, tudo isso com exceção da atuação em seu continente, apenas buscando um desligamento do continente europeu. Claro que esse isolamento do período entre guerras foi agravado ainda mais pela crise econômica de 1929, crise esta que vai atingir todo mundo e seus efeitos serão sentidos por toda a década de 1930.

A crise econômica em decorrência da destruição ocasionada pela guerra contribui para o surgimento de regimes totalitários fortes como a Alemanha nazista de Hitler, a Itália fascista de Mussolini e ainda o poder crescente do Japão no Pacífico que inclusive, vai ser contra o Japão que os Estados Unidos voltam ao cenário mundial entrando na Segunda Guerra após ter sua base de Pearl Harbor, no Havaí, atacada pelos japoneses em dezembro de 1941. Só um ataque direto como esse para convencer a opinião pública e o congresso norte-americano a entrar na guerra, haja vista que até aquele momento do conflito a participação dos americanos se concentrou em fornecer armas, empréstimos e outros suprimentos que os aliados necessitavam.

O fato é que no contexto mundial o isolamento americano, caso continuasse, poderia levar a vitória das potências do eixo, principalmente a Alemanha na Europa e o Japão no Pacífico, o que automaticamente geraria perigo para os EUA com o poderio dessas potências rivais, colocando em cheque o que eles tanto prezavam, ou seja, sua segurança nacional. Nesse ponto, é importante destacar a necessidade dos Estados Unidos de planejar o pós-guerra para evitar que a mesma situação que

ocorreu na Primeira Guerra não voltasse a ocorrer agora após a Segunda Guerra. A conclusão portanto foi de que seria necessário abandonar totalmente essa política isolacionista e assumir definitivamente sua responsabilidade como líder mundial, o que de fato vai ocorrer para evitar o surgimento de uma potência inimiga com forças para proferir um ataque extracontinental.

Importante ressaltar que nesse desejo norte-americano de afastamento da política internacional não estava incluso o seu relacionamento com a América Latina pois sua ligação com esse continente continua, sendo os Estados Unidos o líder quase que incontestado da região, assumindo o papel de protetor contra a política externa dos rivais, principalmente europeus. Seguiram ainda a Doutrina Monroe, explicada anteriormente, com suas intervenções que buscavam implementar a liberdade e democracia no continente mesmo que com o passar do tempo tenha ocorrido adaptações nessa política como por exemplo uma diminuição das intervenções militares, maiores investimentos e empréstimos, impulsionando o comércio nessa região do mundo, fruto da implementação da política de boa vizinhança que acabou incentivando o desenvolvimento regional. Essa situação deu nova guinada na política internacional dos Estados Unidos no pós-guerra. Acabaram voltando as intervenções militares ou as interferências, estas sendo o mais comum pois agiam de forma indireta, disfarçada, mas dentro de sua nova política internacional.

Deste modo, podemos perceber claramente na evolução histórica dos EUA uma mudança de atuação no pós Segunda Guerra em relação ao que vinha sendo vivenciado até então em seu desenvolvimento como nação, no que podemos chamar de período de formação dos Estados Unidos. Esse perfil onde era priorizado seu afastamento das questões externas foi definitivamente deixado de lado, ou seja, essa política unilateral e o isolacionismo mudou agora para uma política de atuação global com o objetivo de manter o interesse americano em primeiro lugar ao não permitir que nenhum outro estado mundial atrapalhasse seu desenvolvimento e seus objetivos, sendo essa sua agenda principal em se tratando da política externa após a Segunda Guerra Mundial. Portanto, fica evidente esse abandono por definitivo do perfil mais tradicional, que era o isolacionista, para o internacionalista visando-se alcançar seus objetivos e manter sua hegemonia. Como vimos, as bases desse pensamento foi proposto pelo presidente Wilson após a Primeira Guerra mas foi abandonado durante praticamente todas as duas décadas seguintes, voltando com força apenas após a Segunda Grande Guerra. Agora, com estratégias visando a construção de uma nova

ordem mundial onde a democracia imperasse e assim, se evitasse um novo conflito. Desta vez com uma mudança importante se comparada com a Primeira Guerra pois, surgiu o comunismo soviético com grande força, modificando a geopolítica global. Era necessário não cometer os mesmos erros do pós Primeira Guerra, construindo-se uma ordem mundial mais estável. É nesse contexto que é criado em 1948 por exemplo, a Organização das Nações Unidas –ONU, com os devidos cuidados para não se repetir o fracasso que foi a Liga das Nações, organização criada após o desfecho da Primeira Guerra e que não conseguiu evitar um novo conflito que era sua principal missão.

É nesse momento também que os Estados Unidos começam a manter tropas e bases em países da Ásia e da Europa, quebrando a ideia inicial do presidente George Washington quando este defendia que os Estados Unidos não deveriam manter alianças permanentes com outros estados pois isso poderia prejudicar seus interesses. Definitivamente a atuação mudou radicalmente, sempre em nome da paz, democracia e liberdade. Essa era a nova ordem que estava sendo criada pelos EUA com o engajamento de países aliados favorecidos desta vez pela equidade e cooperação e não agressivamente neste primeiro momento até porque, se formos olhar com maiores detalhes, os Estados Unidos continuaram aliados da União Soviética até de fato 1946. O ano de 1947 é considerado o início da Guerra Fria entre os Estados Unidos e a União Soviética, onde temos de um lado a potência capitalista e seus aliados e, de outro, o socialismo e seus aliados. Essa disputa marcará as próximas décadas da história mundial.

Cercada por mitos e impregnada de intensa propaganda oficial, a expressão “guerra fria” se baseia num princípio fundamental: a partir do fim da II Guerra Mundial, e particularmente a partir de 1949 (ano em que a União Soviética produziu a sua primeira bomba atômica), tamanho era o poderio militar (nuclear) dos Estados Unidos e da União Soviética, que evitavam se destruir, passando a se chocar diplomaticamente em locais onde não haveria risco de conflito nuclear. Esta seria a equação básica para as relações internacionais e, na medida em que o conflito EUA x URSS é ideológico e de aniquilação mútua, o mundo teria de se posicionar entre um e outro, formando áreas de influência e blocos diplomáticos. A verdade oficial (proclamada tanto pelo governo norte-americano como pelo governo soviético), que a propaganda inculca numa ou noutra população, era de que, enquanto uma nação tentava se defender, a outra se expandia, e tudo não passava de uma formidável luta entre a liberdade e a tirania, a defesa da paz contra o expansionismo militarista. (BARROS, 1988, p. 5).

Destarte, a ascensão do comunismo representava, sob a ótica norte-americana, uma ameaça não apenas a sua democracia como a de todo o mundo, arregimentando a opinião pública dos Estados Unidos em torno desse problema e a necessidade de ação diante do expansionismo soviético, quando vai surgir a chamada Doutrina Truman, onde o então presidente explicita a necessidade de uma política externa mais ativa, cuidando da liberdade mundial através da política de contenção do comunismo soviético. Podemos dizer então que o programa Peace Corps, que vai ser criado mais à frente, tem suas raízes também nessa política iniciada em 1947 que visava combater o crescimento da ideologia comunista da União Soviética. Fica claro que ao longo dos anos essa política de contenção foi se expandindo, aperfeiçoando e aumentando. Como exemplo temos o lançamento do programa conhecido como NSC 68 (National Security Council) de 1950. Até aquele momento a contenção estava focado mais na Europa e a partir de agora seria expandido para o mundo todo.

Podemos então afirmar que o internacionalismo norte-americano foi definitivamente implantado após 1947 com o Plano Marshall e o completo abandono da política isolacionista. Claro que ao longo de toda a Guerra Fria tivemos períodos de maior ou menor intensidade dessa política, com avanços e retrocessos mas, o fato é que agora era sem volta, o país estava engajado nas questões mundiais assumindo o papel de maior liderança dentre todos, uma espécie de guardião da liberdade e da democracia. Para isso a participação e atuação americanas no desenrolar de conflitos era imprescindível como deixa claro o presidente Bush quando diz que,

Assim como Roosevelt e Johnson prometeram que não os enviariam para as suas guerras, George W. Bush, em 11 de março de 2002, proclamou: "We will not send American troops to every battle, but America will actively prepare other nations for the battle ahead". [Tradução livre: "Nós não enviaremos tropas estadunidenses para todas as batalhas, mas os EUA irão atuar para preparar outras nações para a batalha à frente".] (BANDEIRA, 2005. p. 684).

Importante frisar que no governo de Kennedy tivemos o que muitos classificam como o fim da primeira fase da Guerra Fria, fase esta chamada de Confrontação. Essa fase culminou com a crise dos mísseis de Cuba em 1962. A partir daí teve início a fase denominada de Coexistência, que vai de 1963 até 1969. Os anos 60, especialmente nos Estados Unidos, foi um período de luta pelos direitos civis, o que afetou também a política doméstica, onde estes viviam o período da chamada 'novas fronteiras' visando impedir o avanço do comunismo no terceiro mundo.

Vai ser com a Guerra do Vietnã que vamos ter a perda de apoio popular dentro dos Estados Unidos da política de Contenção. Era o fim do apoio da opinião pública a essa política externa.

O chamado terceiro mundo não ficou de fora da política externa dos Estados Unidos. Durante a Guerra Fria a Contenção que se iniciou pela Europa, depois Ásia, também chegou a esses países em desenvolvimento da América Latina, ora com maior intensidade, ora com menor, mas sempre atuante haja vista os EUA tratar a região como seu quintal e que por isso não demandava grandes riscos em relação ao avanço soviético. Assim, apesar de termos logo após a Segunda Guerra a criação do Tratado Interamericano de Assistência Recíproca – TIAR, assinado na Conferência do Rio de Janeiro em 1947, e criação da Organização dos Estados Americanos – OEA criado em 1948, como também acordos e tratados bilaterais, esse período Inicial não foi de muita ação dos Estados Unidos na América Latina, principalmente devido a sua situação confortável na região como explicitada acima. Essa situação começou a mudar após a percepção de que a ameaça comunista merecia uma maior atenção na região, o que vai ocorrer principalmente após a Revolução Cubana e a chegada de Kennedy ao poder. O marco nessa política para a América Latina sem dúvidas foi a criação da Aliança para o Progresso em 1961. Essa organização buscava, através do combate à pobreza, evitar a instabilidade na região com ações tanto econômicas quanto políticas para assim impedir o avanço soviético. É possível então afirmar que a Aliança para o Progresso conseguiu seu objetivo pois, pelos próximos 18 anos, até a revolução na Nicarágua, não tivemos a expansão comunista na América, mesmo o programa sendo meio que esvaziado após a morte de seu grande incentivador, o Presidente Kennedy, inclusive com a volta do desinteresse dos Estados Unidos pela região a partir da chegada ao poder de Nixon em 1969.

A partir dos anos de 1970 temos o caminho para o fim da Guerra Fria, o que vai ocorrer simbolicamente para muitos em 1989 com a queda do muro de Berlim ou, com a derrocada definitiva da União Soviética ocorrida em 1991. Infelizmente esse período da história norte-americana extrapola o lapso temporal do nosso trabalho e por isso não iremos abordá-lo. De igual modo, a política de Contenção ao comunismo e a União Soviética continuou até seu fim.

2 – MISSÃO: ENCONTRAR JAIME AMERICANO

Entre os anos de 2003 a 2013 participamos ativamente do periódico chamado Jornal de Upanema, onde inclusive ocupamos o cargo de Diretor Geral. Como historiador formado na academia aliado a prática fornecida pelo Jornal além de também pelo blog de notícias Upanema News (2006 a 2016), fomos aos poucos criando um faro natural para fatos relevantes que tivessem o poder de despertar a curiosidade nos leitores e no público em geral, afinal, eram eles quem nos prestigiavam diariamente lendo nossas matérias. Foi assim por exemplo, que conseguimos descobrir o paradeiro do senhor Antonio Rodrigues de Carvalho, upanemense de nascimento³ e que ainda criança migrou para a vizinha cidade de Mossoró e se tornou prefeito daquela cidade por duas vezes, de 1958 a 1963 e de 1969 a 1973. Também foi eleito deputado estadual, e nesse período foi autor da Lei Estadual nº 874, que emancipou Upanema do julgo campo-grandense, como narra o Hino Municipal. O fato é que após muita pesquisa na internet, numa época em que na cidade de Upanema praticamente só existia internet na Escola Estadual Calazans Freire⁴, e mesmo assim uma internet de péssima qualidade, conseguimos encontrar o telefone de Antonio Rodrigues de Carvalho e seu endereço na vizinha cidade de Mossoró. Estamos falando do ano de 2003 e nesse período em nossa cidade Antonio Rodrigues era uma figura que só aparecia nos livros e nas histórias contadas pelos mais velhos, ninguém sabia de seu paradeiro, nem ao menos que era de nossa cidade ou se estava vivo. Por fim, ligamos e agendamos uma entrevista que foi a estreia do Jornal de Upanema, sendo um total sucesso no lançamento do Jornal em outubro de 2003 com direito a palestra de Antonio Rodrigues no Clube Municipal para o público que lotou as suas dependências querendo conhecer o homem que emancipou nossa cidade.

³ Antonio Rodrigues conta em entrevista feita por nós a época para o Jornal de Upanema, que nasceu no Sítio Capim Grosso, a cerca de 2 quilômetros da sede da cidade. O sucesso de sua entrevista foi tão grande que a segunda edição do Jornal de Upanema trouxe mais uma entrevista com ele, numa espécie de continuação, em novembro de 2003. Apelidado de Toinho do Capim, em sua campanha política memorável, ele nos deixou em 2009.

⁴ Antes denominada de Escola Cenecista e ainda Neo Bezerra, o nome completo da referida instituição hoje é Escola Estadual José Calazans Freire, Ensino de 1º e 2º Graus, estadualizada no ano de 1992. Para efeito de nosso trabalho vamos sempre referir pelo nome mais conhecido na cidade que é apenas Escola Calazans Freire.

Contamos essa história para ilustrar e sonhar com a possibilidade de realizar um evento de tamanha grandeza para nossa história e nossa cidade, dessa vez com a figura de Jaime, caso conseguíssemos encontrá-lo.

Desse modo, dezessete anos depois, mais precisamente no dia 19 de abril de 2020, lembramos dessa história de Antonio Rodrigues e conseqüentemente nos veio à mente esse outro personagem. Imaginamos que com o desenvolvimento das novas tecnologias dessa vez seria possível encontrá-lo. Caso ainda estivesse vivo, contaria com mais de 70 anos de idade e 50 anos sem ninguém em Upanema saber o que aconteceu com "Jaime Americano".

De igual modo, foi também nas reuniões do Jornal de Upanema que pela primeira vez ouvimos falar na estranha história desse americano que veio morar em nossa cidade no final da década de 60. Desde então esse fato não nos saiu da memória. Um dos fundadores do jornal, o pesquisador José Mário, chegou a fazer buscas na internet no início dos anos 2000 atrás de descobrir o paradeiro de Jaime, sem basicamente quase nada encontrar. Mesmo assim, nos veio aquela intuição e pensamento positivo de que se conseguimos encontrar Antonio Rodrigues de Carvalho numa época mais difícil, hoje com o desenvolvimento da tecnologia, também descobriríamos o paradeiro desse tal Jaime Americano!

O primeiro passo então foi entrar em contato com quem já tinha pesquisado sobre esse personagem para saber o que ele tinha encontrado e onde tinha parado em suas buscas. Foi assim que entramos em contato com José Mário no dia 19 de abril de 2020, quando na oportunidade enviamos a seguinte mensagem via rede social que ora transcrevemos:

- Amigo, boa tarde. Pesquisando sobre Jaime americano, a mulher do Hotel (Nilba, filha de Dona Maria Romana, proprietária do Hotel Central) disse que mostrou a você uma vez uma carta dele. Você sabe o nome correto e o sobrenome dele?

Zé Mario responde:

- Jaime Cândido Shapiro, se não falha a memória. Provavelmente se ele chegou ao Brasil com 20 anos em 1969 atualmente deve estar com mais de 70 anos. Vou tentar encontrar a foto que fiz da carta e quando encontrar lhe envio.

A princípio poucas informações mas já era o começo para quem não tinha praticamente nada além da vaga lembrança dessa história.

- Vou achar esse cabra! Jayme ou Jaime? Estranho porque Cândido não é nome inglês. A História desse cara é muito estranha, era o que pensava no momento.

No dia seguinte, ansioso para dar continuidade as nossas pesquisas, volto a cobrar Zé Mário pelas informações prometidas:

- Boa noite. Mais alguma informação? Acho que se a gente descobrir esse cara dá um livro!

Zé Mario diz: Concordo. Vou tentar encontrar o arquivo no HD⁵.

Uma hora depois Zé Mário retornou com a imagem da única foto que tínhamos de Jaime Americano e uma imagem da carta que ele escreveu quando foi embora de Upanema e nunca mais retornou!

Figura 1 - Único registro de Jaime Americano que existia em Upanema.



Fonte: acervo Jornal de Upanema

2.1 – Buscas na internet

Depois de muito procurar e pouco ou nada encontrar, nos deparamos em nossa pesquisa com um projeto do governo americano que nunca tínhamos ouvido falar em todas as nossas leituras. Este projeto enviou para o Brasil e o mundo milhares de

⁵ Hard disc em inglês, o disco rígido do computador onde ficam armazenadas os arquivos.

americanos, sendo denominado de Peace Corps. Tivemos de imediato a certeza de que Jaime Shapiro fazia parte dessa organização. Naquele momento não sabíamos que existiam outras organizações dos EUA com atuação no Brasil e no mundo e que Jaime poderia simplesmente fazer parte de outro projeto como a US AID, que era outra organização atuante no período ou ainda o programa Aliança para o Progresso. Apesar do caráter científico essa é a típica situação que não conseguimos explicar pois de imediato sentimos ali seria o 'esconderijo' de Jaime.

Focamos então nessa organização, o Peace Corps, sem saber exatamente o que iríamos encontrar. Depois do tradicional Google, onde encontramos apenas informações gerais sobre o programa, fomos pesquisar na rede social Facebook. Lá foi quando descobrimos um grupo chamado de Peace Corps Brazil, que tem como um dos seus objetivos juntar principalmente americanos ex-voluntários que participaram do projeto e usam esse grupo para compartilharem suas histórias vividas em nosso país. Eram 390 membros no grupo, praticamente todos sexagenários que deixavam claro que amam nosso país e sempre trocam informações, fotos e principalmente lembranças sobre o projeto.

Solicitamos a entrada no grupo. Era o dia 24 de abril quando escrevemos no grupo a seguinte mensagem pedindo ajuda para encontrar nosso personagem:

"Pessoal, procuro informações sobre um dos voluntários que residiu em minha cidade, Upanema/RN. O nome dele era Jaime Shapiro. Tenho uma foto também. Quando ele foi embora ainda escreveu uma carta de Nova York mas não tivemos mais notícias. Alguém pode ajudar? Sabem como procurar?"

Nesse momento nossa esperança reascendeu quando surgiu o senhor Richard Greene com informações importantes:

"Silva Júnior, minha cunhada o conhecia, pasme. Ele retornou para sua casa em Nova Iorque (cidade) em 1970, após talvez 3 anos em Upanema. Ela falou com ele por telefone em dezembro daquele ano, mas foi seu último contato. É só.

Em tempo: Se for procura-lo nos EUA, saiba que seu nome não eh "Jaime", deve ser James ou Jim. Era tradicional os Voluntários usarem a tradução dos seus nomes para o português. E o "Cândido" que escreveste mais me parece um chiste do próprio Jaime, reclamando mais autenticidade⁶.

⁶ Para efeito deste trabalho, quando transcrevermos mensagens ou conversas com entrevistados e pessoas que contribuíram com o trabalho vamos colocar o texto conforme nos foi enviado, sem

De volta a internet, mas com um campo de buscas ainda mais complicado! Estamos procurando um Jaime Shapiro que provavelmente não se chama Jaime Shapiro! E agora? Só nos restava procurar, e foi o que fizemos incansavelmente. Procuramos em sites americanos que abordavam o Peace Corps, sites do Governo americano, bibliotecas, universidades, redes sociais como Instagram, Facebook, LinkedIn, Twitter e nada! Apenas pistas que não levavam a lugar algum.

Foi aí então que tudo mudou. Era o dia 2 de maio, as 23h17, quando resolvemos voltar ao grupo do Peace Corps no Facebook. Se alguém sabia de algo que pudesse nos ajudar só podia ser um dos integrantes daquele grupo. Enviamos então a seguinte mensagem em inglês, com a ajuda do Google Tradutor, claro...

Have any of you met Jaime Shapiro? (Algun de vocês conheceu Jaime Shapiro?) Abaixo da mensagem postamos a foto de Jaime que Zé Mário havia nos fornecido.

Podemos confessar que a esperança era pouca, seria uma última cartada pois já estávamos quase desistindo. Jaime Americano tinha desaparecido sem deixar rastros! Mas de repente uma mensagem em inglês de um dos integrantes do grupo, chamado John Redwood, que transcrevemos abaixo mudou tudo:

I was part of the group from Harvard who came to Brazil with Jim in July 1968, but I went to Goias and he went to the Northeast — Rio Grande do Norte I believe. According to our 50th class reunion book, which came out two years ago, he wad living in New York city, but there was no other information about him except an address (xx E. xxst St., Apt. A, New York, NY xxxx-xxxx) and a phone number (xxx-xxx-xxx⁷). However, I don't know if this is still current and I never ran into him again after we arrived in Rio in July 1968. (Eu fazia parte do grupo de Harvard que veio ao Brasil com Jim em julho de 1968, mas fui para Goiás e ele foi para o Nordeste – Rio Grande do Norte, acredito. De acordo com nosso livro de reunião da 50ª classe, lançado há dois anos, ele morava na cidade de Nova York, mas não havia outras informações sobre ele, exceto um endereço (xx E. xxst St., Apt. A, Nova York, NY). xxxxx-xxxx) e um número de telefone (xxx-xxx-xxx). No entanto, não sei se isso ainda está atual e nunca mais o encontrei depois que chegamos ao Rio em julho de 1968.)

correções de português e mantendo inclusive a linguagem da internet, com suas abreviações e erros por exemplo, para evitar uma possível perda de algum detalhe do original.

⁷ Substituímos as informações de endereço e telefone contido na mensagem original para dar maior privacidade ao biografado.

Sim, ele estava morando no mesmo endereço 50 anos depois! Para nós era uma surpresa. O endereço já possuíamos, inclusive já tínhamos visitado ele através do Google Street View, plataforma que permite um tour virtual pelo mundo todo. Nos deparamos com um prédio com centenas de apartamentos e lojas no térreo, mas nenhum número de telefone. Também encontramos alguns apartamentos a venda e para alugar no prédio. Apenas para constar, entramos em contato com uma loja de doces do prédio através do Instagram mas até hoje não visualizaram e não responderam. Também tínhamos entrado em contato com um blogueiro brasileiro que trabalha em Nova York para ver se ele poderia ir ao local, inclusive pagando para isso. Mas ele disse que devido a pandemia não poderia ir fazer esse trabalho.

Mas, voltando as informações fornecidas por John Redwood, ele agora nos forneceu algo muito mais relevante, ele forneceu um número de telefone! Agora a situação melhorou consideravelmente. Jaime Americano não nos escapava mais! Vamos ligar pra ele agora!

Figura 2 - Grupo do Peace Corps no Facebook que ajudou a encontrar Jaime.



Peace Corps Brazil >

🔒 Grupo Privado · 390 membros

Fonte: reprodução da internet. Acessado em maio de 2020.

2.2 - O que era o programa Peace Corps

O programa Peace Corps foi lançado pelo presidente norte-americano John Fitzgerald Kennedy no ano de 1961. Ele tinha a missão de promover a paz mundial e a amizade entre as nações, sendo elencado como seus três objetivos principais o de ajudar a todas as pessoas interessadas nos países em que eles venham a atuar, fazer com que os povos atendidos tenham um maior contato com a cultura norte-americana e conheça melhor os Estados Unidos e, por outro lado, que também o povo americano venha a conhecer melhor outros povos e outras culturas através dos voluntários. Existia, portanto, a crença de que esses jovens voluntários pudessem através da seção de seu tempo, seus talentos, habilidades enfim, mediante suas qualidades contribuir de maneira significativa para transformar a vida das populações a que eles venham a manter contato e também o seu próprio país.

Claro que podemos questionar essa espécie de missão civilizatória ou pretensa superioridade cultural ao se buscar ajudar povos subdesenvolvidos, em uma linguagem da época ou, em desenvolvimento, em termos mais atuais. Mas ao se analisar em contexto, a política do Peace Corps não tinha essa característica de superioridade cultural, estando presente apenas no discurso dos críticos do programa. No entanto, fica evidente e inquestionável a superioridade econômica dos EUA além do mais, os Estados Unidos tinham praticamente acabado de sair de duas guerras mundiais além da grande depressão de 1929 e mesmo assim permaneciam como a principal potência mundial dando vazão ao espírito capitalista. Por isso, muitas vezes o programa foi acusado de apenas ser mais um projeto de manutenção e expansão do imperialismo norte-americano, mas, como veremos no decorrer do trabalho, se esse era o interesse do governo norte-americano, por sua vez, não era o interesse dos voluntários que entraram para fazer parte desse programa.

O Peace Corps ou, na sua tradução os Corpos da Paz, eram voluntários e, portanto, basicamente não recebiam salários, apenas uma espécie de bolsa que dava para uma vida modesta no país a que fosse enviado. Esse valor era o suficiente para despesas com acomodação, alimentação, saúde e etc. Mesmo assim não faltaram candidatos a deixar sua terra e enfrentar os desafios de um país desconhecido. Foi assim que vieram para cá mecânicos, professores, engenheiros, agricultores,

enfermeiros, médicos, artesãos, ou seja, as mais variadas profissões no universo de milhares de voluntários que começaram a se espalhar pelo mundo.

Como eles não foram convocados, mas se voluntariaram, em sua maioria essa espontaneidade na escolha se deu porque acreditavam no ideal de ajudar ao próximo e prestar serviço ao seu país. Claro que existem relatos de que alguns preferiram esse caminho para fugir da Guerra do Vietnã⁸ que ocorria no período, inclusive com o partido Republicano acusando o programa de servir de ponto de fuga para os desertores que não queriam ir para a Guerra. Mas, na verdade estes foram uma minoria de acordo com relatos de numerosos voluntários. Predominou na escolha de ser voluntário da paz o idealismo e espírito de determinação, fé na democracia e nos valores dos Estados Unidos.

Ao contrário do que se pode imaginar, não era tão fácil servir no Peace Corps. Não era de forma alguma qualquer pessoa que poderia ingressar na entidade. A aprovação só ocorria mediante uma seleção rigorosa que contava com entrevistas, testes físicos e mentais, afinal de contas, eles iriam enfrentar situações adversas nos quatro cantos do mundo, em culturas e condições climáticas totalmente diferentes do que estavam acostumados nos Estados Unidos. Como se não bastasse, o Federal Bureau of Investigation dos Estados Unidos, mais conhecido aqui pela sua sigla, o FBI, vasculhava a vida do candidato a voluntário, todo seu passado para saber se o pretendente a vaga preenchia todos os requisitos necessários para fazer parte da organização. Mesmo existindo poucas regras de acesso como por exemplo, a idade mínima que era de 18 anos e não existindo idade máxima, muitos ficavam pelo caminho, não sendo aprovados.

“Mas a decisão foi a de não diminuir o rigor do processo seletivo, que incluiria várias etapas. Muitos já eram vencidos na primeira, que implicava o preenchimento de doze páginas de um questionário, indicando seis referências pregressas (colégios, empregos, etc.). Obtendo resposta positiva, havia um exame escrito que durava cerca de 6 horas e, uma vez alcançada a aprovação, exame médico e psiquiátrico, além da checagem pelo Civil Service ou FBI. Vencendo todas essas etapas, o candidato era convidado a iniciar o treinamento, que implicaria em avaliações permanentes”. (AZEVEDO, 2007, p. 72 e 73).

⁸ A Guerra do Vietnã foi um conflito armado entre o Vietnã do Norte, que tinha apoio da União Soviética, e do Sul, que recebia o apoio dos EUA. Ele ocorreu entre 1959 e 1971 e está incluído no contexto das disputas ideológicas da Guerra Fria.

Portanto, existia um treinamento sério e bastante rigoroso. Na primeira fase desse treinamento, que durava alguns meses, você também estudava um pouco do país para o qual seria enviado e tinha que aprender o básico do idioma, como tão bem nos ensina Cecília Azevedo na obra *Em Nome da América: “o treinamento, contratado junto as universidades, cobriria um período de seis semanas a seis meses, incluindo, além de filosofia e táticas comunistas, idioma, prevenção de doenças e adaptação as condições locais – o cross – cultural – training – e o treinamento técnico”*. ((AZEVEDO, 2007, p. 69).

Chegando no país de destino eles não possuíam qualquer vantagem como imunidade ou proteção especial por ser um americano, ou seja, nenhum privilégio, basicamente tinham que se adaptar, prosperar e buscar desenvolver os projetos de sua área de atuação. Caso não se adaptasse ou tivesse algum problema, de saúde por exemplo, ou mesmo algum desvio de conduta, o voluntário podia abandonar o programa a qualquer momento e voltar para casa ou então ser desligado nos casos de descumprimento das regras impostas pelo programa. De acordo com relatos dos voluntários, o Brasil apresentava um baixo índice de desistentes, abandonos do programa, se comparados com os voluntários em outros países do mundo.

2.3 - Encontramos Jaime Americano!

Finalmente na madrugada do dia 3 de maio, (por volta das 4 da manhã) tivemos a confirmação das informações que nos levariam a finalmente descobrir o paradeiro definitivo do nosso personagem. A madrugada foi de muita pesquisa até que descobrimos um site chamado Spokeo⁹, nele identificamos que o número de telefone correspondia ao morador do endereço que possuíamos, a xx east xx street, New York. James Shapiro estava próximo, restava agora ligar e saber como ele estava. Fácil?! Nem um pouco! Conferimos o fuso horário e Nova York, era duas horas a menos que o Brasil, logo, também era madrugada, melhor aguardar o novo dia então.

⁹ O serviço oferecido pelo site é pago e em dólar. Felizmente na função gratuita permite ver algumas poucas informações que acabaram servindo para confirmar as informações que já sabíamos e acrescentou outras.

Assim que despertamos pela manhã voltamos quase que de imediato ao computador. Dessa vez para pesquisar uma forma de como ligar para os Estados Unidos, uma vez que existem códigos de área diferentes e sem contar as taxas e tarifas internacionais cobradas pelas operadoras de telefonia. Depois de algumas pesquisas e para evitar perder mais tempo, pois a ansiedade já nos consumia, decidimos ligar diretamente através de celular, mesmo sabendo que seria caríssimo. Para nossa surpresa, mesmo colocando o número e códigos corretamente a ligação não completava. Voltamos então a pesquisar sobre outras formas de ligar para os EUA. Foi quando descobrimos que você poderia ligar gratuitamente por um aplicativo chamado Google Hangouts¹⁰. Imediatamente instalamos o aplicativo no celular e mais uma frustração, não aparecia o teclado numérico como os tutoriais apresentavam na internet. Pensamos que poderia ser porque só funcionava pelo computador e mesmo com pouca esperança fomos fazer o teste no computador quando para nossa felicidade deu certo, afinal, ao menos a opção de ligar existia. Digitamos o número e em seguida clicamos em ligar quando de repente ouvimos uma mensagem de áudio: the number you dial is not in service (o número que você discar não está em serviço) Nova decepção. Mas tentamos novamente e dessa vez começou a chamar!

Podemos confessar que o coração acelerou! Se alguém atender o que vamos falar? Não sabemos falar inglês! Não preparamos nada! Tínhamos tão pouca esperança de conseguir que não pensamos ou planejamos o passo seguinte! O telefone tocou uma vez, duas vezes e na terceira vez alguém atendeu:

-Hello!

De repente surgiu uma inspiração e resgatamos um vocabulário em inglês que nem imaginávamos possuir!

- I'am from Brazil, i'am looking for Jaime Shapiro.

- Hi, É Jaime Shapiro aqui!

Assim mesmo, em Português! 50 anos depois ele não havia esquecido nosso idioma. Foi assim que pelos próximos 56 minutos nos comunicamos facilmente, ora em inglês e principalmente em Português além de uma mistura dos dois idiomas. Aproveitamos para trocar contatos de email, celular e combinar novas conversas. Para todos os efeitos antes do diálogo colocamos um programa para gravar e assim registrar a conversa caso conseguíssemos.

¹⁰ Esta plataforma de comunicação foi descontinuada em 2021. Ela pertence a gigante Google e possibilitava a utilização de mensagens instantâneas, chat de vídeo, SMS e VOIP.

Quando encerramos a ligação pelo Google Hangouts resolvemos mandar uma mensagem de texto para o novo número de celular que ele havia nos informado. Vocabulário simples, mas era apenas para confirmar o contato, assim dizia a mensagem:

“Iam Silva from Brazil, Upanema”

Mensagem enviada ao meio dia e 17 minutos deste mesmo dia 3 de maio de 2020. Dois minutos depois, ao meio dia e 19 minutos veio a seguinte mensagem:

“Jaime Candido de Nova Iorque, Estados Unidos. Com uma coracao tao cheio de saudades”.

Sentimos novamente um misto de felicidade, realização e sensação extasiante de ter a oportunidade de contar essa bonita história de nossa cidade.

Figura 3 – Jaime Earnest Shapiro, em 2020, aos 74 anos.



Fonte: James Shapiro

2.4 - Aliança Para o Progresso

É necessário que, para um melhor aprofundamento sobre o Programa Peace Corps, conheçamos um pouco mais a história da política adotada pelo governo

Kennedy dentro do seu programa denominado de Aliança para o Progresso, o qual os voluntários da paz estavam relacionados.

O programa Aliança para o Progresso nada mais foi do que uma iniciativa idealizada pelo presidente norte-americano John Kennedy e colocada em prática pelo governo dos Estados Unidos frente a expansão do comunismo soviético na América, haja vista a crescente aproximação da URSS com Cuba após o golpe que levou ao poder Fidel Castro em 1959. Era preciso então se aproximar mais dos demais países do continente americano para evitar que as ideias comunistas se alastrassem pela região, como foi explicado no capítulo sobre a política externa dos EUA.

Este programa tinha como objetivo portanto, melhor integrar os países pobres do continente, em especial da América Latina, tanto culturalmente como política e economicamente, buscando de maneira cooperativa acelerar o desenvolvimento social e econômico dos países envolvidos. Suas raízes são encontradas com a assinatura da Carta de Punta del Leste¹¹, assinada na cidade de mesmo nome no Uruguai em agosto de 1961 com importante participação do então presidente brasileiro Jucelino Kubitschek. Na oportunidade o presidente norte-americano, JFK discursou e propôs a união de todos os povos do hemisfério "em uma nova Aliança para o Progresso, um vasto esforço cooperativo, sem paralelo em sua magnitude e nobreza de propósitos, para satisfazer as necessidades básicas dos povos americanos por casa, trabalho e terra, saúde e escola".

"Em suas idéias a Aliança era essencialmente um produto latino-americano. [...] Ela foi esboçada por Raúl Prebisch da Argentina e da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe; por Juscelino Kubitschek de Oliveira do Brasil e [sua] Operação Panamericana; dos dez eminentes economistas latino-americanos, entre os quais Prebisch, José Antônio Mayobre da Venezuela e Felipe Herrera do Chile, que compendiarão a visão latino-americana em um memorando agudo [trenchan] entregue a Kennedy [...]" (SCHLESINGER, JR., 1975, p. 63)

Quando Kennedy destaca a magnitude do projeto é porque estamos falando em cerca de 20 bilhões em valores totais investidos, incluindo a contrapartida dos países participantes, portanto, um valor extraordinário para o período. Já quando Kennedy cita em seu discurso a nobreza do propósito é porque esses investimentos

¹¹ O documento oficial dessa reunião, que ficou conhecido como Carta de Punta del Leste, contém os princípios e objetivos do Programa da Aliança para o Progresso e conclamava os dirigentes latino-americanos a construir projetos que seriam auxiliados pelos Estados Unidos.

seriam destinados a áreas tidas como essenciais aos mais necessitadas e pelos mais carentes como as áreas da saúde, educação e moradia.

De certa forma podemos dizer que se o objetivo desse programa era barrar o avanço do comunismo na América podemos concluir que este foi alcançado, haja vista que apenas Cuba permaneceu com uma ligação mais relevante com a União Soviética no período aqui abordado.

2.5 - Os voluntários eram espiões?!

Com a chegada dos voluntários no país algumas teorias conspiratórias começaram a surgir e até mesmo um certo receio em relação a esses americanos que desembarcavam no Brasil. Para ilustrar o que estamos narrando basta imaginar a cena do que ocorreu em nossa cidade. De uma hora para outra um homem “branco feito as nuvens, muito alto e magro, mal falando nosso idioma, o que danado ele quer aqui na nossa cidade?”, comentou um dos entrevistados. Esse era um questionamento até esperado diante da situação. As dúvidas surgiam não só aqui como por todo o Brasil, por onde chegavam os voluntários da paz. Seriam eles espiões dos Estados Unidos? Querem roubar nossas riquezas? Estavam de olho em nosso petróleo? Era difícil para a população entender por que um voluntário veio dos EUA para o sertão nordestino apenas para ajudar o próximo.

A cidade de Upanema, por sua vez, já tinha recebido há muito tempo a visita de outros americanos que deixaram um marco na Praça em frente à Igreja, que viria a ser a Praça Padre Adelino. Sobre esse marco nos ensina o professor Josafá Inácio:

“A praça, ou seja, o largo tinha uma marca muito especial. De frente ao patamar da igreja, distante dele 15 metros, aproximadamente, existia um pequeno pedestal de alvenaria, feito na década de 1940, ou que tenha vindo da década anterior.

O pedestal era simples. O povo chamava de pilar. Tinha uma base de quatro lados, medindo cada um, aproximadamente, um metro e meio, com uma altura de trinta centímetros. Do centro desse pedestal se elevava uma coluna de um metro, por vinte centímetros de largura.

Ninguém soube ou sabe dizer, com segurança, a razão de ser do pedestal. A hipótese levantada, por conjectura ou por tradição oral, é de ter sido ele um marco, fincado ali, por uns americanos.

Os americanos teriam suposto que, na região, existia petróleo, ou outra mina; e aquele pedestal ficaria como referencial, como marco, para orientação a futuros mineiros ou perfuradores de poços. Dali a tantos quilômetros, por exemplo, um poço poderia ser perfurado ou uma mina seria descoberta”. (COSTA, 2011, p. 86 e 87).

O marco foi destruído posteriormente e o seu real significado se perdeu no tempo mas, quanto ao grupo do PCVs hoje sabemos muito, por exemplo, que um dos motivos do envio desses voluntários era para combater o crescimento do comunismo afinal, estávamos vivendo o auge da Guerra Fria e relatórios americanos apontavam que o Nordeste poderia ser um reduto de comunistas, citando exemplos de Pernambuco e das Ligas Camponesas de Francisco Julião, não sendo esse nosso objetivo a analisar agora. Portanto, uma das maneiras pensadas pelos americanos para o combate ao comunismo seria levar ajuda dos EUA para regiões carentes e assim, sem ser declarado, frear o avanço comunista.

Importante frisar que no caso de Upanema em específico, o comunismo ou mesmo simpatizantes nunca existiram haja vista que em nossa cidade não existiam líderes político de esquerda, comunistas ou mesmo que conheciam ou simpatizavam por suas ideias. Entrevistados relataram que nunca tinham ouvido falar sobre comunismo ou algo do tipo. Em geral, pelos documentos da época e depoimentos, era uma cidade pobre e que as disputas políticas no máximo se estendiam a prefeitura e Câmara municipal mas com pouca intensidade, chegando ao ponto de o prefeito que se elegeu e assumiu no ano de 1970¹², quando Jaime estava aqui, ele ganhou como candidato único, o que nunca tinha ocorrido e nunca mais se repetiu na História de Upanema como nos ensina Inês Tavares: “Pela primeira e única vez um candidato chegou à prefeitura de Upanema sem concorrentes”(MENDONÇA e BEZERRA, 2003, p.08).

Apesar de muito distante de nossa realidade, o medo do comunismo e sua expansão não só pelo Brasil como também pelo mundo, era uma realidade nos EUA afinal, “todos os 180 milhões de americanos haviam feito algum tipo de treinamento antiaéreo, sendo que os mais jovens se agachavam sob as carteiras escolares. Em 1961, o Muro de Berlim separou Alemanha Ocidental da Oriental. Mais de um bilhão de pessoas viviam agora sob o comunismo em 20 países do globo. O rápido avanço

¹² Jaime foi recebido pelo prefeito Antonio Lopes Sobrinho. Quando aqui esteve ocorreram eleições municipais se elegendo Luiz Cândido Bezerra, candidato único juntamente com seu companheiro de chapa a vice-prefeito Antonio Elizeu de Carvalho.

do comunismo, numa área tão ampla, deixava a nação atônita” (Schroeder, Alice. A Bola de Neve, página 249).

É evidente que quando chegavam esses americanos despertavam no mínimo a curiosidade de qualquer um que tivesse contato com eles. Para essa curiosidade se transformar em teorias conspiratórias era muito rápido como podemos observar em um comentário publicado no blog Upanema News sobre Jaime Americano.

“Anônimo disse...

Eu me lembro. Até hoje não sei muito bem o que ele fazia em Upanema naquela época. Sei que dava orientação em questões de plantação, etc. É bem provável que ele fosse um agente da CIA naquele tempo das "ameaças" do comunismo que rondava nas cabeças ocas dos americanos. Aliás, me parece que foi naquele tempo que estava sendo desenvolvido o Projeto "Aliança para o Progresso" financiado pelos EUA junto ao governo brasileiro (militar). Como nessa época existia muitos agentes da CIA espalhado pelo mundo, é bem provável que Jaime Americano fosse um deles. Mas lembro bem dele. Era um Senhor bem alto. Desde esse tempo fiquei pensando que todos os americanos fossem bem altos”

Mas não, eles não eram espiões! Hoje sabemos que eles vinham inclusive com a premissa de não participar de ações políticas ou tomar qualquer partido. Também não podiam ou deveriam participar de movimentos religiosos para evitar possíveis problemas, pois, como nos esclarece Burity,

“Os valores religiosos podem produzir efeitos democratizantes mesmo quando experimentados num ambiente restritivo da liberdade ou teologicamente conservador, e podem produzir efeitos antidemocráticos mesmo quando inspirados em experiências ou práticas que, no nível da comunidade eclesial, reproduzam procedimentos representativos da democracia ou tendam à igualdade de condições toquevilleana. Em determinados momentos, os valores religiosos são indiferentes em seus efeitos sobre os compromissos democráticos dos seus portadores, os quais podem estar recebendo da sua inserção extra-eclesial-societária ou política – impulsos mais poderosos no sentido da prática democrática, do que em suas comunidades de fé. Em outros momentos, os valores religiosos estão umbilicalmente ligados ao destino da democracia – quer se opondo a ela, quer interpretando-a como uma decorrência natural e irresistível do compromisso de fé assumido”. (BURITY, 2002, p.30-31)

Era preciso evitar esse tipo de tema que poderia dar margem a interpretações que poderiam levar a problemas. A ideia era ajudar, servir de exemplo, inspirar,

conquistar a simpatia, conseguindo esse feito indiretamente estariam ajudando os EUA.

Entendemos que certamente a CIA se aproveitou dos relatórios produzidos pelos voluntários, que monitoravam tudo, mas, estes relatórios não eram relatórios de espões, apenas análises da evolução dos trabalhos e desempenho dos integrantes do projeto. Podemos dizer então que os voluntários podem ter sido usados como “voluntários úteis”, sem se imaginarem como sendo espões, muito longe disso.

Quando conversamos com alguns voluntários e questionamos sobre esse tema, eles se mostram de certa forma irritados pois, não era sua missão, seus objetivos, e sempre reafirmavam que vinham para ajudar o pobre necessitado, o mais carente. Sobre esse tema Jaime explica que:

“Eu diria que parte da motivação do patrocínio do governo dos Estados Unidos ao Corpo da Paz era fornecer um contraexemplo ao comunismo e espalhar boa vontade para com a América em diferentes países ao redor do mundo”.

Durante a ditadura militar, naquela época, havia muita tensão em relação ao comunismo. Qualquer descontentamento ou reclamação local corria o risco de ser mal interpretado por representar uma atitude comunista ou de esquerda. A população local naquela época simplesmente queria alimentar seus filhos. Os orgulhosos costumes antigos do sertão estavam sitiados. A população cresceu constantemente ao longo dos séculos. O antigo sistema de cultivo do patrão oferecia uma chance muito limitada de propriedade da terra, especialmente porque era muito difícil se livrar da dívida com o patrão. Quase não havia escolaridade decente e quase nenhum trabalho de extensão agrícola estadual para explicar como um morador ou um agricultor pobre, mesmo um independente, poderia melhorar suas condições. Quando você é pobre, tudo conspira contra você. O maior desafio local não tinha absolutamente nada a ver com o comunismo, como alguns brasileiros e americanos pensavam. O principal obstáculo ao progresso era a discriminação contra os pobres. Muitos moradores achavam que talvez eu tivesse vindo à cidade para roubar as riquezas do Rio Grande do Norte, minérios ou ouro ou coisa parecida. Na verdade, eu pensei que eles entendiam ao contrário. Eles próprios perderam a oportunidade. O maior tesouro do Brasil é seu povo, e se os próprios brasileiros pudessem se unir para ajudar todos a fazer melhor, ter melhor saúde, melhor educação, melhores formas de ganhar o suficiente para sustentar suas famílias, isso levaria a um belo “progresso”.

Palavras de Jaime que se mostram muito atuais 50 anos depois, em pleno 2022.

2.6 - Medo da pandemia

Estávamos vivendo exatamente o período da pandemia do Coronavírus, o Covid-19. O Brasil ultrapassando a triste marca de 10 mil mortos, os Estados Unidos estavam como epicentro mundial da pandemia com mais de 80 mil mortos e, Nova Iorque, cidade onde Jaime residia, estava com mais de 20 mil mortos. Em nossa mente isso era algo extremamente preocupante para um senhor de 73 anos. Nos questionávamos: será que ele está levando a sério a doença? Está se protegendo? Respeitando o isolamento? As dúvidas não foram respondidas de imediato devido à falta de respostas aos emails enviados.

Após nosso primeiro contato enviamos várias mensagens de texto e emails que não foram respondidos. O que será que ocorreu? Porque não responde? Chegamos a pensar que Jaime não queria ser encontrado! Não tinha interesse em se comunicar conosco depois de tantos anos!

Quando foi na terça-feira, dia 5 de maio, dois dias após nossa primeira conversa, ele voltou a enviar notícias com o seguinte email, sempre muito cordial:

"Prezado Silva,

*Muito obrigado para toda sua correspondência. Estou viajando agora--
entao muito difícil a pegar a ligação com o internet. Pronto vou escrever mas*

Felicidades,

Jaime".

Uma parte do mistério sobre a falta de respostas estava resolvida. Nosso personagem estava viajando e com problemas de comunicação. Mas viajando pra onde? Porquê? Ao menos ele deu esperança de que em breve, quando tudo se acertasse, ele voltaria a escrever. Só nos restava aguardar.

No dia 10 de maio, Dia das Mães aqui no Brasil, Jaime Americano voltou a nos escrever e explicou o motivo da demora e sumiço:

"Prezado Silva,

Peço desculpas mil vezes pela demora em voltar tão lentamente. Foi uma época muito agitada na semana passada. Eu estava viajando para me instalar em uma casa diferente durante esta pandemia. No futuro, acho que a comunicação será mais como um relampago!"

Sim, Jaime estava preocupado com a Pandemia do Covid-19 e como milhões de nova-iorquinos, ele preferiu fugir da cidade para se proteger melhor, de certo modo, um alívio pois, nosso biografado estava bem e seguro.

Quem diria que dez meses depois, em março de 2021, Jaime quem nos escreveria preocupado com a situação da epidemia no Brasil. *"As notícias do Brasil sobre o COVID e a nova versão do vírus são preocupantes. Espero que você e sua família estejam cuidando bem de sua saúde. Esteja seguro, tenha cuidado, não se arrisque!"*

O cuidado com a expansão da doença foi tema de outro email, este no dia 22 de abril. *"Tenho lido com tristeza sobre a grande difusão da Covid no Brasil. Espero que as pessoas em Upanema consigam se proteger. Já tomei as duas doses da vacina; me senti um pouco doente por um dia após cada vez e depois nada".*

Como estamos escrevendo durante a pandemia, não sabemos ainda o que vai acontecer, mas, no momento em que escrevíamos esse trecho o Brasil batia 560 mil mortes pela doença e como alento a vacinação estava avançando apesar da grave crise política e econômica que nosso país estava sofrendo, inclusive com a volta cada vez mais presente da famigerada inflação.

2.7 - Peace Corps no Brasil

A atuação dos voluntários do Peace Corps em nosso país vai durar 20 anos, abrangendo o período de 1961 até 1981. Durante essa temporada foram enviados para o Brasil nada menos do que 6 mil voluntários, um número bastante relevante se comparado com países vizinhos. A Argentina, por exemplo, só recebeu voluntários de 1992 a 1994. Quanto ao Brasil, este número só não foi maior devido ao encerramento precoce do programa.

O acordo de autorização para atuação do Peace Corps no Brasil foi assinado em 11 de novembro de 1961, mas o primeiro grupo de voluntários só desembarcou

por aqui em março de 1962. Este grupo inicial era composto por apenas 43 voluntários do projeto denominado de “Brasil I”. A partir da assinatura desse acordo qualquer entidade brasileira, seja ela pública ou privada, poderia convidar e receber voluntários para colocarem em prática projetos previamente aprovados.

Importante destacar que esse projeto norte-americano existe até hoje, mas no Brasil chegou ao fim devido a questões políticas. Apesar de aliados, o governo militar no Brasil e o governo dos Estados Unidos tiveram uma série de desentendimentos que levaram o governo brasileiro a demonstrar não ter mais interesse em ter os voluntários americanos atuando no Brasil.

Como nos ensina mais uma vez Cecília Azevedo:

“Os corpos da Paz tentaram a todo custo permanecer no Brasil a despeito das divergências entre os dois governos, motivadas pelas críticas a situação dos direitos humanos no país então. Richard Celeste chegou a considerar uma viagem ao Brasil para garantir a continuidade dos programas”. (AZEVEDO, 2007, p. 119)

Podemos dizer que os voluntários foram sendo “desconvidados” a permanecer no Brasil, ou seja, não chegaram a ser expulsos mas, seu trabalho foi de tal modo inviabilizado que a agência preferiu encerrar sua atuação em nosso país para evitar maiores problemas.

2.8 - Afinal, qual o nome correto de Jaime Americano?

Como o também voluntário Jonh Reed havia nos avisado em comentário no Facebook, o nome de Jaime poderia ser um ‘aportuguesamento’ para que seu nome fosse melhor entendido e pronunciado pelo povo. Essa era uma prática bastante comum entre os voluntários que chegavam ao Brasil. Sendo assim, dificilmente ele se chamaria Jaime e o sobrenome Cândido também não seria o correto. Shapiro é relativamente comum nos EUA e poderia ser verdadeiro. Foi então que na primeira oportunidade que tivemos perguntamos seu nome completo para confirmar nossas suposições, já que depois de pesquisas feitas tínhamos algumas pistas. Ele então confirmou que achou melhor utilizar o Jaime ao invés de James. Seu nome do meio

verdadeiro é Earnest e por fim, seu último nome é realmente Shapiro. Portanto, nosso personagem se chama James Earnest Shapiro.

Mas não seria tão simples assim. Mesmo nos Estados Unidos ele também é conhecido por outros nomes ou, como nós falamos aqui, por outros 'apelidos'. Ele mesmo em grande parte das vezes assina Jim Shapiro, sendo esse nome bastante utilizado no seu antigo local de trabalho. Até mesmo em livros ele assina como Jim, ou então apenas J. Shapiro. O nome do meio, Earnest, é também quase sempre esquecido ou ignorado e as poucas vezes em que aparece é apenas com inicial "E.". Assim sendo, nosso Jaime Americano se chama James ou Jim Shapiro! Mas, para todos os efeitos, neste trabalho vamos continuar chamando-o pelo nome que ficou marcado em nossa história, o famoso Jaime Americano"

2.9 - A família de Jaime

Seu pai foi um antropólogo e eugenista norte-americano. Ele estudava a história dos seres humanos. "*Ele lia ossos da mesma forma que outras pessoas lêem livros*", assim Jaime descreve seu pai. Também lecionou na Universidade de Columbia.

"Ele fumava um cachimbo. Em seu escritório ou em sua cadeira favorita em casa, pairavam nuvens preguiçosas de fumaça azul do tabaco que subiam em camadas até que, como uma cidade ribeirinha no Amazonas, ele desaparecia na fumaça". O cachimbo de Harry era uma marca registrada, que ele carregava para todos os lugares.

Durante toda a sua vida seu pai trabalhou no American Museum of Natural History. Seu escritório ficava em uma torre em um antigo edifício de pedra que até hoje se parece com um castelo. Em toda parte ele tinha plantas caseiras crescendo em vasos de barro vermelho. Apesar da fumaça, as plantas cresciam. Ele tinha grandes mãos de trabalhador e todo fim de semana ele trabalhava com roupas velhas cultivando um jardim fora da cidade de Nova York. Ele foi o primeiro em sua família a ir para a faculdade. Seus pais, os avós de Jaime, eram imigrantes da Rússia que chegaram à América ainda muito jovens, sem dinheiro, mas com vontade de trabalhar duro.

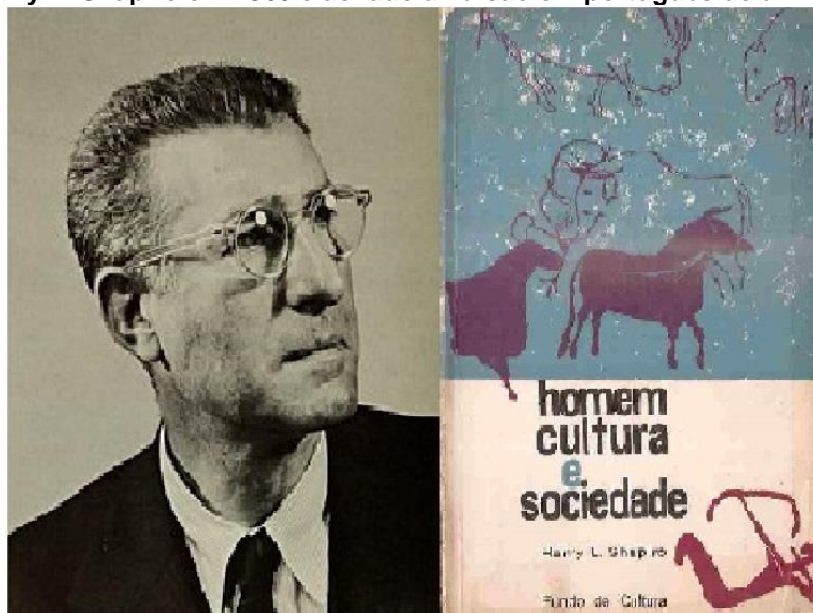
Uma parte da história que poucos aqui se lembram é que seu pai visitou Upanema enquanto Jaime morava aqui. Apesar de ter viajado pelo mundo todo, ele nunca tinha estado no Brasil. Ficou feliz em conhecer as pessoas no Rio Grande do Norte. Nenhum dos nossos entrevistados lembrou da visita do pai de Jaime a nossa cidade.

“Lembro que estávamos em Salvador, na Bahia, quando os homens caminharam na lua pela primeira vez”. Jaime se refere a missão Apollo 11, que no dia 20 de julho de 1969 levou o homem à lua pela primeira vez. Em um domingo os astronautas Neil Armstrong, seguido por Buzz Aldrin, desceram no satélite da Terra.

Embora seu pai respeitasse seu trabalho em Upanema, era seu desejo que Jaime voltasse para os Estados Unidos e realizasse grandes feitos lá.

“Para mim, um galo na rua de uma pequena cidade no interior do sertão cantando antes do amanhecer era um chamado ao paraíso. O Brasil e seu povo já eram o paraíso”. Mas não foi fácil discutir com seu pai sobre como a sua própria visão do sucesso era diferente da dele, relembra Jaime¹³.

Figura 4 – Harry L. Shapiro em 1960 e ao lado a versão em português de um de seus livros.



¹³ Seu pai se chamava Harry Lionel Shapiro. Jaime cita mas não dá ênfase na importância de seu pai. Ele foi um grande antropólogo e escritor reconhecido no mundo todo. Seus livros inclusive foram traduzidos e publicados no Brasil. Entre seus livros temos *The Heritage of the Bounty* (1936; agora renomeado *The Pitcairn Islanders*), *Migração e meio ambiente* (1939), *Aspectos da Cultura* (1956), *Man, Culture and Society* (editor; 1956), *Beijing Man* (1974) e *The Jewish People: A Biological History* (1976). Ele fez uma série de contribuições significativas para a antropologia biológica, principalmente suas investigações sobre a mistura racial e o papel do meio ambiente e da geografia na determinação das características raciais. Ele também contribuiu para as fundações da antropologia forense nos Estados Unidos. Ele faleceu no dia 7 de janeiro de 1990 aos 87 anos.

Fonte: reprodução da internet

Sua mãe era uma artista, Janice Sandler. Uma pintora que, quando jovem, ensinou arte para crianças imigrantes na cidade de Nova York. Ela criou três filhos e nunca teve tempo suficiente para suas próprias obras de arte. Sua oficina estava cheia de latas de café recheadas com pincéis e pedaços de carvão. Sempre havia um cheiro forte de terebintina¹⁴, que possuía um aroma forte e penetrante de pinho, sendo um bom solvente e utilizado na mistura de tintas.

Ela também desenhava retratos de imigrantes - pessoas comuns sentadas em frente a suas casas ou brincando, andando nas ruas ou seus próprios filhos ou um cachorro dormindo. O que quer que ela pudesse ver era interessante para ela transformar em pinturas¹⁵.

Jaime recorda que passavam um tempo juntos. Não apenas como mãe e filho. Tinham uma amizade. Conversavam sobre o que víamos no mundo ao nosso redor. Ela morreu repentinamente quando ele tinha 14 anos. *“Ela era gentil com as pessoas, não com pressa, e isso significava que ela podia ver as pessoas ao invés de através delas”*.

“Podemos aprender algo com todos que encontramos. Todos, em certo sentido, são família”.

No século 19, as fronteiras da Rússia e da Polônia mudaram consideravelmente. Por isso Jaime diz ser difícil saber exatamente de onde vieram seus parentes. Mas principalmente da Rússia, seus avós, Rose Clemens e Jacob Shapiro, ficaram felizes em deixar aquela parte do mundo - os judeus viviam em shtetls que é o iídiche para um distrito onde os judeus eram obrigados a viver. As condições eram péssimas e servir no exército do czar era temido, o que ele acredita deve ter sido brutal. Hoje não tem nenhum parente lá pois, todos que podiam partir, foram embora. Não havia futuro para eles lá pois, eles eram uma minoria odiada. Claro, alguns judeus permaneceram na Rússia, mas não da família de Jaime. Hoje em dia ele mesmo não conhece ninguém que fale russo na América - o iídiche era a língua escolhida, mas é claro que todos aprenderam inglês. Ele é fascinado pela Rússia, mas

¹⁴ É um líquido normalmente incolor mas com cheiro muito forte. É ideal para tintas que serão utilizadas em óleo sobre a tela. Utilizado também para limpar os pincéis de tinta.

¹⁵ Jaime herdou o talento para cultivar as plantas do pai e da mãe ele herdou o talento para desenhar as pessoas. Muitos nos contaram a mesma lembrança, de Jaime desenhando as pessoas que ele via, inclusive na carta que ele escreveu e reproduzimos neste trabalho, existe um de seus desenhos.

por outras razões, como por exemplo a língua que lhe parece notável, a literatura (Dostoiévski e Tolstoi) são escritores notáveis mas, este é um país vasto e complicado, nos relata Jaime.

Quanto a entrada no Peace Corps e todo o levantamento feito da vida dos candidatos pelos órgãos americanos, ser neto de russo não atrapalhava a entrada, eles podiam ingressar no Corpo da Paz desde que tivessem cidadania americana. “*De onde seus pais ou avós vieram não teve nada a ver com sua aptidão para servir no Peace Corps*”.

Jaime teve dois irmãos, o mais velho Thomas, a do meio chamada Harriet e ele era o caçula. Vamos falar mais de seus irmãos no tópico sobre sua infância.

Sua família não era tão grande. Vários tios, tias e primos estavam por perto nas férias e, à medida que todos envelheciam, seguiam caminhos diferentes. Ao olhar para trás, ele relembra que haviam oportunidades de conhecer melhor seus parentes, mas de repente o tempo para essas oportunidades acabou.

2.10 - Primeira conversa com Jaime Americano

Nossa primeira conversa mais aprofundada com Jaime Earnest Shapiro, nosso Jaime Americano, ocorreu no dia 23 de maio de 2020. Ao todo foram 56 minutos de uma conversa agradável que se encerrou devido à queda no sinal de internet, cortando o hangouts, aplicativo pelo qual estávamos conversando. Abaixo transcrevemos parte do diálogo intercalando com outras informações que surgiram. Mais uma vez destacamos que basicamente não corrigimos os erros de português ou concordância do diálogo para tentar passar mais fielmente como foi o diálogo.

Jaime - O tempo hoje tem muito calor, muito sol hoje? Tá chovendo?

Silva – Nublado, clima agradável.

Jaime - “O tempo tudo transparece”.

Posso lhe dar vários detalhes porque estou usando uma translation¹⁶ no computador porque meu português nunca foi muito bom e agora está muito fraco então estou usando o Google para fazer translation mas as vezes eu uso uma frase

¹⁶ Se refere ao tradutor utilizado quando tinha dúvidas sobre alguma palavra.

mais dura, o português bem regular, bem educado, bem alto, as vezes não tenho, a emoção a simpatia na maneira do gente quando fala no sertão, sabe.

Silva - Nesses 50 anos treinou o português?

Jaime - (risos) Infelizmente não, de vez em quando eu encontro brasileiros andando nas ruas de nova York mas geralmente não conheço mais especialmente do sertão. Eu estava procurando no jornal que eu escrevi no passado quando morava em Upanema tenho um vocabulário, posso lhe dar vários exemplos, (procurando um papel), oiticica, a carnaúba, o cajueiro, juazeiro, os nomes dos pássaros, joãos de barro, cajaca, rolinha, maria de barro, beija flor, andorinha. E também eu tenho, posso achar os fotos de Upanema¹⁷ mas ainda não achei mas vou continuar quando encontrar vou mandar para você. Eu tenho que buscar mais profundamente porque não estou muito organizado sobre os papéis do tempo mas acredito que ainda tenho vários exemplos e também eu gostava muito de violeiros quando estavam no bar em Upanema a gente chegava no mercado e comprei vários cordéis, tenho uma briga do cachorro com o gato (livreto de cordel).

Silva – Como foi a escolha de Upanema, como veio para nossa cidade?

Jaime - Porque quando chegava no Rio Grande do Norte, foi um tipo de experimento porque geralmente os Voluntários da Paz naquela época, você vai para este lugar porque tem necessidade de um professor, um agricultor, uma enfermeira, qualquer coisa assim, minha turma em 1968 foi assim. Você vai Rio Grande do Norte e quando chegava em Natal tinha uma ou duas semanas de treinamento, e dinheiro para pegar o ônibus para o interior do sertão. Foi completamente minha responsabilidade de achar um lugar, uma comunidade que talvez eu podia ajudar. Eu acredito que viajava para Mossoró, encontrava várias pessoas e quando encontrei com o Padre que visitava Upanema¹⁸ naquele tempo ele disse ah, eu conheço o prefeito, seu Antonio, Antonio Lopes Sobrinho, um homem da primeira classe, muito, como se diz gentleman?, educado, carinhoso, inteligente, com integridade, muito boa pessoa. Vou falar com ele e dizer que o senhor quer visitar, tenho muita gente lá, tenho parentes, eu senti alegria, tenho uma comunidade para eu visitar! Naquele

¹⁷ Jaime possuía uma câmera fotográfica e fez inúmeros registros de nossa cidade, em especial pessoas. É um registro importantíssimo da história de nossa cidade pois, no período, praticamente não existiam fotografos em nossa cidade e as fotografias do período são raras. Ele nos enviou algumas dessas fotos e apresentamos ao final do trabalho nos anexos.

¹⁸ Era o Padre José Bezerra, filho de Upanema. No tópico sobre religião contamos mais sobre sua história de vida.

tempo o Misto viajava todo dia entre o Mossoró e Upanema. Chegava mais ou menos as oito horas da manhã para os camponeses visitar o mercado, voltava mais ou menos 3 ou 4 horas da tarde. Foi uma viagem de duas ou 3 horas porque a estrada muito fraco.

Silva - Era o misto de Aldo ou Balzinho¹⁹?

Sim, Aldo me lembro muito bem. Eu estava como passageiro aquela primeira viagem foi muito gente dentro da cabine do misto, cheia demais (risos) meu português foi muito fraco naquele tempo, todo mundo rindo, conversando, batendo papo, muito jovial e paramos e paramos e paramos de vez em quando a gente descia e recebia um saco de milho, feijão, o porco gritando, as galinhas e qualquer coisa, finalmente chegamos na rua direita bem pertinho da praça²⁰ e descii e perguntava por seu Antonio, o prefeito quando descobro que o padre não tinha completado a introdução para Upanema, ninguém sabia que eu chegaria em Upanema. Um bocado de garotas e garotos e crianças em volta quem é isso (risos) então finalmente eu recebi de direção para o hotel que Dona Maria (como se diz) foi a patrona, o patrão e passei a primeira noite, finalmente encontrava com o prefeito e ele foi homem muito bom dizia, bem Jaime, vamos fazer uma plantação vamos ver se você podia nos ajudar e a primeira tarefa foi, naquele tempo sabe, estava aumento a escola primaria para mais alunos perguntava se você podia ensinar aqui?²¹ Claro que posso fazer isso! mas nunca fui um professor, não sabia nada sobre ensinar o inglês mas tinha muita vontade de fazer qualquer coisa, e passo por passo, devagar eu estudava as condições de Upanema, problemas do campo, foi muito difícil porque foi a época, dois anos, não chovia quase nada, o povo estava sofrendo da fome, da doença, disenteria, vermes, hospital em Mossoró era uma viagem muito longe para a gente pobre e geralmente quase ninguém tinha qualquer dinheiro para pagar o cuidado medical então as condições foi muito difícil para a maioria da população, quase não sabia onde eu devia começar o trabalho de ajudar então passo por passo eu trabalhava com o clube de mães, com várias donas de casa para lhes ensinar como plantar as hortaliças os tomateiros, produção

¹⁹ Estes foram os mais precursores do transporte alternativo de nossa cidade. Infelizmente nos deixaram. Para o leitor melhor identificar quem foram, Aldo era o pai de Aldalene, esposa do ex-vereador Ferrari, e Balzinho o pai de Glênio, do Posto Glenda. Vamos abordar em tópico específico essa história dos Mistos mais a frente.

²⁰ De acordo com Zé Mário, que testemunhou a chegada de Jaime, o Caminhão Misto parava na contramão, hoje em frente ao comércio de Santiago, ao lado do Mercado, na Avenida Getúlio Vargas.

²¹ Era o Ginásio Agrícola inaugurado pelo prefeito Antonio Lopes que tinha um terreno destinado a ensinar as crianças a cultivarem hortas.

comercial também, produção somente para casa própria, para a família, para aumentar a nutrição porque naquele tempo foi principalmente o feijão, o arroz a farofa se a gente tivesse sorte podia de vez em quando comer uma galinha, o peixe as vezes. Comecei assim.

Falei uma mistura de português muito fraco, ninguém sabia o inglês, quase ninguém tinha encontrado um americano, 3 ou 4 pessoas tinha trabalhado no aeroporto durante a Guerra Mundial em Natal. E fazia muitos desenhos em meu caderno para explicar várias coisas.

Silva - Foi bem recebido?

Jaime - Muito bem recebido. Não tive problemas, o problema para mim foi todo passo que eu fazia uma turma de 30 ou 40 crianças completamente, atrás, não queria ser tão agitado, (ser) como qualquer cidadão, todo mundo rapidamente me conhecia, o americano porque eu era tão diferente do pessoal.

Silva - Pensou em desistir

Jaime - Sim, tão cansativo mas também foi uma vantagem porque eu podia falar com qualquer pessoa, pobre, negro, rico, todo mundo foi aberto para conversação, trocar as ideias as impressões para eu perguntar muitas coisas porque você faz isso, o que é o jumento, a carnaúba, uma das primeiras coisas quando eu encontrava o trabalhador do carnaubal, seu Jaime fazem o que nos EUA com o pó da carnaúba, nunca nos EUA eu ouvia a finalidade da carnaúba²², então eu fazia uma pesquisa e a carnaúba, cera do carnaúba é muito utilizado para cera de carro nos EUA e Europa para o polimento.

Silva - O que levou o senhor a integrar o Peace Corps

Jaime - O motivo da gente para viajar para o Brasil, eu tive visitando o Brasil quando tinha 15 anos de idade sabe, tava trabalhando em barco cargueiro, como marinheiro muito baixo porque foi minha primeira vez fora de casa para viajar para Argentina, Uruguai, Paraguai, Santos, Rio de Janeiro, o cargueiro estava levando

²² A carnaúba, nome de científico de *copernicia prunifera*, é um topônimo que, como tantos outros, tem origem indígena, no Tupi, e significa árvore que arranha. É característico do semi-árido Nordeste, em especial os estados do Piauí, Ceará e Rio Grande do Norte. Pode chegar a 40 metros de altura e viver cerca de 200 anos. É abundante no vale de Upanema e todos os anos gera centenas de empregos no chamado 'carnaubal', um extrativismo vegetal que é importante fonte de renda para o município. É inicialmente extraído o olho e a palha, que será posteriormente transformado em pó, este, por sua vez, será transformado em cera. Na indústria é utilizado em cosméticos, revestimentos, lubrificantes, etc. Da carnaúba praticamente tudo se aproveita. A palha também é fonte de renda, servindo para produção de chapéus, cestos, bolsas, esteiras. É um produto tão importante para o município de Upanema ao longo da história que um dos primeiros nomes da cidade, no início do século XX, vai ser Rua da Palha, em virtude da cobertura das casas da primeira rua serem feitas com esse material.

cigarro, café, então como marinheiro tive várias oportunidades de visitar os vários portos e me lembro muito bem o Brasil, foi tão espetacular e fascinante que tinha de repente uma vontade para voltar no futuro, a primeira vez que cheguei na vida tropical foi como voltar para minha casa como conhecia em outra vida. Eu tinha a oportunidade nos Voluntários da Paz de viajar para o Senegal ou Brasil e escolhi o Brasil.

Silva - No período em que o senhor veio para o Brasil o seu país estava envolvido na Guerra do Vietnã e alguns voluntários utilizavam esse programa como uma forma de criticar o governo americano. O que o senhor lembra desse conflito?

Jaime - Fui totalmente contra a Guerra do Vietnã, foi assim, se eu posso fazer uma coisa para ajudar outras pessoas então esse trabalho a atenção. A dificuldade o trabalho de viajar para outra cultura, outro país, prender uma linguagem desconhecida sair da casa de meus pais, minha família e amigos tudo seria muito bem se eu podia fazer uma coisa que não mate ninguém que traz mais problemas no mundo eu tinha muita vontade de não passar mais de uma hora para ajudar que eu não podia ajudar no Brasil melhor ir embora voltar para os EUA mas eu não tinha nenhuma vontade de participar na Guerra não foi porque eu tinha medo de morrer, mas porque a guerra não tinha razão profunda o motivo foi tão fraco.

Silva - Quais as maiores dificuldades encontradas aqui?

Jaime - Eu achava o português muito difícil para mim. Eu tinha outros colegas que tinham muito mais facilidade mas eu tinha vontade, tinha que passar o exame para ser aceitado.

Depois de sair de Upanema passei meses morando pertinho de Natal, tinha uma cidadezinha na praia e alugava uma casinha bem na praia, comprei os peixes que voltavam toda tarde dos pescadores, foi uma vida muito simples, estava estudando o português, escrevendo as notas sobre a experiência, depois viajei para outras partes da América do Sul. Um amigo americano que trabalhava no Recife e ele fazia viagens do nordeste para o Rio de Janeiro, para São Paulo, para Buenos Aires, na volta para os Estados Unidos mais ou menos no fim dos anos 70.

Silva – Podemos dizer que essa experiência mudou completamente a vida do senhor?

Jaime - Foi uma excitação completa nessa maneira. Eu encontrava a realidade do povo, dignidade que sofreu bastante mas também sabia viver com coragem e muito trabalho. Me lembro muito bem uma vez estava sentado numa cadeira de balanço em frente ao hotel de Upanema, mais ou menos 3 ou 4 horas da tarde, o sol bem alto e

como você sabe muito bem, caloroso, muita poeira e duas pessoas passarem da minha direita para esquerda. O pai, o homem andando na frente com suas sandálias feitas de borracha de pneu de caminhão, o chapéu de palha, rasgado, uma camisa feita de saco de milho ou alguma coisa assim, a calça com mais remendos que a calça original e um feixe de lenha nos ombros, dois passos atrás dele o filho com 7 ou 8 anos de idade, também levando um bocado de lenha para vender a alguma pessoa. Os dois andando com muita integridade, não orgulho feio, mas um orgulho que vem dentro de si entende, eu nunca na minha vida compreendi aquele momento, o sentido da dignidade que é completamente vazio de egoísmo e somente foi a coisa necessária para sobreviver, para trabalhar para dar um passo em frente do outro só fazendo a coisa necessária. Para mim pessoas podem viver assim, o cavaleiro do tempo antigo, a família não tinha riqueza mas tinha uma riqueza de caráter, uma coisa muito impressionante esse tipo de atitude. Somente respeito porque o homem ou mulher podem ser pobres mas sua vontade de fazer o necessário para criar uma família de integridade é uma grande coisa.

Eu chegando no Brasil para ajudar mas, o povo brasileiro, o povo de Upanema estava me ensinando igualmente ou melhor que eu podia fazer em contrapartida. Encontrei pessoas que falavam do seu tipo de vida, foi uma eloquência e clareza muito impressionante para mim, foi uma parte da minha educação que aumentava minha impressão do mundo. Várias pessoas me perguntavam, Jaime porque você chegou em Upanema, é o fim do mundo, você podia viver em Nova York como uma pessoa rica, não temos nada aqui mas, sempre argumentava contra aquele tipo de ideia: o fim do mundo é também o início do mundo, tudo depende da atitude com quem a gente faz, cada pessoa na história do mundo nasce, quando nasce respira e quando respira começa a participar das coisas difícil, a vida não é fácil, morrer não é fácil mas durante o tempo que todos temos, o prazer e dificuldade de fazer o melhor vida possível então não é nada menos que isso.

Silva – Posteriormente o senhor voltou a visitar o Brasil?

Jaime - Voltei duas vezes ao Brasil, Uma vez voltei uns 5 anos depois para Upanema, visitava a escola atrás do Hotel, e ganhava um buquê com as flores do sertão, um presente de mais valor na minha vida, aquelas flores tão humildes, tão pequenas flores que nasceram naquela terra tão. E mais uma vez mais ou menos 3 anos atrás visitava no Rio de Janeiro para trabalhar duas semanas nas favelas do Rio para ajudar estudantes na universidade que estavam estudando Direito, mas naquele

tempo para visitar (Upanema) era impossível porque o tempo de pegar o voo para o Nordeste e voltar para o Rio de Janeiro, para minhas responsabilidades, não dava. Mas foi bem difícil, o português do sertão é diferente da favela porque as coisas que aprendia em Upanema foi sobre a agricultura era diferente da favela.

2.11 – Traços da personalidade de Jaime

Como já foi exemplificado anteriormente, o sentimento de ajudar o próximo, os mais carentes, era uma premissa que norteava a maioria dos voluntários. Tentando se desvencilhar do sentimento presentista, onde o presente dita a escrita da História, para nós, no início, era difícil entender esse sentimento, afinal, como alguém podia deixar o conforto de sua vida em um país rico para passar dificuldades em outro país totalmente diferente do seu e sem ganhar nada? Mas esses voluntários eram esse tipo de indivíduos. Além do mais, esse estilo de vida acompanhou muitos por toda a sua vida, é um traço de sua personalidade que não mudou ao longo do tempo e com nosso personagem, Jaime Americano, aconteceu o mesmo. Mesmo com seus 73 anos, em plena pandemia do Covid-19, depois de mais um período sem notícias ele nos escreve contando a seguinte história:

“Caro Silva, (...) novamente, o tempo tem sido muito difícil. Acabei de dirigir mais de 3000 quilômetros em três dias para ajudar alguns amigos em uma pequena cidade ao sul da cidade de Nova York. (...) Também tenho refletido sobre o que dizer sobre o passado, respondendo perguntas sobre mim”.

Boa parte dos voluntários ao serem questionados sobre como foi sua vida aqui e o contato com o povo do sertão nordestino, eles sempre destacam as virtudes de nosso povo como a hospitalidade, simplicidade, humildade entre tantas outras.

“De maneira alguma, fiz algo especial que merece ser escrito. Para falar sobre o Upanema que conheci uma vez e honrar os sertanejos que me levaram gentilmente ao mundo deles - são suas histórias que merecem atenção e lembrança. As pessoas que eu conhecia viviam, muitas delas, com pouca comida para colocar na mesa em uma era de secas. Mas sempre me ofereceram uma refeição, um copo de água, um assento em um banquinho à mesa de madeira mais humilde e um sentimento de amizade que vinha de uma riqueza de cortesia e coração. Essa é a história real”.

Ainda explicando sobre como ele utiliza a internet, Jaime se mostra saudosista e nos conta que:

“Claramente, eu não sou filho da internet porque ainda encontro em cartas, lentas como são, uma excelente maneira de se comunicar. Alguns dias, imagino que morarei em uma área rural onde a Internet, por todas as suas vantagens, será substituída por um jornal que chega uma vez por mês e que a correspondência seja saboreada com a chegada de envelopes e que as notícias do movimento de o universo depende antes de tudo da troca de posições entre o sol e a lua. No entanto, esse não é mais o caminho do mundo! Ficaria feliz em conversar novamente por telefone no sábado ou domingo, se isso ajudar. Lembre-se, meu português está enferrujado!”

Da leitura de sua correspondência e das conversas que mantivemos dava para perceber claramente que se tratava de alguém que pensava diferente, alguém que passava uma sensação de desprendimento e altruísmo que saltava aos olhos. Mesmo assim era necessário problematizar os acontecimentos pois, como nos ensina Barros,

Pensa-se, por exemplo, que a principal função do historiador seria apenas a de “contar os fatos tal como eles aconteceram”, desconsiderando-se com isso que a missão essencial dos historiadores é na verdade a de fornecer a sociedade diversas interpretações problematizadas sobre o que aconteceu. Os fatos são obviamente importantes para os historiadores, e sem eles não se faz história. (BARROS, 2020, pág. 8).

Mas era preciso construir uma interpretação desses fatos dando sentido sem buscar uma verdade única preexistente, ou como de fato as coisas aconteceram. A personalidade de Jaime instigava a cada contato feito, a cada história relatada pelos entrevistados.

2.12 - “Tá cedo!”

Enviamos para Jaime matérias publicadas no Jornal de Upanema sobre sua passagem por nossa cidade como esta, que transcrevemos abaixo, publicada em 2003 e que serve para conhecermos um pouco mais sobre sua passagem por nossa cidade:

A história de Upanema não é feita só por gente daqui. Além dos nossos conterrâneos, outros ajudaram a construir nossa história. Alguns que por esta terra passaram deixaram marcas que são lembradas até hoje.

O personagem sobre quem vamos comentar chegou a Upanema nos anos 70, trabalhou, mas depois foi embora.

O Jornal de Upanema conversou com algumas pessoas para que elas se recordassem de um senhor conhecido por Jaime Americano. Algumas até conviveram com ele.

Há algumas histórias sobre ele até mesmo do dia em que chegou. Ao descer do carro, alguém ofereceu um copo de cachaça. Depois de tragá-la, sem saber o que era, ele ficou bastante aperreado com a malvada que queimava por dentro.

Vindo de outro país, além da língua diferente, ele tinha dificuldades para entender nossos costumes. Como exemplos, conta-se que ele chegou a almoçar várias vezes porque não compreendia nosso hábito de convidar as pessoas para o almoço.

Noutras vezes, pela noite quando ele fazia menção de sair, as pessoas diziam: “tá cedo, seu Jaime”. Assim, de tanto dizerem “tá cedo”, ela acabava ficando. Dizem que ele muitas vezes ficava morrendo de sono, mas não ia pra casa dormir porque mais uma vez não entendia nosso jeito de dizermos “tá cedo”.

Sua ocupação na cidade era o cultivo de uma horta. Preparava o solo, cuidava e depois vendia a baixo custo. Pelo menos em dois locais ele plantava suas hortas: um terreno por trás da casa de Seu Raimundo de Joca (em memória) e outro do outro lado do rio, próximo a uma oiticica.

PEQUENO PERFIL DE JAIME AMERICANO

Seu nome completo: não sabemos. Ficou conhecido apenas por Jaime Americano.

Altura: alto, com aproximadamente dois metros.

Língua: Inglês e falava com dificuldade o português.

Cor: branca.

Idade: não fomos informados.

Formação: provavelmente técnico agrícola.

O que plantava na horta: alface, coentro, pepino, melão, cenoura, tomate etc.

O que achava do nosso rio: um rio muito bonito que valia ouro.

Amizade: todos que o conheciam gostavam dele.

Despedida: fizeram uma festa de despedida.

Por onde anda: alguns internautas daqui já fizeram buscas, mas não conseguiram localizá-lo.

Jaime respondeu a este e-mail lembrando uma de suas histórias e, como sempre, dando mais uma aula sobre a vida.

“Eu ri da história 'esta cedo'. Eu também ri em 1969 quando soube o que isso significava. Aprender a vida do Brasil é mais do que apenas traduzir uma palavra; aprender uma vida brasileira é aprender o que as pessoas realmente querem dizer quando dizem o que dizem.

Com os melhores votos, "Jaime" Jim Shapiro”.

Essa história nos foi relatada por vários entrevistados como Zé Mário, Maria do Socorro, Xavier e Maria Aparecida que nos informou ter testemunhado o ocorrido. Segundo ela, Jaime sentava praticamente todas as noites na calçada da família dos irmãos Vitorino²³, no final da Avenida Getúlio Vargas, costume que permanece até hoje. O ocorrido se deu nessas suas visitas.

2.13 - Onde tudo começou, a carta

Reproduzimos abaixo a cópia da carta que Jaime escreveu quando foi embora de Upanema. Foi através dela que conseguimos o endereço e as primeiras pistas sobre o paradeiro de Jaime Shapiro. Mais uma vez reforçamos o papel de Zé Mário que nos forneceu esta carta e sua foto. Foi ele quem primeiro procurou descobrir a história de Jaime pois, este fez parte de sua infância²⁴.

Figura 5 – cópia da única carta escrita por Jaime quando foi embora.

²³ Entrevistamos Antenor Vitorino, que apesar da idade avançada ainda recebe visitas em sua calçada todas as noites.

²⁴ Zé Mário era uma das crianças que corriam atrás de Jaime além de ter testemunhado sua chegada em nossa cidade. Ele conta que era uma diversão ver as pessoas chegando no Misto e desembarcando suas mercadorias. No terceiro capítulo ele terá um papel especial contando suas histórias.

SAUVANNA, BRASIL
DIA 23 de MAIO

QUERIDA MADRINHA,

DEPOIS DE FAZER UMA VIAGEM PELA LAMA DE NOVO MAIS ALDO
CHEGUEI TODO MACHUCADO EM MOSSORÓ. NO LADO ESQUERA DE ALDO GERALMENTE
SÓ CABE UMA PESSOA. AQUELE DIA TINHA EU MAIS DONA MARIA DO NASCIMENTO
QUEM NÃO É MAIS MAGRO QUE EU!

FOMOS LÁ NA CASA DOS SEUS FILHOS E
MANDEI OTRO PRESENTE PIRA A SENHORA.

AGORA ~~4~~ ~~3~~ CHEGAR HOMEM

MEIO DA NOITE E NÃO TEM NADA
PREPARADO, NO INSTANTE FAZ.

E, POR FAVOR ENTREGUE O PRESENTE
PARA ANTONIO PRETO QUANDO ELE PARECER DE NOVO.



FUI A AÇÚ ONDE PASSEI A NOITE. VISITEI O SÍTIO DE DAVID.
VAI PLANTAR O TERRENO TÔDU COM BANANA ANÃ.

EM NATAL FUI HOSPEDADO NA CASA DE DAVID NA PONTA NEGRA.
UMA CASA PEQUENA MAS MUITO BACANA, MESMA NA PRNA. DAVID TRABALHA
AGORA PARA PURINA, UMA FÁBRICA QUE ESTÁ FAZENDO VARIOS TIPOS DE RAÇÕES.
ÊLE ANDA EM TÔDO O NORDESTE COMPRANDO CEREAIS - MILHO, BAGACU DE ARROZ, ETC.
ÊLE ESTÁ PASSANDO BEM, TEM UMA NAMORADA NATALENSE QUE É UMA ESTUDANTE DE
ODONTOLOGIA. ENCONTREI UMA COLÉGA SUA NUMA FESTA QUE DAVID HOUVE NO
SABADO. ESSA GARÔTA É UMA PESSOA MUITO SIMPÁTICA - SE ~~EU~~ PUDESSE PASSAR
MAS TEMPO NO BRASIL - QUE PENA. CABELOS PRETOS, MORENA, OLHOS ESCUROS E UMA
MANEIRA CHEIO DE TERNURA.

DEIXEI OS SONHOS EM NATAL E PEGUEI O ONIBUS PARA RECIFE ONDE
PASSEI UM TEMPO NA CASA DE AMERICANOS CONHECIDOS.

SIM, TAMBÉM VI AIRTON EM NATAL NO MINISTERIO DE AGRICULTURA.
E JANTEI NA CASA DE SEU TIBURCIO E DONA SITONHA. TIBURCIO BOTOU UMA BARRACA
EM FRENTE DA CASA, PIRA VENDER PÃO E CONFEITOS. ESTÃO PASSANDO MUITO BEM.
ADELINA É MUITO GRANDE E AINDA TEM AQUELA MANEIRA INTELIGENTE E
SIMPÁTICA. TAMBÉM CONVERSEI COM TERESINA.

NÃO ACHEI EMPREGO AGORA ENJOA QUE TENHA UMA POUCA POSSIBILIDADE ~~NO~~
FIM DO ANO NO BRASIL. VAMOS VER. E OS EXAMES PARA ~~AMEBA~~ SÃO NEGATIVOS ATÉ AGORA.
PRETENDO VOLTAR P'RA NOVA YORK ESTE DOMINGO, DIA 25.

ME LEMBRO TODOS VOCÊS COM TRISTEZA E ALEGRIA. TRISTEZA PORQUE TENHO GRANDE
SAUDADES E ALEGRIA PORQUE ME ORGULHO DE TER AMIGOS DE TANTO ~~TEMPO~~ ^{LEALME} E BOA
VONTADE. O TEMPO QUE PASSEI EM UPAJEMA AGORA ERA TÃO OTIMA QUE ~~NÃO~~ POSSO CONTAR.
LEMBRANÇAS A MARIA DO NASCIMENTO, HELOISA, LINDALVA, EDIMAR, CHICO BALBINO E FAMILIA, MARIA DE
ZÉ PEQUENO, E A FAMILIA TODA, MANOEL DELMIRDO E FAMILIA, COMO VAI SEU GREGORIO E A SAUDE?

ABRAÇOS DO SEU AFELHADO QUE NUNCA ESQUEÇA ~~DE~~ DA MADRINHA DÊLE,

JAIMÉ SAMIRO/26 E. 91 ST. / NEW YORK, N.Y. E.U.A.

REVISTA
HEMISFERIO

Esta carta foi escrita para sua madrinha, Dona Maria Romana²⁵. O que pouca gente sabe é que seu nome verdadeiro era Maria Batista de Medeiros. Romana é o apelido devido ao nome de sua mãe. Dona Maria Romana era a proprietária do Hotel Central, local onde Jaime ficou hospedado durante sua estada em nossa cidade. Infelizmente ela nos deixou no dia 22 de novembro de 2013.

Figura 6 - Dona Maria Romana em três fases distintas de sua vida. No início do hotel, na década de 80 e em 2007.



Fonte: acervo da família

Temos então nesta carta um relato de sua viagem após deixar Upanema. Inicialmente ele narra a dificuldade que era chegar na vizinha Mossoró em cima de um caminhão chamado de Misto. Uma viagem que hoje dura cerca de 30 minutos, na

²⁵ A amizade foi tamanha que Dona Maria Romana acabou se transformando na Madrinha de Jaime. Ela é natural de Florânia. Veio para nossa cidade na companhia do marido para criar na zona rural. Com o passar do tempo o marido retornou para Florânia mas ela decidiu ficar onde estava estabelecida e aqui ficou até o fim da vida.

época durava de 2 a 3 horas, quando a estrada estava boa e sem ser no período do inverno quando muitas vezes ficava intrafegável.

Em seguida temos seu lado gentil e caridoso com presentes para sua madrinha Maria Romana e seu grande amigo em Upanema, senhor Antonio Preto que infelizmente nos deixou em 2014 com 86 anos.

Logo depois ele começa a descrever sua viagem passando por Assu, demora em Natal por semanas, segundo nos informou posteriormente, e vai para Recife onde também fica hospedado até sua volta para os EUA.

Podemos perceber ainda a lembrança e o carinho de Jaime com os amigos e amigas upanemenses que aqui deixou citando vários. Por fim, outro detalhe da carta é o desenho que ele faz, representando Dona Maria Romana através de um dom que herdou de sua mãe que era artista e também gostava de desenhar as pessoas.

Também tivemos a oportunidade de publicar essa carta no blog Upanema News no dia 30 de setembro de 2009 mas, à época ninguém conseguiu encontra-lo. No entanto, dessa postagem tiramos um comentário importante postado por um leitor que mostra um pouco da personalidade prestativa e, quem diria, até heróica de Jaime Americano como veremos em seguida.

2.14 - O Jaime Americano herói?

Buscando uma reflexão mais profunda chegaremos à conclusão de que o tempo não apaga atitudes verdadeiras e heroicas que surgem nos momentos em que mais precisamos. Estas ações ficam registradas para sempre em nossas vidas e vão sendo contadas de geração para geração como uma porção de mitos de milhares de anos que perduram até hoje, sendo que muitos deles ainda permanecem atuais.

De tal modo, apesar do curto período que passou em nossa Upanema, este foi mais que suficiente para Jaime Americano se tornar conhecido e lembrado por todos os seus contemporâneos como um homem querido mas, ao menos para uma família humilde da zona rural de nossa cidade, ele marcou tão profundamente que é até considerado uma espécie de herói. Isso porque ao ter acesso a carta escrita por Jaime, quando foi embora de Upanema, carta esta publicada pelo Jornal de Upanema e pelo blog Upanema News, um membro de uma das famílias ajudadas por Jaime

narrou uma história fascinante que sua mãe e seu avô, que conviveram com Jaime, contavam. Segundo ele, um certo dia sua mãe, que contava a época com cerca de 10 a 12 anos de idade, sofreu um grave acidente chegando a correr risco de morte. Graças a atitude de Jaime ela sobreviveu pois ele providenciou os primeiros socorros e todo o atendimento básico. A gravidade do acidente foi tamanha que a criança chegou a perder a visão do olho direito.

"fiquei muito emocionado ao ver essa carta, minha mãe têm uma história linda desse cara, ela sofreu um acidente lá no sítio se não fosse esse americano, ela teria morrido", conta o jovem que até então só ouvia as histórias e imaginava como seria esse norte-americano que heroicamente salvou a vida de sua mãe.

Heróis são símbolos poderosos, encarnações de ideias e aspirações, pontos de referência, fulcros de identificação coletiva. São, por isso, instrumentos eficazes para atingir a cabeça e o coração dos cidadãos a serviço da legitimação de regimes políticos. Não há regime que não promova o culto de seus heróis e não possua seu panteão cívico. (CARVALHO, 1990, p. 55)

Como se não bastasse toda a ajuda fornecida e compadecido com a situação difícil daquela família e em especial daquela pequena criança, em um gesto de carinho ele pediu a seu pai para adotá-la e o pai, numa atitude grandiosa e de amor, pensando no bem da filha que certamente teria uma vida melhor do que ele poderia proporcionar, aceitou o pedido que só não se concretizou por que a criança preferiu ficar com os pais e não ir embora para os Estados Unidos.

Esta história nos foi narrada em 2009, portanto 40 anos depois dos fatos citados e mesmo assim a família ainda lembra com carinho desse estrangeiro que marcou suas vidas de maneira tão profunda.

"meu avô fala muito bem desse homem, porque vocês não vão fazer uma entrevista com ele, vocês podem colher alguma coisa... parabéns pelo fato histórico que vocês resgataram, valeu!"²⁶

²⁶ Renatinho de Upanema, hoje filho da criança que se acidentou e foi cuidada por Jaime. Publicado no blog Upanema News.

2.15 - Jaime quis adotar criança de Upanema!?

Diante do relato feito sobre a atitude de Jaime em salvar uma criança que corria risco de morte, e depois o pedido para adotá-la, escrevemos para ele perguntando se lembrava do ocorrido. A resposta não tardou e veio, como sempre, com uma mistura de história, motivação e muita humildade.

Caro Silva,

Não tenho mais certeza de muitos detalhes. Não tenho certeza sobre essa história em particular; Não tenho motivos para duvidar da verdade. Mas a verdade mais profunda, a verdade mais profunda, é que todos precisamos um do outro. De certa forma, eu estava cego de ambos os olhos quando cheguei em Upanema. As pessoas me ajudaram a ver que compartilhamos um mundo. Há cegueira física e cegueira de um coração fechado. Então todo mundo tem a responsabilidade de curar um ao outro. Aqui está parte de uma e depois uma segunda história... se eles se referem à mesma história que você está perguntando ou não, eu não sei.

Primeiro, lembro que o Sr. Antonio Preto, sua esposa, Dona Maria e seus filhos viviam como "moradores" na propriedade de um proprietário de terras. Seu Antonio estava regando um pomar que incluía muitas, muitas mangueiras. Em muitas manhãs, eu atravessava o riacho em Upanema durante a estação das chuvas e caminhava por uma trilha estreita e arenosa até a casa deles. Seu Antonio e eu trabalhamos juntos por muitos dias plantando tomates.

Um dia, quando cheguei, as pequenas janelas da casa estavam fechadas, assim como a porta. O cachorro da família me reconheceu, rolou de lado e seu rabo bateu contra o pó quente.

"Oi!" Eu chamei de fora.

"Entra, Seu Jaime", veio uma voz fraca.

Dentro de casa toda a família, até Zé, o menor menino (que mais tarde morreu), todos estavam descansando em redes, alguns deles não mais conseguindo ver. Eu acredito que eles foram atingidos pelo sarampo. Quase não restavam comida e nenhum vizinho os ajudara. Depois de ter certeza de que eles tinham água e comida, saí para voltar à cidade. Claro, eu fiquei em contato e, eventualmente, eles se recuperaram.

Mais uma vez, não tenho certeza sobre conversas sobre adoção ou mudança para os Estados Unidos.

Lembro-me de que, quando voltamos da cidade de Açú, fomos saudados por um alto camponês. Ele usava um chapéu de coró e tinha um rosto queimado pela vida inteira de sol. Ele carregava uma criança nos braços. Ele levantou o pequeno embrulho para mim como se eu fosse levar a criança e me pediu para adotar o filho. Eu tinha 22 anos. Ninguém nunca me pediu para ser pai. Nenhum pai jamais confiou seu coração a mim porque amava mais o próprio filho do que o amor pelo filho. Não há amor maior que isso.

Nunca esquecerei que, no meio da estrada vermelha e solitária no oceano de juazeiros verdes, encontraria um homem e uma criança que moram comigo pelo resto da vida.

Atenciosamente,

Jaime

2.16 – A infância e adolescência de Jaime

O jovem James era o caçula de três filhos – um irmão mais velho nascido em 1939 chamado de Thomas, uma irmã mais velha nascida em 1942 chamada de Harriet e ele próprio, nascido em 1946. Seus irmãos mais velhos sempre diziam: “É mais fácil para você! Você é o mimado! Nossos pais estão cansados demais para serem rígidos!” Eu não me sentia mimado, mas certamente fui tratado de forma relaxada e, no geral, tinha um temperamento meio descontraído.

Ele era particularmente mais próximo de sua irmã porque eram mais próximos na idade. *Conversamos muito – mas pelo que me lembro – ela falava muito mais e eu ouvia. Ainda somos muito próximos e ainda conversamos muito. Ela também mora na cidade de Nova York. Meu irmão era muito velho para brincar de verdade comigo, mas dividimos o quarto por alguns anos até ele ir embora para a faculdade. Ele morreu na casa dos 70 anos de doença de ALS que, claro, é uma doença devastadora e incapacitante. Alguns dos momentos mais intensos da minha vida estavam tentando confortá-lo pouco antes de morrer, porque ele estava em muita agonia física e emocional. Ele se levantava na cama gritando e então eu colocava minhas mãos em*

seus ombros e dizia que estava tudo bem. De alguma forma, ele me ouvia, deitava e se levantava novamente, repetidamente, por horas. Você pode estar perto das pessoas às vezes, não através da linguagem, mas através do tom que você comunica através de suas mãos, seu coração, suas emoções, mesmo que o conteúdo do que você diga esteja muito além delas. Mas ainda assim eles entendem que vocês estão juntos e não há conteúdo mais forte do que isso.

Jaime era uma criança tímida e, como a maioria das crianças, uma mistura de contradições. Ele era sensível aos sentimentos dos outros e gostava de agradar.

Eu era mais um pacificador e raramente brigava com amigos ou familiares.

Gostando das pessoas, às vezes também era solitário e gostava de ler livros sem se mexer por um longo tempo. Sua mãe às vezes dizia para fechar o livro e sair! Ele adorava estar em sua casa de campo porque faziam longas, muito longas caminhadas sozinho, procurando alegremente veados selvagens, coelhos, cobras, sapos e peixes. À noite sua mãe esvaziava os bolsos da calça e havia uma pilha de coisas para empilhar: uma pele de cobra, folhas, gravetos, uma pedra interessante, um cartucho de espingarda de caçador ou um pequeno crânio de um animal morto, alvejado.

Por muito tempo ele quis ser paleontólogo, então trazia de volta centenas de ossos que encontrava na floresta de vacas leiteiras que morreram em uma fazenda anterior que um dia existiu lá.

Mais tarde, ele quis crescer e ser herpetologista, então caçou, pegou e manteve várias cobras vivas.

Foi muito decepcionante não poder trazê-los para dentro de casa porque minha mãe disse não! Ela era uma mãe muito gentil, mas as cobras eram mais do que ela queria. Ele também era, mesmo quando pequeno, um tanto distraído e um sonhador, então hoje tinha certeza de que as cobras teriam se soltado.

Também queria ser detetive por um tempo e quando estava na escola estudava os rostos dos adultos e tentava imaginar que tipo de vida eles tiveram, com quem se casaram, o que faziam para viver e naquele momento até mesmo tentando adivinhar o que eles estavam pensando. Ele estava interessado em muitas, muitas coisas possíveis para fazer quando adulto e muitas vezes se perguntava como seria um dia ser alto, olhar no espelho e raspar um bigode no rosto. Como seria, gostaria de viver como um adulto no mundo?! Ele estava ansioso para descobrir.

Jaime era uma criança observadora e confiante de uma forma tranquila, mas quando se tratava da escola, não era um aluno especial. Ele conta que era preguiçoso com o dever de casa e a única coisa que realmente queria fazer era ler seus próprios livros, os que eu lia, escondendo-os da vista do professor.

Como um adolescente, Jaime foi ficando cada vez mais frustrado com a escola. Eu tinha tantas dúvidas e muitas delas não tinham nada a ver com o que estávamos estudando.

Uma vez perguntei ao meu professor de biologia como podíamos “ouvir” um pensamento ou uma conversa em nosso cérebro. Eu tinha certeza de que estava ouvindo pensamentos, mas ao contrário das ondas sonoras que viajam pelo ar, os pensamentos também eram audíveis. Isso foi bastante intrigante para mim, mas quando perguntei ao meu pobre professor que estava no meio de uma conversa sobre algo totalmente diferente, ele pensou que eu estava apenas brincando e me expulsou da aula. Portanto, decidi não fazer perguntas novamente.

Ele não era um bom atleta, mas adorava correr. Muitas vezes disseram para ir correr durante a aula regular de educação física. Era para ser uma espécie de punição, mas nada me deixou mais feliz do que correr pela área fechada nos fundos da escola. Anos depois, começou a correr quando jovem e, mesmo hoje em dia, na sua idade de 74 anos, ainda corre todos os dias.

O maior acontecimento de sua vida adolescente foi trabalhar como marinheiro mercante em um cargueiro norueguês quando tinha 14 ou 15 anos. Sua mãe havia morrido nessa época e seu pai confiava muito na sua capacidade de ser independente além do mais, era bastante comum para a época que os jovens aproveitassem as férias de verão para conseguir um emprego simples e assim ir buscando experiência para o mercado de trabalho. Isso acontecia com todas as camadas, com todas as classes. Como exemplo no mesmo período temos o relato da filha de Warren Buffet, hoje um dos homens mais ricos do mundo e que na década de 60 já começava a se destacar financeiramente:

A mais velha, a pequena Susie, [...] Ela começou a trabalhar como auxiliar de trânsito, num cruzamento movimentado perto de casa, e passava muito tempo com seus amigos. [...] Imaginar Susie Jr. Como guarda num cruzamento pode surpreender os leitores atuais, mas nos Estados Unidos, na época, as crianças tinham significativamente mais liberdade e responsabilidades. (SCHROEDER, 2008, p. 263 e 890).

Saiu de casa por dois meses e começou a trabalhar ao lado de homens, marinheiros, de todo o mundo. No mar trabalhou sem parar: quatro horas de trabalho, oito horas de folga. À noite, ficava vigiando com binóculos. Acima estavam as estrelas; de cada lado havia algas verdes fosforescentes brilhando enquanto a proa do navio cortava as ondas tranquilas e intermináveis do oceano, o mundo inteiro subindo e descendo.

Navegamos da cidade de Nova York para a América do Sul, incluindo portos no Brasil como Angra dos Reis, Santos e no Rio de Janeiro.

Eu estava ao leme do cargueiro, ao volante, com as mãos segurando os raios quando entramos no porto do Rio ao amanhecer sobre aquelas rochas mágicas. Em todos os lugares havia as cores rosa, amarelo e verde e as ondas longas e lentas do rastro do nosso navio formando uma ondulação perfeita enquanto iam atrás de nós. Entrar no Brasil dessa forma colocou uma espécie de transe na minha mente. O oceano cantava para o povo do Brasil, para a adormecida cidade dos cariocas, e àquela hora ou duas em que nos aprofundávamos cada vez mais no porto e nos aproximamos das montanhas verdes e afiadas proporcionou um caminho para encontrar algo que eu nunca teria imaginado: que de alguma forma, de alguma forma, “conhecer” o Brasil parecia que não era a primeira vez que eu estava lá. De alguma forma, este era um lugar onde eu já estava em casa e deveria estar.

Quando voltou para casa, em Nova York, Jaime ainda era um adolescente, é claro, mas não era mais o mesmo, não era mais uma criança, ainda não era um homem. Mas o mundo era muito maior do que ele jamais sonhou. *Nenhuma sala de aula “interna” jamais foi grande o suficiente.*

2.17 – Chegada em Upanema

Como relatamos anteriormente, foi o senhor José Mário quem nos forneceu as informações iniciais necessárias para encontrarmos Jaime. Apesar de bem jovem à época, ele conviveu com Jaime e fez um relato sobre a situação dos transportes a época:

Na época em que Jaime Americano esteve em Upanema a situação da nossa cidade era bem diferente. Transporte para Mossoró, que era o centro mais

desenvolvido da região, também não era fácil, viajar para lá só por necessidade. Existia apenas os mistos, caminhões que faziam a linha uma vez por dia, o mesmo saía por volta de 05:00h e retornava só à tarde. Quem perdesse esta condução daqui para Mossoró ou de lá para cá, só no dia seguinte. Informações só por carta ou via rádio, não havia telefone, jornal, ou televisão. Com isso pouco se sabe o que realmente provocou a vinda do mesmo aqui, embora tenha contribuído muito para o nosso município. Aqui ele introduziu a plantação e consumo de verduras, principalmente a berinjela.

Neste período de nossa história existiam dois veículos que faziam o transporte de passageiros e mercadorias para Mossoró. Eram os caminhões tipo Misto²⁷ pertencentes aos motoristas Aldo e Balzinho. Ambos dividiam a rota Upanema Mossoró durante a semana. Aldo ia nas segundas, quartas e sextas e no sábado fazia a linha para Assu. Balzinho ia nas terças, quintas e sábado para Mossoró. Sobre os mistos Jaime acredita que pode ter alguma foto em seu acervo e promete procurar: *“Eu adorei o caminhão misto e não posso imaginar que não teria tirado uma foto de uma criação tão colorida, mas talvez não”*.

Trafegar pela BR-110 neste período era uma verdadeira aventura. Em épocas de inverno Upanema ficava praticamente isolada de Mossoró. Depois de muito sofrimento da população essa BR só foi completamente asfaltada e inaugurada em 2014. Foram 50 anos de luta até esse momento.

Zé Mário recorda exatamente como foi a chegada de Jaime em nossa cidade, uma cena que certamente marcou aquela criança de apenas 12 anos de idade. Segundo ele, na época a diversão para as crianças eram poucas. Assim, ver o caminhão misto chegar e as pessoas e mercadorias desembarcarem era garantia de novidade. Então ele estava lá, em junho de 1968, ao lado do Mercado assistindo ao desembarque de passageiros no dia em que Jaime chegou. Não tinha como esquecer aquele homem alto de língua diferente. Ele foi acompanhado do senhor Oliveiros, que era professor de inglês na cidade e sabia um pouco do idioma. Passou em um bar na esquina e se dirigiu para o Hotel de Maria Romana.

Figura 7 – Reprodução da internet de caminhão misto e abaixo imagem do misto de Balzinho.

²⁷ O nome dado a esse tipo de veículo, Misto, se dava justamente porque eles eram metade caminhão, com a carroceria para transportar produto e na frente duas ou até três boleias para transportar passageiros.



Fonte: Reprodução da internet na foto 1 e acervo da família na foto 2

Esta segunda foto nos foi repassada pela família de Bauzinho, uma foto inédita pois eles nunca haviam cedido a ninguém. Quem pesquisa a história de Upanema sabe como era difícil encontrar uma foto dos mistos e por isso agradecemos a família.

2.18 – Professor em Upanema

Quando veio para Upanema Jaime não era professor, nunca tinha sido. Praticamente não tinha experiência profissional. Ele veio para desenvolver um trabalho na área rural, no desenvolvimento da agricultura em especial, aquela de subsistência como forma de proporcionar um pouco mais de comida para o povo pobre que a época passava fome na região.

Paralelo a esse trabalho, Jaime conta que foi convidado pelo prefeito Antonio Lopes Sobrinho para lecionar e como não recusava desafios, aceitou e assim passou a lecionar inglês em uma escola municipal, era o início do Ginásio Agrícola Municipal, criado em 1968. A essa instituição de ensino dedicamos mais informações no capítulo dois deste trabalho.

Ora, se acreditamos que o acesso à uma educação de qualidade possibilita uma transformação real na sociedade, uma evolução sustentável, o que pensar de uma cidade em que só existia o Ensino Fundamental menor, até a antiga 4ª série, hoje 5º ano, e que só na década de 1970 chegou o Fundamental maior. Também foi apenas na década de 80 que chegou o Ensino Médio, antes chamado de 2º grau. Já o acesso à universidade era apenas um sonho distante, possível apenas para aqueles poucos que contavam com familiares em Mossoró e que estavam dispostos a receber os estudantes para residir em suas casas. Esse acesso à universidade mais abrangente para a população veio apenas nos anos 90, e mesmo assim sendo poucos que tiveram essa oportunidade, mas já era uma realidade mais próxima, possível. Hoje a situação melhorou, o acesso está quase pleno para quem tem interesse, mas o resultado prático veremos apenas nas próximas décadas e gerações.

Quanto ao Jaime professor, os alunos relatam sua dificuldade com o idioma mas também seu esforço em explicar da melhor maneira possível para ser compreendido e proporcionar a aprendizagem. Uma das técnicas que utilizava era a sua habilidade em desenho, e assim usava o quadro negro para ilustrar palavras e o conteúdo que pretendia ministrar em suas aulas.

Apesar da pouca idade e da falta de experiência, já que nunca tinha lecionado antes, ele desenvolveu uma forma memorável de ensinar inglês, transformando a dificuldade em enfrentar o novo idioma em um aprendizado simples que soava familiar e de fácil entendimento ao alunado. Esse foi sem dúvidas um protótipo do futuro

professor que estava em formação e que iria ser colocado em prática nos Estados Unidos, sem falar no tom professoral com que passou a se comunicar em sua vida. Assim, ele desenvolveu um estilo tão cativante que até hoje alguns ex-alunos ainda recordam com satisfação aquelas aulas de inglês.

2.19 - Graduação de Jaime

Jaime chegou em Upanema já formado mas sem experiência. Ele havia se formado naquela que é talvez a melhor ou pelo menos mais reconhecida universidade do mundo, a Universidade de Harvard. Lá ele estudou Literatura Inglesa e se formou em 1968 com um diploma de Bacharel em Artes. Mais tarde, na década de 1990, fez mestrado em educação de adolescentes no Bank Street College, na cidade de Nova York. Posteriormente, entre outras funções, Jaime se tornou professor até sua aposentadoria quando era diretor de uma escola de Ensino Médio nos EUA.

Hoje Jaime considera ter fluência, além do inglês evidentemente, em português, francês e espanhol. *“Posso sobreviver em todas as três línguas - não morreria de fome, poderia encontrar o caminho para a estação ferroviária ou rodoviária e talvez pudesse contar uma piada ou duas”*. Quanto ao japonês, idioma materno de sua esposa, apesar de conseguir entender bem, ele fala pouco e por isso não considera que domina este idioma. *“Consigo entender duas pessoas conversando em japonês mas não consigo participar do diálogo”*.

2.20 - Sobre o carnaval

Que o carnaval brasileiro é reconhecido mundialmente todos nós sabemos, agora, que em 1970 o carnaval de uma cidade pequena fizesse sucesso e atraísse a atenção de um americano isso é algo no mínimo curioso. Na época nosso carnaval em nada se parecia com o dos grandes centros tradicionais da folia como o Rio de Janeiro ou mesmo a Bahia. Mas, como nos explica DaMatta sobre o carnaval:

Sabemos que o carnaval é definido como liberdade e como possibilidade de viver uma ausência fantasiosa e utópica de miséria trabalho obrigações pecado e deveres numa palavra, trata-se de um momento onde se pode deixar de viver a vida como um fardo e Castigo; no fundo, a oportunidade de fazer tudo ao contrário: viver e ter uma experiência do mundo com excesso, mas agora como excesso de prazer, de riqueza ou de luxo de alegria e de riso de prazer sensual que fica finalmente ao alcance de todos. (DAMATTA, 2001, p.73).

Naquela época Upanema realizava a folia de momo no antigo Clube Municipal. Era uma festa simples e funcionava da seguinte maneira: uma banda pequena tocava, muitas vezes uma orquestra formada por músicos locais, e os foliões dançavam em círculos pelo salão do clube incansavelmente. Esse modelo vai durar até o início dos anos 2000 quando será substituído pelo carnaval de rua com direito a trio elétrico e bandas de renome estadual e até nacional chegaram a se apresentar em nossa cidade.

Em conversa com uma das pessoas que conviveram com Jaime, ela nos relatou que ele adorou tanto o carnaval que dançava até não aguentar mais! Aproveitamos então, o domingo de carnaval do ano de 2021, dia 14 de fevereiro, e escrevemos um e-mail para Jaime interrogando sobre sua paixão pela folia de momo, o que ele sentia sobre esse evento, se sentia saudades e quais lembranças. A citação da folia de carnaval tocou tão fundo que ele respondeu no mesmo dia, o que era raríssimo acontecer.

“*Sua carta fornece um sorriso*”, respondeu inicialmente Jaime, seguido de suas tradicionais respostas um pouco filosóficas, poéticas, as vezes saudosistas.

“*O Carnaval enviou seu espírito para uma pequena cidade poeirenta escondida entre as colinas vermelhas e a sempre solitária e sempre acolhedora propagação da árvore verde de Juazeiro que, como o sertão e as pessoas que viveram e morreram sob o sol e a lua daquelas noites solitárias e dias agitados fizeram o seu melhor para dar sentido ao seu mundo. Então, quando chegou a hora do Carnaval, em vez de ir para a Bahia ou para o Rio, fiquei com minha turma, minha equipe, minha madrinha Dona Maria, meus amigos e amigas, e todos nós, jovens e velhos dançamos sem vergonha, sem medo, sem barreiras. Upanema era um lugar humilde, sem pretensões, sem expectativas de que o mundo lhes daria o mínimo de atenção. Então Upanema é em todos os lugares, em todos os lugares que ninguém deve nunca deixar para trás. Por todas as suas imperfeições naquela cidade há muito tempo, eu estava*

seguro e protegido pela consideração e pela generosidade das pessoas que mal tinham ideia do porquê eu estava lá. Enquanto eu fosse sensível e gentil em responder- e eu fiz o meu melhor para fazê-lo - então tudo estava bem. Esse é o verdadeiro espírito do carnaval. E é por isso que, até hoje, carrego uma dívida de saudades do passado até o tempo presente”.

Lendo a réplica de Jaime nos vem a memória um sentimento de nostalgia por aqueles carnavais do Clube Municipal que infelizmente se perderam no tempo. É mais uma parte do nosso passado, da nosso História que se acabou e que ainda resiste apenas na memória de quem vivenciou-os. Hoje o antigo Clube Municipal foi transformado em uma academia de musculação, um triste fim para um prédio com tanta história.

2.21 – A história de um jumento teimoso e um visitante tolo

Uma vez, há muito tempo, quando contadores de histórias percorriam os caminhos através da terra do sertão, um visitante vinha de longe para morar com as pessoas em uma pequena cidade chamada Upanema. Esse estranho se chamava Jaime Americano. Na verdade, essa era a junção de seu nome com o nome de seu país. Ele cresceu em uma cidade grande e nunca viu um jumento fora das páginas de uma enciclopédia. Ele sabia que eles tinham ouvidos, cauda e corpo que ligavam essas duas características essenciais, mas, além disso, apesar de sua educação universitária, ele ignorava um pouco o caráter de um jumento ou o que pensavam. Um dia ele sentou-se e ficou conversando com novos amigos perto da esquina da praça da cidade.

A conversa se voltou para o assunto de um jumento que estava por perto: "Oh, Seu Jaime, você já andou de jumento?", alguém perguntou inocentemente.

"Nunca", respondeu o jovem americano.

"Gostaria de tentar?" A pergunta parecia amigável e fácil.

O jovem pensou que gostaria de mostrar ao povo de Upanema que estava disposto a fazer o que eles fizeram. Parecia fácil o suficiente. Na verdade, se formos verdadeiros sobre essa história, seu coração estava acelerado e sua boca estava seca.

De repente, o jumento sombrio parecia mais alto que um elefante. E seus olhos não eram amigáveis. No entanto, o americano tinha orgulho e era teimoso. Ele prometera fazer algo novo e dificilmente poderia mudar de ideia. É claro que a excitação tomava conta da cidade. Muitas pessoas, não apenas crianças pequenas, mas também os adultos vieram assistir.

"O americano vai montar um jumento!" A palavra foi de casa em casa e de repente se tornou uma esquina muito movimentada.

Jaime se aproximou da fera de cor cinza e pôs um pé em um estribo e se balançou pelas costas da fera. Como um cavaleiro medieval, Jaime sentou-se muito reto e com muito orgulho. Ele estava pronto para uma grande aventura. É verdade que seus pés estavam quase tocando a poeira, porque suas pernas eram muito longas. Havia apenas uma dificuldade. Esse jumento nasceu e foi criado no sertão e ninguém pediu sua opinião. A multidão estava empolgada. As pessoas gritavam.

Jaime estava suando sob o sol da tarde e também estava suando de medo. O animal apenas mexeu as orelhas e uma vez virou a cabeça como se mordesse o cavaleiro na perna esquerda. O americano pensou que talvez a dificuldade fosse que ele não havia se dirigido ao animal em português.

"Vai!", ele disse.

Enquanto isso, o animal não fazia nada.

Quanto à multidão de humanos, essa pode ter sido até então a maior participação de qualquer evento na história de Upanema ou pelo menos essa era a impressão que Jaime teve na ocasião. Algumas pessoas tinham dificuldade em respirar porque estavam rindo tanto que havia muito pouco oxigênio para respirar. Alguém deu ao americano uma pequena vara para bater nos flancos do burro. Jaime era um jovem de coração mole e apenas bateu levemente no animal. Ele também usou os calcanhares nus para empurrar a besta para a frente, como vira garotos pequenos. Por último, o burro se moveu. Havia apenas uma dificuldade – foi para trás. Esse era um problema que ninguém - especialmente o americano – tinha antecipado. Nesse ponto, metade da multidão estava rolando na poeira. Isso era muito melhor do que o circo itinerante que acontecia uma vez por ano. Isso foi melhor do que os filmes, melhor do que a televisão, melhor do que qualquer história inventada.

Pouco depois, o americano decidiu que viajar para trás por três metros era uma viagem longa o suficiente para qualquer um e que, além disso, o jumento havia se apresentado demais. Movimento para a frente, para trás ou para o lado. A meio da

queda, meio que se afastava, o jovem alto de alguma forma se soltou do jumento. Ele entregou as rédeas a alguém muito mais sábio do que ele e pensou consigo mesmo como tinha sorte, como estava feliz por nunca precisar montar um burro novamente. Todo mundo estava feliz. No entanto, até hoje ninguém jamais conseguiu dizer com certeza que o burro tinha sentimentos de alegria ou tristeza.

Juro por tudo o que considero querido que essa seja uma história verdadeira contada por Jaime Americano em seu computador para que Silva, o historiador, pudesse realmente dizer que há muito tempo aconteciam loucos, mesmo em cidades calmas e tranquilas como Upanema.

2.22 – O trabalho de Jaime em Upanema

Diante das três áreas em que os voluntários do Peace Corps poderiam escolher para atuar, a saber, Educação, Saúde ou Agricultura, Jaime escolheu esta última opção pois, não tinha nenhum conhecimento na área da saúde e nunca tinha sido professor ou outra experiência na área da educação, apesar de ser recém formado na universidade de Havard. Ao contrário do que acontecia com a agricultura, área em que ele tinha uma pequena experiência apreendida com seu pai, que cultivava na casa de campo que possuíam e passavam os finais de semana, por isso sua escolha.

A 521 anos, em 1º de maio de 1500, Pero Vaz de Caminha escreveu na famosa carta do descobrimento para o Rei de Portugal, Dom Manuel, contando sobre a nova terra, que no Brasil “em se plantando tudo dá”. A Carta, documento considerado de fundação do Brasil, possui uma verdade ainda atual. Mas, em se tratando de Upanema na década de 60/70 não era essa a realidade. A agricultura que existia era apenas a de subsistência, e esta sofria com as constantes secas, inclusive relatadas por Jaime Americano. O Rio Upanema ainda era temporário e a falta de água era uma constante, com a população indo pegar água nas famosas cacimbas no leito do rio com latas d'água "na cabeça" ou no lombo de animais.

Importante lembrar também que a cidade de Upanema nesse período abordado, tinha necessidades nas três áreas, ou seja, não tínhamos uma boa educação uma vez que os alunos cursavam apenas até o atual 5º ano, Não existia o

SUS²⁸, não tínhamos médico residente, o que significa que qualquer complicação a única solução era uma viagem desgastante até Mossoró, e na área da agricultura faltavam alimentos e o povo mais carente passava fome. Essa era uma realidade triste e dura que Jaime teve que lutar contra, e acreditou que motivando as pessoas a plantarem hortas em casa poderiam amenizar esse problema que era real.

Como nos mostra o relatório da FAO,

A coexistência da fome, da desnutrição, das deficiências de micronutrientes, do sobrepeso, da obesidade ocorrem, entre outras causas, devido à falta de acesso a uma alimentação saudável que forneça a quantidade de nutrientes necessários para levar uma vida saudável e ativa. (FAO, 2017, pág. 8)

Assim, chegando em nossa cidade, Jaime buscou realizar algumas atividades nessa área tentando amenizar essa triste realidade, como ele citou a marcha dos “anjinhos”, recém-nascidos mortos indo em direção ao cemitério. Importante destacar que esse era um problema que atingia não apenas Upanema mas o Brasil. Para se ter ideia, o Brasil só conseguiu sair do Mapa Mundial da Fome²⁹ em 2014, segundo a ONU.

Talvez a de maior destaque foi a plantação com o senhor Antonio Preto³⁰. Enquanto que muitos desconfiavam das boas intenções de Jaime, Antonio Preto e família acreditou desde o início e começaram a cultivar frutas e legumes inclusive, chegando a vender na Feira Livre de Upanema. Isso significou muito pois, era uma família pobre que morava em uma terra que não era sua, mas que eles cuidavam. Diante dessa iniciativa, além de passarem a ter uma alimentação mais variada e de qualidade, ainda proporcionou uma renda extra para essa família.

A outra iniciativa de destaque ocorreu em parceria com o Clube de Mães. Uma entidade sem fins lucrativos que juntava boa parte das mães da cidade. Nesse período o Clube de Mães era dirigido pela senhora conhecida como Dona Maria de Zé

²⁸ O Sistema Único de Saúde - SUS, surgiu com a Constituição Federal de 1988, a chamada Constituição Cidadã. Mas, na prática, ela só foi implementada depois da estabilidade econômica proporcionada pelo plano real de 1994.

²⁹ O Mapa da Fome é um levantamento produzido e publicado pela ONU (Organização das Nações Unidas) sobre a situação global de carência alimentar. A situação da Pandemia do COVID-19 está sendo apontado como responsável por colocar o Brasil de volta nesse mapa no ano de 2021,

³⁰ Antonio Preto e família foram ao lado de Dona Maria Romana do Hotel os maiores amigos de Jaime em nossa cidade. Ele sempre perguntava por eles e os entrevistados também confirmavam a ligação muito próxima.

Pequeno³¹. Ela residia na Avenida 16 de Setembro a duas casas do Hotel Central onde Jaime residia, o que levou-o a desenvolver também uma grande amizade com essa família. Nesse período o Clube de Mães criou uma espécie de horta comunitária para ser cultivado pelas mães que integravam o projeto. A horta estava situada no terreno que existia no local onde hoje fica a Câmara Municipal de Vereadores, ou seja, hoje em pleno centro da cidade, há 50 anos era utilizado para agricultura.

“Gostei imensamente do meu tempo com o Clube de Mães. Lembro-me de dar uma aula sobre esterilização de bicos de mamadeira, por que as moscas eram a fonte de tantas doenças etc. Era um grupo pequeno de mulheres, mas tão sinceras, tão ansiosas por se aperfeiçoar e dar os pequenos passos que pudessem para fazer da melhor forma possível para seus filhos. É quando você sente o poder redentor das mulheres do mundo - elas têm sabedoria inata. Cada uma dessas mulheres foi uma heroína para mim. Eu gostaria de ter dito isso na época”.

Jaime também tentou incentivar o cultivo em outros locais como no sítio Boáguas além de quintas em casas particulares de várias mães, mas infelizmente sem alcançar maior sucesso.

É evidente que a situação da fome melhorou consideravelmente hoje em dia, inclusive com a crescente substituição dos produtos tradicionais da agricultura familiar como nos avisa Bleil desde o final dos anos 90:

“Feijão, a farinha de mandioca, o arroz e a farinha de milho, os alimentos mais tradicionais na dieta do brasileiro, têm tido uma redução em seu consumo. Os novos produtos alimentares, criados pela indústria, tem conquistado um público crescente, principalmente nos grandes centros onde também o fast-food é uma realidade para milhões de brasileiros” (BLEIL, 1998 p. 3)

Com a evolução da sociedade esses novos hábitos alimentares foram sendo incorporados nas últimas décadas deixando cada vez mais de lado os produtos naturais em troca de produtos industrializados.

Figura 08 – Antonio Preto e filho mostrando tomates fruto do trabalho com Jaime

³¹ Conhecida por toda Upanema como Dona Maria de Zé Pequeno, seu nome era na verdade Maria Luiza da Silva. Ela coordenou o Curso de Plantas medicinais em Upanema, vivenciou o trabalho de saúde popular junto as comunidades Eclesiais de Base – CEB's, e até o fim de sua vida manipulou ervas medicinais, orientando sobre a importância do medicamento caseiro. Ela nos deixou no dia 23 de dezembro de 2013.



Fonte: Acervo James Shapiro

2.23 - Contatos com os políticos

Os Voluntários da Paz possuíam algumas regras para evitar problemas na convivência com as populações locais tais como, evitar se envolver em questões políticas, religiosas ou mesmo intimamente em relacionamentos amorosos. É importante destacar que nem sempre essas regras eram seguidas ao pé da letra. Podemos citar como exemplo um depoimento de voluntário Terry quando nos diz que: *“Lembro bem quando já tinha passado dois anos como Voluntário no Brasil (passei 3 anos e meio no total) e fui passar um mês nos EUA. Um funcionário no Peace Corps na sede em Washington me contou as estatísticas que diferenciaram a experiência no Brasil versus qualquer outro país: 1 - mais voluntários conseguiram passar os dois anos iniciais; 2 - mais voluntários casaram com “host country nationals” (brasileiros/as) que em outros países, e 3 - mais voluntários ficaram no Brasil após terminar o serviço”*.

Mas, a explicação para essas normas existirem era sobremaneira simples. O objetivo era evitar maiores problemas, desavenças entre grupos políticos ou religiosos o que poderia dificultar o trabalho dos voluntários.

Portanto, observamos que ao chegar em seu local de vivência, essas regras serviam mais como orientação do que como normas a serem seguidas em todos os seus aspectos.

No caso de Jaime, percebemos então que logo de cara ele não seguiu essas orientações, senão vejamos. Ele conheceu o Padre José Bezerra e decidiu vir a nosso município por influência do pároco que por sua vez o levou até o prefeito da época, o senhor Antonio Lopes Sobrinho. Questionado sobre esse contato com o prefeito e com os políticos de então, Jaime nos responde que *“Antonio Lopes foi uma pessoa doce e gentil que apoiou minha missão que era viver como um bom cidadão e ajudar, como ele diria, para trazer paz e harmonia. Ele me convidou para lecionar na escola primária e eu aceitei com alegria, pois eles estavam crescendo em um nível de série.*

Eu tinha ouvido conselhos muito ruins de um voluntário do American Peace Corps que estava morando em uma favela em Recife. Ele me disse para fazer tudo que qualquer brasileiro fazia - o conselho era vago, mas ele era um diamante bruto e saiu atrás de garotas e bebeu até as primeiras horas da manhã. Nas minhas primeiras semanas em Upanema alguns dos homens me convidavam para entrar nos bares às 10 ou 11 da manhã para uma rodada de água que passarinho não bebe. Era como beber o fluido do radiador - dois dedos em um copo, espremer limão e um pouco de sal, um arrepio para fazer aquela coisa nojenta descer e ficar no chão. Saí para o sol do meio-dia e voltei flutuando para o hotel para o almoço. A ressaca foi horrível. Não gostei de fazer isso, mas pensei que precisava conquistar a confiança. Antonio Preto chamou-me de lado e disse-me com clareza, mas gentilmente, que eu não conseguiria estabelecer uma reputação de confiança como professor se fizesse esse tipo de coisa. Fiquei com vergonha e mudei completamente meu comportamento. Aprendi também que existem maneiras de dizer não sem ofender ou ser superior. Eu tinha que acreditar no meu 'sim' e no meu 'não'. Serei eternamente grato a um homem tão bom para a cidade e como alguém em quem posso confiar como um irmão mais velho”.

Ao final de sua estada em nossa cidade tivemos eleições e assumiu a prefeitura o senhor Luiz Cândido Bezerra. Sobre ele Jaime nos diz que não o conheceu bem mas que tinham relações cordiais com certeza.

“A essa altura, meu português havia melhorado o suficiente para que eu pudesse entender as nuances das lutas pelo poder na cidade. Eu também estava um pouco mais velho e começando a perceber que as pessoas, inclusive eu, não eram boas nem más, mas complicadas misturas de atitudes, ambições e ideais. A política na cidade parecia decente. Foram os maiores comícios políticos em Natal ou em Mossoró que me surpreenderam. Nordestinos amavam (talvez ainda ame?) Os grandes oradores, os oradores com um dom para as palavras, para o drama, para usar as camisetas coloridas de seus candidatos. Promessas foram feitas, promessas não foram cumpridas, dinheiro foi roubado em nível estadual e nacional. Nesse ínterim, havia sérios problemas para resolver em casa (em todas as cidades pequenas). Achava que politicamente o Brasil era ingênuo quanto ao seu maior tesouro - nem ouro, nem minerais, nem cacau, nem açúcar, nem café, mas a riqueza do potencial humano de seus cidadãos. Sem uma educação excelente e o apoio de uma alimentação boa e regular e cuidados de saúde e empregos para uma população muito jovem, eu estava terrivelmente preocupado que o Brasil sofresse com a falta de respeito sustentado pelas pessoas comuns, muitas das quais naquela época eram pobres.

Não me lembro de nenhuma regra especial do lado brasileiro ou americano sobre ter ou não contato com políticos locais. Meu contato principal foi com o prefeito da cidade, uma pessoa de muita dignidade e sabedoria. Ele foi excepcionalmente gentil e compreensivo ao me ajudar a me estabelecer e a me comportar de uma maneira que um estranho, agora um hóspede da cidade, deveria ser. Por exemplo, muitas vezes era convidado a ir a bares para tomar um ou dois copos de cachaça com os habitantes locais. O prefeito me lembrou que, como professor na escola primária local, eu era considerada um exemplo. Minha motivação para tomar uma bebida era me encaixar - e ele entendia isso - mas eu tive que aprender a dizer não às vezes sem ofender. Sempre apreciei seus conselhos paternais”.

Quanto aos vereadores Jaime diz não recordar quem eram e pouco ou nada teve contato com eles.

2.24 – Namoradas em Upanema

Questionado sobre informações que colhemos sobre ele ter se relacionado amorosamente com uma upanemense, Jaime explica que não. Na verdade, as pessoas acreditavam que ele teria namorado com mais de uma, isso devido a seu jeito amigável de conversar e visitar todos em suas casas. Uma da entrevistadas fez questão de falar sobre o assunto antes mesmo de perguntarmos. Ela garantiu que nunca teve algum relacionamento com ele além da amizade.

O objetivo do Corpo da Paz era principalmente ajudar os residentes locais em áreas de pobreza em comunidades onde os serviços governamentais locais eram frequentemente mínimos. Para fazer isso, os voluntários do programa deveriam se aprofundar no idioma e nos costumes dos residentes locais. Fazer isso significava que a amizade respeitosa e plena com cidadãos de qualquer país exigia um enorme contato pessoal. Viver em uma vizinhança dessa maneira geralmente significava que apenas indivíduos muito entusiasmados e confiantes aceitariam esse tipo de desafio. Muitos voluntários do programa raramente viam outros americanos, faziam o possível para se tornar o mais fluente possível no idioma local e se comportavam o mais respeitosamente possível como bons cidadãos e cumpridores da lei que eram hóspedes em um país diferente do seu.

“Não sabia que tinha namoradas durante a minha estada em Upanema! A fofoca era uma grande atração em uma cidade sem televisão de verdade, conexões telefônicas ruins, sem filmes e muito pouco para fazer socialmente além do bater um papo. Se eu entrasse em uma casa para cumprimentar uma mãe solteira, por exemplo, ou para distribuir sementes de hortaliças para plantar no quintal, para meu desgosto, descobriria mais tarde que havia fofocas ligando-me romanticamente a essa pessoa. Certamente fiquei encantado com as moças locais, mas nunca namorei ninguém. Eu estava o tempo todo sob observação de muitas pessoas e não queria criar nenhuma situação em que meu ensino e meu compromisso de espalhar a horticultura para muitas famílias fossem prejudicados. Eu estava bastante entusiasmado com o impacto devastador das doenças, da fome e da seca nas vidas locais. Isso veio primeiro. A taxa de mortalidade infantil até a idade de 1 ano era de

cerca de 50%³². O cemitério estava cheio. Certa manhã, um jovem pai que morava no mato passava pelo Hotel Upanema. Ele carregava um caixão de papelão, minúsculo, na cabeça enquanto se dirigia ao cemitério a um ou dois quarteirões de distância. Ele se aproximou quando eu o chamei e estendi para minha observação sua filhinha bebê, de rosto grisalho e vestida de branco imaculado.

Ele estava orgulhoso de seu “anjo” que estava enviando para o céu. Vendo isso, jurei fazer tudo o que pudesse como homem para ajudar as crianças a sobreviverem. Nada poderia quebrar aquele contrato que eu tinha com a população local”.

2.25 - Sobre a religião em Upanema

No início de sua estada em Upanema Jaime era visto costumeiramente caminhando ao redor da “igrejinha” como ele cita a Igreja Católica de Nossa Senhora da Conceição que, naquela época, a exemplo de hoje, também era pintada de amarelo. As portas da frente davam, é claro, para a praça da cidade. “*O mato crescia rapidamente, os burros vagavam procurando algo para comer e os ladrilhos da calçada do lado de fora estavam rachados e desbotando*” recorda Jaime.

“Lá dentro - e muitas vezes entro no palácio chamado memória - havia sombra misericordiosa do sol equatorial lá fora. A igreja ofereceu frescor e silêncio. Estátuas de gesso dos santos penduradas na parede. A maioria das mulheres frequentava a igreja”. O único padre naquela época, que vinha uma vez a cada seis semanas, era o Padre Zé Bezerra. Foi este pároco que originalmente recomendou Upanema como um lugar que acolheria Jaime. “*Só por essa recomendação confiei no Padre e no destino e fui para Upanema. Descobri, para minha surpresa, que estava à frente de suas novidades e que ninguém esperava minha chegada! Às vezes, parece que a vida tem senso de humor! Mas o Padre Zé estava certo - a cidade acolhia um estranho. Eu*

³² Claro que essa era apenas a impressão que a população e o próprio Jaime tinha dessa realidade. De acordo com os dados oficiais do IBGE, a taxa de mortalidade infantil hoje no Rio Grande do Norte é de cerca de 13,3 por 1.000, o que equivale a 1.3%. Já em 1970 a taxa de mortalidade no Brasil era de 120 por 1.000 ou seja, 12%. Não encontramos números específicos do Rio Grande do Norte e de Upanema mas, pela lógica e pela comparação dos números atuais, quando o RN não aparece entre os de menor taxa e essa devia ser a mesma realidade na época segundo os relatos de quem viveu o período, esse número certamente era um pouco pior.

não era um estranho para mim mesmo, mas para todos os cidadãos, sim, de fato, um estrangeiro da cidade de Nova York havia chegado no meio deles.

O Padre popularmente conhecido como “Zé Bezerra”, se chamava José Bezerra Sobrinho. Foi o primeiro Padre filho de Upanema. Ele recebeu sua ordenação sacerdotal no ano de 1964. Atuou na paróquia de Umarizal e quando vinha passar férias em nossa cidade celebrava missas com mais frequência pois, os padres vinham apenas uma vez por mês. Em 1970 ele deixa a Diocese de Mossoró e foi embora para o Rio de Janeiro onde se torna Capelão Militar. Lá casou e constituiu família. Veio embora para o RN e residiu em Parnamirim até seu falecimento em um acidente de carro no ano de 2015. Hoje é nome de rua em Parnamirim.

Jaime relembra que “as mulheres frequentavam a igreja. Pelo que me lembro, a maioria dos homens que acompanhavam suas esposas à igreja esperavam do lado de fora, fumando uma infinidade de cigarros enrolados à mão, parecendo um pouco desconfortáveis”.

Naquela época o número de evangélicos na cidade era bem menor pois a Assembleia de Deus, primeira e maior religião protestante da cidade até hoje, estava com poucos anos de criada. Mas, desde essa época Jaime notou que *“havia algum tipo de rivalidade ou leve tensão entre as diferentes seitas, mas nada de que eu me lembre claramente mais”.*

“Naquela época, eu achava que os santos individualmente eram muito importantes para as pessoas e para a Virgem Maria. Ouvi histórias sobre peregrinações ao extremo norte, histórias sobre milagres e muitas vezes senti que se Jesus algum dia reaparecesse na terra, seria em Upanema ou em um lugar como Upanema. Havia um anseio, uma crença, uma inocência, um desejo tão forte. As pessoas queriam esperança e queriam respostas. Eu respeitei sua paixão”.

Isso porque Jaime não foi criado como cristão. Sua família era judia por cultura, não por prática religiosa. *“Às vezes, as pessoas diziam coisas sobre os judeus que eram surpreendentes e falsas. Eu não queria discutir ou desafiar suas ideias e percebi que ninguém jamais havia conhecido um judeu diretamente antes, ou mesmo sabia que eu era judeu. Julguei as pessoas com base em sua humanidade, não em suas opiniões”.*

O tempo todo nas conversas as pessoas diziam: “Se Deus quiser.” Nunca soube o que sentir sobre essa frase. Por um lado, tive muitas opções ao crescer e muitas oportunidades aparentes. Fiquei chateado com a pobreza e as lutas pelas

quais as pessoas que eu conhecia e cuidei tiveram que passar - fome, a morte prematura de seus filhos, doenças, dificuldades para obter educação e a luta para encontrar um trabalho que pudesse tornar a vida um pouco melhor. Quanto foi a vontade de Deus? O quanto Deus deseja que as pessoas se esforcem ao máximo para mudar suas vidas, em vez de serem estoicos, até mesmo passivos? E quem era eu na idade madura de vinte e um e vinte e dois para julgar alguém? Então, o que significava quando as pessoas diziam "se Deus quiser". Na época, fiz muitas perguntas e procurei respostas para a justiça social da maneira que eu melhor entendia na época.

Jaime teve a "sorte", segundo ele, de conhecer Dom Helder Câmara, Arcebispo Católico de Olinda e Recife. Foi uma conversa rápida, mas que marcou nosso personagem. *"Ele claramente tinha uma visão de que a pobreza merecia consideração especial da igreja e do governo. Foi uma época politicamente difícil naquela época e eu respeitei ter um vislumbre de sua sinceridade e dedicação"*. Dom Helder pregava uma Igreja voltada para os pobres e a não-violência. Veio a falecer em 1999 aos 90 anos de vida.

Hoje em dia Jaime e sua esposa são budistas. Questionamos ele sobre suas próprias crenças e ele nos explica que nunca se "converteu" ao budismo em um momento formal. Não tem certeza se o budismo é uma religião no sentido comum. Ele tem sua própria maneira de fornecer respostas, orientação, moralidade, mas não há nenhuma crença "necessária" em uma única entidade chamada "Deus". O budismo ensina que tudo é uma só mente. Não há nada fora da Natureza de Buda. Tudo existe em um estado de pureza. Quando olhamos para o mundo com nossos olhos comuns, pensamos que estamos separados de Deus. O budismo ensina que nunca estamos separados da pureza e até hoje, Jaime estuda essa filosofia de vida.

2.26 - Depois de Upanema: ultramaratonista, professor e escritor

Ao sair de Upanema Jaime se encontrou como ultramaratonista, professor e escritor. Como professor ele se aposentou a cerca de 4 anos depois de 29 anos de trabalho. Ensinou História, estudos sociais e inglês em uma escola chamada Berkeley Carroll School onde também dirigiu a divisão intermediária para estudantes de 10 a

14 anos. Além disso, ele treinou estudantes em “Discurso e Debate”, algo que praticamente não existe no Brasil. Nos Estados Unidos, algumas escolas oferecem cursos de falar em público onde os alunos escrevem ou memorizam discursos; encenar peças teatrais e também debater onde os alunos escolhem um assunto e depois argumentam - com base na lógica e na evidência - que sua posição é a mais sensata. *“Por exemplo, uma equipe de debate argumentará que as escolas devem exigir uniformes, porque isso cria um clima melhor para o aprendizado e o outro lado argumenta que os uniformes não importam para ajudar as crianças a aprender profundamente. Todo discurso e debate é sobre aprender a se sentir confortável em pé na frente de outras pessoas e usar linguagem, emoção e pensamento claro de maneira eficaz”*, nos conta Jaime.

Como escritor ele escreveu três livros. O primeiro foi sobre a história da corrida de maratona "On The Road: The Marathon", publicado em 1978. Em seguida veio um livro sobre corrida de longas distâncias: "Ultramarathon", publicado em 1980, e o último foi um de meditações sobre essa jornada trilhada chamado "Meditations from the breakdown Lane, run across America", publicado em 1983.

Jaime também correu sozinho nos Estados Unidos, da Califórnia a Nova York e sozinho nas principais ilhas do Japão. *“Isso foi há muito tempo atrás”* relembra Jaime. Mas essa paixão não o abandonou e até hoje, no alto de seus 74 anos, ainda corre diariamente.

2.27 - Jaime pelo mundo

Jaime começou a viajar o mundo desde os 14 anos, nas férias de verão em um navio cargueiro quando na oportunidade visitou o Brasil e se apaixonou por nosso país.

Caro Silva,

Sim, meu pai me deu permissão para trabalhar durante as férias de verão em um cargueiro. Voltei para a escola no final da viagem. Eu tinha um amigo da Noruega na minha escola e a cultura da Escandinávia naquela época acreditava que não era razoável para um garoto de 14 ou 15 anos sair de casa para ser aprendiz no mundo do trabalho masculino. Foi, no entanto, mais incomum no meu mundo e nenhum dos

meus amigos teve uma experiência semelhante. Meu pai confiou em mim para tomar boas decisões e ser capaz de se comportar de maneira independente. Foi um trabalho árduo, mas achei muito bom. Nessa viagem, visitamos portos no Paraguai, Uruguai e Brasil, incluindo Angra dos Reis, Santos e Rio de Janeiro.

Ao longo de sua vida foram muitos outros países, muitas viagens e aventuras. Pouco antes da chegada da guerra civil na Síria, visitou a Jordânia e a Síria para trabalhar em um projeto educacional. O objetivo era incentivar os alunos das escolas sírias a aprenderem a discutir e disputar importantes questões sociais por meio de "debate".

Nesse formato, cada aluno daria um discurso expressando um ponto de vista baseado em pesquisa e lógica e, em seguida, uma pessoa da outra equipe ofereceria seu ponto de vista e contestaria as ideias do outro lado. Meu trabalho era treinar professores de alunos nesse estilo. No entanto, a guerra chegou e a Síria não é mais a Síria que era antes relembra Jaime.

Conheceu outros países como Japão, Argentina, sempre procurando conhecer sua cultura.

2.28 - O segredo da vida

Aproveitando o lado pesquisador e filosófico de Jaime, o questionamos sobre a vida. Como resposta ele nos diz que vivendo muito ou pouco, isso nós não podemos controlar e que estamos no ápice de muitas, muitas circunstâncias e causas.

“Honestidade, simplicidade, compreensão de que nunca estamos separados de nosso mundo dá a clareza e a força de que precisamos para viver plenamente, para abraçar nosso mundo em constante mudança, que também não está mudando.

A inteligência da linguagem fornece discernimento, mas o mesmo acontece com o mundo da não-mente, que é o mundo da intuição além da linguagem, além do pensamento, além do bem e do mal. Não possuímos sabedoria, experimentamos sabedoria. Não estamos separados do nosso mundo. Não é A procurando por B; não há B. A = A. Há sofrimento, mas não há sofrimento no sofrimento. O sofrimento não é o inimigo.

Buda disse que este mundo é como uma casa em chamas.

Temos tudo, tudo nos é dado, mas não é nosso.

Não somos donos de nada, o que nos vem é uma dádiva e cuidamos disso o melhor que podemos.

Quando uma mãe segura seu bebê, ela vai adorar porque ele veio a ela antes que ela soubesse seu nome, vindo da grande escuridão, e enquanto seu filho viver em seus braços, ela pode dar um nome a seu filho e vê-lo à luz do sol e a lua, mas então - mais cedo ou mais tarde - ela deve partir de seu filho que se torna um adulto e se muda ou ela morre antes que seu filho ou seu filho morra antes dela, mas amar é perder também. Não podemos escolher o que mais gostamos e congelar seu movimento. Ninguém pode fazer isso.

Por favor, entenda que não sou um professor de budismo; Eu sou um estudante. Se eu não estiver claro, pergunte.

Meu melhor para você”.

2.29 – O Diário de Jaime

Como a maioria dos Voluntários da Paz, Jaime também possuía um diário o qual fazia anotações quase que diárias de seu cotidiano. Ele nos relatou que são cerca de 150 páginas com os mais variados assuntos mas que em sua maioria provavelmente não interessaria por tratar de questões técnicas da agricultura e das hortas. Também não teria como fornecer pois, tirar fotos das 150 páginas e nos enviar seria um trabalho penoso para ele. Abaixo transcrevemos apenas uma parte desse diário. Ele começou a ser escrito no início de 1969 e trata principalmente sobre jardinagem, que era sua ocupação principal em nossa cidade. Esse diário fornece alguns detalhes do tipo de trabalho que foi uma ocupação diária de Jaime durante dois anos, além de algumas dificuldades enfrentadas por ele como, aparentemente, a falta de interesse da população. *Ele tem mais de 150 páginas, então seria um trabalho enorme transcrevê-lo e talvez não seja tão interessante!*

03 de março de 1969

Sementes à mão: tomate, repolho, berinjela, beterraba, pimentão, cebola, rabanete, quiabo, cenoura, couve-brócolos, abóbora, alface³³.

3 de maio de 1969

Minha abordagem não é complicada. Existem pessoas que passam fome, que não têm alimentação adequada e uma fonte de renda estável. Plantar vegetais é o começo de uma solução para um ou todos esses problemas. Eu ofereço sementes grátis e ajudo para quem estiver interessado. Eles carregam o fardo do trabalho, embora eu esteja pulverizando cerca de 10 jardins em Upanema. Pego um pulverizador emprestado do escritório local da ANCAR³⁴ - por empréstimo permanente. Sementes, inseticidas, fungicidas e outros itens são pagos pelo Peace Corps.

29 de maio de 1969

Esta manhã às 5h15 fui a pé até Boa Água. Conversei com o Vicente. Flavio³⁵ tem pouco dinheiro e fica nervoso com o plantio de verduras. Além disso, alguém sussurrou no ouvido dele que eu espalhei aquela doença no tomate! Pode acreditar! Além disso, como as outras pessoas às vezes são desconfiadas sobre o que estou fazendo aqui.

Fui para a casa da Dona Biar³⁶ (casa branca) - ela vai chutar o porco dela " quando ele está acostumado " e vai me ajudar a plantar mais coisas do que o coentro que ela tem agora.

Os tomates de Dona Zuka³⁷ estão finalmente dando frutos depois de perderem muitas flores.

"Ninguém tinha jardins até você chegar", disse ela. "Todas as pessoas plantadas eram alface, coentro e cebola. Agora estão se familiarizando com eles."

Parou na casa de Aldo³⁸, mas sua esposa não estava lá.

27 de junho de 1969

À tarde saí para visitar Antonio Bento. Todas as plantas são saudáveis. Pimentas já estão dando flores e frutas, tomates também. A grande coisa é como ele

³³ Importante para conhecer as novidades implantadas aqui por Jaime. Um de nossos entrevistados relata que nunca tinha visto ou ouvido falar na berinjela, por exemplo.

³⁴ Jaime está falando da Associação Nordestina de Crédito e Assistência Rural, seria a antecessora da hoje EMATER.

³⁵ Vivente Bezerra, de família tradicional em Upanema. Flávio não conseguimos identificar.

³⁶ Residente na Rua Francisco Bezerra, ao lado da casa de Geraldo Messias, onde hoje pertence a Mazinho.

³⁷ Moradora da Avenida Getúlio Vargas, onde hoje é a lanchonete de Dedé, neto de Zuka.

³⁸ Motorista do caminhão misto, morava ao lado da Igreja Católica e sua esposa era Dona

está fazendo todas essas coisas sozinhas. E, principalmente, convencido do valor da pulverização. Sem avisar, ele colocou todas as plantas e agora está pulverizando regularmente. Pela segunda vez consecutiva, ele passou um tempo simplesmente falando, sem aviso, sobre o que plantar vegetais significava para ele não passar fome, poder comprar o necessário para a casa: carne, feijão, café, açúcar, fósforos e assim por diante. Ele ainda não tem salário. Ainda sem Seu Flavio. O que é maravilhoso é que Antonio tem uma compreensão consciente da importância dos vegetais, que ele os integrou por conta própria, no padrão de plantio estabelecido que ele tem. Ele fala sobre como vai cuidar, onde quer plantar e o que vai plantar. Ele está muito menos tímido em vender, ele tem um sentimento agora pelas características de diferentes vegetais e eles estão comendo alguns em casa.

Naquela noite houve a quadrilha de São João. No dia seguinte, eu estava de ressaca e dormi tarde.

Figura 09 – Uma das quatro páginas de amostra que Jaime enviou.

directly in the copinho - two years
 mixture to use off ashes may be resp. for at takes
 to killing seeds - he's checking on that.
 He thought the whole thing looked pretty good.
 He wasn't worried about production being
 too low as has been worrying me the ~~last~~
 tomato planting jacked up. The seeds were taken
 from green tomatoes as many of them were still
 in embryo stage - Better from above was
 his fruit. Within 2 weeks I should be able
 to get seeds from him. Chris Grande is looking
 very good to him - better fruit than Shradel.
 July 29
 Here is a recapitulation of major things since last
 entry. On July 8 went down to Augusto Severo
 to take a look at things before I pushed off. About 117
 pepper seedlings in the coras (out of 400) had been cut,
 probably by some kind of insect. I was baffled and upset.
 July 9 went out to Açu to spend a little time with David.
 We spent that day hammering out a rough draft of the
 vegetable book and Thursday I spent all day getting
 rough sketches down for almost all of it. Not too successful

Fonte: Acervo James Shapiro

2.30 - A última noite em Upanema - 1970

Abaixo transcrevemos um relato de Jaime sobre seus sentimentos ao deixar nossa cidade.

Depois que o tempo passa, eventualmente dois anos se foram. Quando você é jovem, você pensa no tempo perdido como uma espécie de morte. De alguma forma, de alguma forma você vai continuar mas ninguém pode dizer como. O que eu queria segurar, eu não conseguia entender. O que eu queria dizer que nunca fiz. Onde eu iria a seguir, eu não sabia. Eu sinto muito. Eu quase fiquei. Eu quase desisti do inglês para me tornar uma criança aprendendo português. Sonhei em uma nova língua, escrevi histórias em uma nova língua. Olhei nos rostos dos violeiros errantes, dos trovadores que vinham aos bares e cantavam para os velhos e os meninos que descansavam no joelho de seu pai, suas longas vozes de canto rachadas cantando os foras-da-lei e romances impossíveis. Em algum lugar lá fora naquele calor insuportável onde homens e mulheres às vezes morriam nas casas de taipa, sob a lua sertaneja e estrelas sabíamos que grandes coisas impossíveis tinham acontecido. E agora esses contadores de histórias errantes com seus olhos vazios e tristes vieram pegar um copo de cachaça em um bar minúsculo na esquina norte do mercado.

Fora o sol caiu como um forte golpe - quente, quente, quente de modo que ao meio-dia ninguém sensato permaneceu fora. E dentro do bar, da loja, da farmácia — a sombra, o leve frio permitiu a sobrevivência. Todos foram para casa. De porta em porta, os donos fecharam, as crianças foram para casa, descalços na poeira quente ardente.

Em algum lugar um rádio cantava sobre amor. E desafinado com a inocência gloriosa desesperada e sinceridade uma jovem mulher, esperando em breve por um homem próprio, cantou junto, palavra por palavra.

Minha última noite em Upanema, andei de bicicleta, um veterano de duas rodas dos caminhos dos fundos daquele pequeno vilarejo há muito tempo pelas ruas.

"Oi, Jaime!", uma voz me chamaria como o cortar lento para baixo sobre as ruas de paralelepípedos.

"Oi!" Eu respondi de volta, mas ontem à noite eu não parei. Eu estava saindo na manhã seguinte. Eu estava livre para ir, mas a liberdade vem com um custo. Você ganha seu futuro, mas perde seu passado.

Adeus, sertão.

Bem-vindo, saudades.

Bom dia, sertão.

Bem-vindo, saudades.

As pessoas nascem entre o sol e a lua e durante sua viagem sobre o oceano negro e as ondas do meio-dia, elas fazem o seu melhor para se segurar e entender o que podem. Enquanto estamos juntos, estamos juntos, e quando chega a hora de nos separarmos, esperamos por algo que só a música entenda. Nos meus dias tranquilos, quando eu tinha 22 e 23 anos, eu ouvia no rádio de ondas curtas do hotel até a hora de domingo do fado. Como ondas enquanto o rádio segurava e perdia a transmissão distante, as velhas vozes cantavam de tristeza e alegria. Isso já foi e sempre será vida e morte no sertão. Adeus, sertão; bem-vindo, sertão.

Upanema, lembre-se do seu passado e faça seu melhor futuro.

2.31 - Jaime em Upanema hoje

Questionado sobre a possibilidade de retornar a Upanema, de fazer uma visita a esta cidade que tanto o marcou, ele destaca que não era o momento de viajar internacionalmente, isso seria impossível pois estávamos vivendo o surto da pandemia do coronavírus e o Brasil infelizmente, estava enfrentando problemas graves decorrente dessa doença. Jaime, um senhor já de 74 anos, e sua esposa de 78, não poderiam se arriscar em uma jornada dessas. Na realidade, o futuro sempre é incerto, mas o momento parecia ainda mais complexo.

Outro problema que dificultaria sua visita a cidade de Upanema eram suas ocupações. Apesar de aposentado, ele estava com outros projetos no Estado americano da Carolina do Norte ligados a sua religião. *“Portanto, a resposta é: vamos esperar e ver como as circunstâncias acabarão”*.

Diante de uma vida tão dinâmica e longeva Jaime se mostra realizado em sua vida. Para ele no tempo que resta em sua vida, sua responsabilidade é ser mais simples, mais sincero e mais compassivo. Seu trabalho é manter um “eu” suficiente para administrar os assuntos comuns e dar mais peso ao “nós”.

2.32 - Saudades de Upanema

Questionamos Jaime sobre seus sentimentos sobre o passado em Upanema, suas recordações.

“Upanema sempre fará parte da minha vida e sim, segui em frente. Não vivo ativamente no passado, ele aparece aqui e ali em fragmentos repentinos de memória que são tão vívidos quanto no minuto em que aconteceram. Mas na minha idade, quando estou à beira-mar do oceano do tempo, e a água lava e caranguejos fantasmas correm em busca de seus buracos protetores, a luz que banha o passado, o presente e o futuro é muito tranquila, muito querida, muito frágil e ainda assim duradouro. Viver e morrer são experiências paradoxais. Portanto, como honrar o momento em constante mudança e ser bom com as outras pessoas é uma grande questão.

É difícil não sentir que estou olhando para um homem morto cujos movimentos são controlados por um mestre de marionetes! Eu sei que você é um jovem encorajando um velho a "entrar na onda", mas eu não sou muito surfista nas ondas modernas.

Além disso, eu realmente não respondi corretamente sobre estar em contato com pessoas do passado. Eu tornei isso muito complicado. Eu ficaria feliz em ouvir de alguém dos velhos tempos que gostaria de dizer olá. O passado é passado, mas o passado também faz parte do presente de todos.

Eu gostaria de ser um sujeito melhor para sua pesquisa, mas agradeço seu bom humor e sua humanidade”.

2.33 – Programa Peace Corps completou 60 anos

Como já explicado anteriormente, o programa dos Corpos da Paz surgiu por iniciativa do presidente Kennedy em um discurso ainda na campanha presidencial em 1960 quando ele perguntou aos jovens presentes se estariam dispostos a servir a seu país e a causa da paz ao se voluntariar para ajudar no mundo. Diante da afirmativa

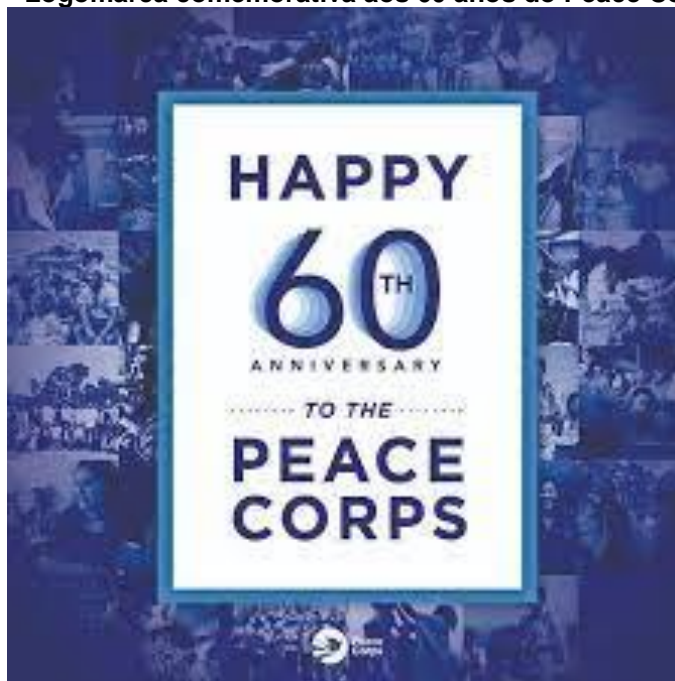
dos presentes, começou a ser planejado esse projeto que seria colocado em prática com a eleição de Kennedy.

O programa foi criado oficialmente em 1º de março de 1961, portanto, em março de 2021 completou exatos 60 anos de sua criação. Os números desse programa são impressionantes. De sua criação até hoje foram mais de 240 mil voluntários espalhados por 141 países do mundo com objetivo de promover a paz e ajudar nas áreas de saúde, educação e agricultura principalmente. Essa organização se tornou assim um símbolo dos anos 60 idealistas, com os jovens sonhando com um mundo melhor.

Esse projeto atuou de forma ininterrupta no mundo até março de 2020 quando a pandemia do COVID-19 obrigou a paralisação das atividades e os mais 7 mil voluntários que atuavam em cerca de 60 países foram todos chamados para retornar para seu país.

Ainda devido a pandemia as comemorações se restringiram a homenagens mas sem encontros presenciais.

Figura 10 – Logomarca comemorativa aos 60 anos do Peace Corps



Fonte: reprodução da internet

2.34 - Jaime professor de inglês para nossos jovens hoje!?

Aproveitamos um de nossos e-mails para conversar com Jaime sobre a possibilidade de hoje em dia ele desenvolver algum projeto com os jovens de Upanema, talvez para ensinar inglês, pois, além de professor da área, a conversa com um nativo ajudaria consideravelmente os estudantes que participassem de tal projeto.

“Agora você tem toda a minha atenção! Eu adoraria uma oportunidade de oferecer aulas de inglês. Ironicamente, em 1968, tive a oportunidade de ajudar um americano que queria ajudar o Ministério da Educação do Brasil a transmitir aulas para todas as salas de aula do Rio Grande do Norte a partir de um satélite. Trabalhei com ele brevemente, mas minha decisão na época foi que a tecnologia nunca substituiria o poder de um professor real por um grupo real de alunos. Mas estes são tempos e circunstâncias diferentes; qualquer coisa que possa ajudar os alunos a buscar o que desejam merece exploração”.

A ideia está lançada e poderá ser posta em prática no futuro, assim esperamos.

3 - O MUNICÍPIO DE UPANEMA ENTRE 1968 E 1970 – BREVE HISTÓRICO

Os primeiros habitantes da região que hoje corresponde ao município de Upanema foram os índios tapuias (de língua travada), da nação dos Tarairius e da tribo Pegas. Os tapuias habitavam o interior de praticamente todo o Nordeste, desde a Bahia até os sertões de estados como Ceará, Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte. Dividiam-se em várias tribos e grupos.

“Os mais abalizados estudos apresentam como tendo pertencido ao grupo TARAIRIÚ, as seguintes tribos tapuias, muito citadas em nossa historiografia nordestina do período colonial: JANDUÍS, ARIÚS, ou PEGAS (liderados pelo “rei” Pecca), SUCURUS, CANINDÉS, JENIPAPOS, PAIACUS, PANATIS, JAVÓS, CAMAÇUS, TUCURIJUS, ARARIÚS, COREMAS”. (MEDEIROS FILHO, 2003, p. 41).

Assim, eram os índios Pegas que habitavam a região de nossa cidade, cujo local de aldeamento denominava-se Baixa das Tropas, atualmente Sítio Lagoa Vermelha, a dois e meio quilômetros de distância da sede do município. Essas informações são repassadas pela tradição e apresentado nas escolas mesmo não tendo sido encontrado nenhum vestígio dos índios nessa região em específico. Os poucos registros que são encontrados no município aparecem na fronteira com Campo Grande, contendo algumas pinturas rupestres nos sítios de Riacho Fundo e Umari, além da Santa Maria, mas este já ultrapassa a fronteira dos municípios e pertence a Campo Grande.

Com o desenvolvimento da pecuária extensiva e sua expansão para o sertão da província do Rio Grande, o Tapuia, que era temido pelo homem branco devido a sua ferocidade, força e velocidade, se tornou um empecilho para a colonização e o incremento dos criatórios de gado, haja vista que os índios não aceitavam facilmente a presença dos brancos. Era preciso desocupar o território, o que foi feito principalmente através da Guerra dos Bárbaros.

“A Guerra dos Bárbaros teve seu início no ano de 1683, sendo o seu epicentro a Capitania do Rio Grande. Como consequência de tal guerra, milhares de tapuias foram degolados, suas mulheres e crianças tornadas prisioneiras..... Outros milhares abrigaram-se junto as missões religiosas, escapando à morte

ou à escravidão. Os que puderam, fugiram para o Piauí e Maranhão”. (MEDEIROS FILHO, 2003, p. 56).

Os últimos Pegas ficaram na Aldeia da Serra de Ibiapaba, em Viçosa, no vizinho Estado do Ceará, na Aldeia da Campina Grande na atual cidade de Campina Grande, na Paraíba. Na aldeia dos Pegas que corresponde hoje ao município de Pombal na Paraíba. Na aldeia Sant’Ana do Mipibu, atual São José do Mipibu, no Rio Grande do Norte e, na Missão dos Pegas localizadas na Serra de João do Vale, no atual município de Belém do Brejo do Cruz, na Paraíba³⁹.

É a partir deste momento, segunda metade do século XVIII, que os primeiros homens brancos começaram a se fixar de forma mais fácil e gradual em nossa região, pois, não existia mais o índio bravo para impedi-los.

A fixação dos primeiros povoadores brancos em Upanema é, portanto, igual modo, fruto da expansão, no século XVIII, da pecuária extensiva que vai colonizar o sertão do nosso Estado. É neste momento que sesmeiros e posseiros vão passar a residir por estas terras, graças ao ciclo do gado. Exemplo disso são os topônimos que ainda hoje dão nome a várias cidades e localidades do Estado como Currais Novos, Pau dos Ferros, Campo Grande e a primeira denominação que Upanema vai receber, o chamado Curral da Várzea⁴⁰, demonstrando claramente a importância da pecuária na região. “Assim, ao fechar-se o século XVIII, todo o território da capitania do Rio Grande estava povoado pelos colonizadores e as bases de sua estrutura econômica, social e política haviam sido implantadas”. (MONTEIRO, 2002, P. 121).

O núcleo populacional teve um relativo aumento quando no ano de 1867 o padre Francisco Adelino de Brito Dantas chega à nossa comunidade, que dista cerca de cinco léguas de Campo Grande. Verificando a qualidade da terra, muito plana e as margens do rio, Padre Adelino aqui celebra a primeira missa além de decidir erguer uma capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição. Esse foi o pontapé necessário para acelerar o desenvolvimento da localidade que a partir daí passa a se desenvolver

³⁹ Deste modo, após uma intensa miscigenação, os últimos Pegas vão desaparecer do nosso Estado. Em 2000, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostrou a presença de 3.168 índios no Rio Grande do Norte. Em Upanema, quatro pessoas se declararam índios. (Censo 2000 – IBGE). Vale lembrar que no Brasil apenas os Estados do Piauí e do Rio Grande do Norte não possuem terras indígenas reconhecidas, ou seja, não possuem tribos indígenas.

⁴⁰ No município de Upanema encontramos diversos outros topônimos que fazem referência ao ciclo do gado como as comunidades de Cabeça do Boi, Fazenda Nova, Cabano ou mesmo Curral da Várzea que permanece sendo uma comunidade distante apenas 1 km da sede do município.

mais rapidamente, chegando ao século XX com força para brevemente se transformar em vila e posteriormente cidade.

O crescimento populacional é impulsionado e muito pela economia da Carnaúba, do algodão, além da agricultura de subsistência e pecuária. O núcleo populacional caminhava a passos largos para virar cidade. Já possuía cemitério, mercado e um arruado consolidado.

E esse rápido crescimento não tardou em apresentar frutos. Em 31 de outubro de 1938 Upanema vira distrito de Augusto Severo. Daí para cidade não demoraria tanto. Assim, apenas 15 anos depois o município de Upanema propriamente dito foi criado, através da Lei Estadual nº. 874 de 16 de setembro de 1953, sendo desmembrado de Augusto Severo (hoje Campo Grande). Passou assim a ser, mais um município do Estado do Rio Grande do Norte.

3.1 - Localização e limites

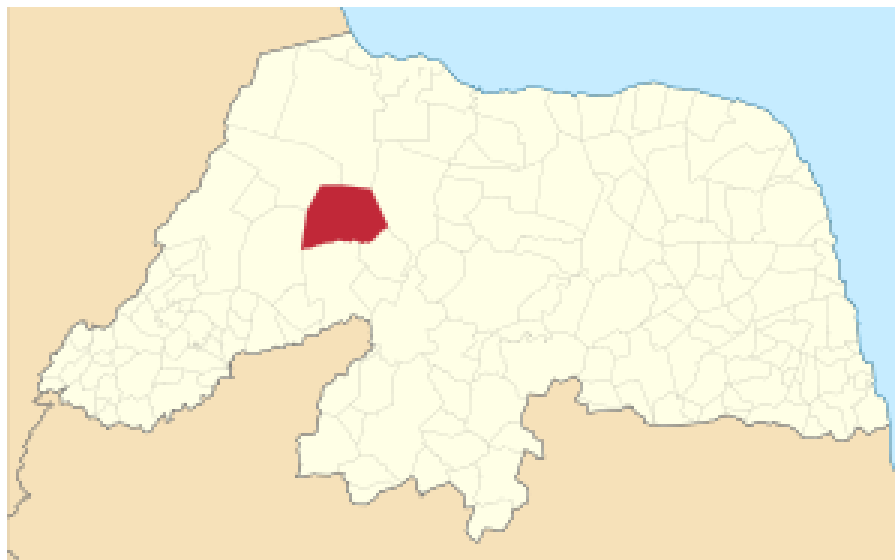
O município de Upanema fica localizado na Mesorregião Oeste do Rio Grande do Norte, na Microrregião do Médio Oeste potiguar.

Nossa cidade faz fronteira com seis outros municípios do Rio Grande do Norte, a saber, limita-se ao norte com Mossoró, a Leste com Assu, A Sudeste com Paraú (Espírito Santo do Oeste⁴¹), a Oeste com Caraúbas, a Noroeste com Governador Dix-sept Rosado, e ao Sul com Campo Grande, município do qual foi desmembrado.

De acordo com o IBGE, Upanema possui uma área de 873,140 quilômetros quadrados dando uma densidade demográfica de 14,87 habitantes por Km².

Figura 11 – Localização de Upanema no Rio Grande do Norte

⁴¹ Através de uma lei municipal proposta pela Câmara de Vereadores e posterior plebiscito ratificado pela população, no ano de 1998 foi aprovada uma lei na qual o município de Paraú passaria a se chamar de Espírito Santo do Oeste. Mesmo assim, a mudança durou apenas dois anos pois, a proposta de alteração foi impugnada pelo Tribunal Regional Eleitoral (TRE), não sendo portanto homologada a alteração, voltando assim o município ao seu nome original.



Fonte: reprodução da internet

Upanema é o 11º maior município em área do RN o que corresponde a 1,64% do Estado.

As principais rodovias com ligação para as cidades vizinhas são as seguintes: Para Mossoró através da rodovia BR-110, distante 48 Km. Para Campo Grande também pela Rodovia BR-110, distante 26 Km. Para Assu através de estrada carroçável municipal, distante 48 Km. Para Paraú através de estrada carroçável municipal distante 29 Km. Para Governador Dix-Sept Rosado através de estrada carroçável municipal distante 45 Km. Para Caraúbas através de estrada carroçável, distante 45 Km.

A cidade de Upanema possui uma altura média de 47 metros. Quanto regime de chuvas, sua precipitação pluviométrica média anual é de 661,4 mm com uma temperatura média anual de 28,1º C. Como todo o sertão nordestino, o clima é o semiárido.

3.2 - Rio Upanema

A exemplo das grandes civilizações fluviais da antiguidade, como Egito e Mesopotâmia, nossa cidade também vai se desenvolver as margens de um rio. Estamos falando do Rio Upanema. Ele nasce no município de Patu, formado pela

junção do Adquinhon e Gado Bravo. Corta os municípios de Caraúbas, Campo Grande até chegar ao nosso município. Segue em direção a Mossoró quando recebe o nome de Rio do Carmo, em alusão aos padres Carmelitas que vão criar um pequeno núcleo as margens desse rio. Segue até desaguar no Oceano Atlântico na cidade de Areia Branca. Ao todo são cerca de 190 quilômetros e uma bacia de cerca de 3.500 km quadrados.

Todos os upanemenses aprendem desde pequeno que Upanema quer dizer água má, imprestável ou sem peixes, que não é piscoso. Esse é o ensinamento comum nas escolas e na cultura popular. Mas, poucos citam o fato de que o grande historiador Luís da Câmara Cascudo atribui um outro significado para o nome Upanema. Segundo ele, *“em Tupi dizemos PÉ, querendo expressar caminho, estrada, via. NEMA é adjetivo. Significa sinuoso, curvo, rodeador, volteado. NEMA é escrito com um til sobre a primeira consoante. Como em português só conhecemos o til sobre a vogal, não é possível grafar exatamente. Pronuncia-se NHEMA. Panema é, pois, caminho cheio de curvas, estrada sinuosa...”* Diz ainda: *“dessa forma, o tradicional Panema recebe seus inalienáveis direitos de ser Rio das Curvas ou caminho de voltas em vez do injustíssimo Rio Imprestável”*.

Portanto, Luís da Câmara Cascudo ao fazer essa análise publicada no livro “Mossoró, Região e cidade”, deixa bem claro qual o verdadeiro significado do nome Upanema na sua opinião. Ele ainda volta ao tema na obra intitulada de Nomes da Terra, quando diz que: PANEMA sempre foi o nome popular, admitindo a versão de *pe-nemã*, caminho de voltas, pelas curvas da artéria fluvial. (CASCUDO, p. 131. 2002). Upanema quer dizer então, seguindo os ensinamentos do mestre Câmara Cascudo, rio das curvas ou caminho de voltas. Na verdade, não seria cabível que um rio que tem um percurso de cerca de 190 quilômetros e que atravessa alguns municípios do Rio Grande do Norte fosse chamado de imprestável pelos índios pois, era dele que eles retiravam o líquido precioso e também pescavam quando cheio.

“Sempre desconfiei que o nome estivesse errado e com ele, a interpretação do topônimo”, diz mestre Câmara Cascudo.

Mas, se restava ainda alguma dúvida a esse respeito, a Barragem de Umarí veio para fechar por completo essa discussão. Concluída e inaugurada no dia 22 de março de 2002, esta é o terceiro maior reservatório de água do Estado, atrás apenas da Barragem Armando Ribeiro Gonçalves, em Assu, e a Barragem de Apodi. A

Barragem de Umari fica distante 8 km da sede do município em direção a Campo Grande.

Com ela, ao invés de imprestável, o rio Upanema passou a ser de vital importância para o desenvolvimento de nossa cidade e região. Com um volume de acumulação de 292.813.650,00 m³, tem possibilidade de tornar-se um pólo de fruticultura irrigada, um centro de piscicultura além de desenvolvimento do turismo mudando por completo a vida do município.

Infelizmente quando Jaime esteve em Upanema o rio ainda era temporário. Poucos meses após o período invernosos, ele secava restando apenas as cacimbas. A dificuldade de água era uma realidade da cidade. Apesar de rica em águas subterrâneas, na época essa riqueza não era explorada a não ser através de cacimbões. Até mesmo o sistema de abastecimento da prefeitura neste período retirava água de um cacimbão na várzea do rio.

Em suma, é dever de todos nós, cidadãos upanemenses, saber e passar a difundir o verdadeiro significado do nome Upanema, visto que, mesmo tendo sido considerado um dia imprestável, hoje certamente não o é.

Perguntado sobre suas lembranças do Rio Upanema e das vezes que teve que atravessá-lo para seu trabalho nas hortas do outro lado do rio, Jaime diz que: *“Quando o rio estava alto, eu tirei minhas calças e de cueca, segurando minhas roupas acima da minha cabeça eu ia meio nadar, meio flutuar, meio caminhar pela forte correnteza e sentir a areia grossa sob os pés. Eu pisava na lama úmida na outra margem, colocava minhas roupas de volta e andava pelos caminhos do campo, mantendo um olho atento para as cobras que às vezes escorregavam pelos galhos das grandes árvores e se pareciam exatamente com gravetos. Quando você estava sozinho no campo, havia a sensação de que deveria andar com cuidado e ficar alerta”*.

A bacia hidrográfica do município ainda se caracterizava por outros grandes reservatórios de água, destacando-se os açudes: Pau D’arco, Várzea Alegre e tendo ainda em seu subsolo grandes bacias aquíferas onde sua extração hoje garante parte da economia municipal com a indústria da água mineral e fruticultura irrigada.

Mas também hoje encontramos problemas. A contaminação de rios e córregos por poluentes químicos e orgânicos converteu-se num dos problemas ambientais mais graves do século XX. A poluição divide-se em dois grandes grupos: a contaminação pontual e a não pontual. A primeira pode ser entendida quando uma indústria ou nós mesmos descarregamos o esgoto direto na rua e este vai para o rio. Nas fontes não

pontuais podemos citar como exemplo a infiltração de agrotóxicos no solo, o escoamento de chorume do lixo em aterros. Hoje em dia testes mostram que a água do Rio Upanema está poluída e imprópria para o banho e consumo.

Olhando o rio que corta a cidade de Upanema hoje, sentimos bastante saudades dos tempos em que curtíamos um belo banho na época das famosas cheias, quando o rio ficava “de barreira a barreira”, o que arrastava balseiros e limpava a ínfima poluição que comportava aquele rio. Quando o leito esvaziava, deixava um espaço muito bom pra jogarmos uma boa pelada de futebol todas as tardes. A vazante era plantada e dava batata e feijão para se comer durante alguns meses.

A cidade cresceu, desenvolveu-se a ponto de ser construída no ano de 1989 uma passagem molhada que iria beneficiar as pessoas que transitam por aquele trecho e que moravam do outro lado do rio, além de reter uma porção da água que restava das enchentes. Os serviços de calçamento se multiplicaram. A cidade se desenvolveu de um lado, cresceu, mas muita gente se esqueceu de que as águas e esgotos vindos da parte de cima da cidade desembocariam em direção ao rio.

Como se não bastasse, desde 2008 foi iniciado uma obra de saneamento básico na cidade e até o ano de 2021 ainda não havia sido concluída⁴².

3.3 - Dados populacionais de Upanema em 1970

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, realiza a cada década, desde 1940 de forma ininterrupta, o recenseamento da população brasileira. Assim, em sequência tivemos os censos de 1872, 1890, 1900, 1920, 1940, 1950, 1960 e o que interessa a nossa pesquisa, o de 1970.

Esse, portanto, é o oitavo levantamento populacional do Brasil, mas também o mais completo até então pois, além dos dados demográficos da população, traz também informações agropecuárias, industriais, comerciais, de serviços entre outras.

⁴² Quando da escrita deste trabalho as obras que estavam paralisadas haviam sido retomadas. Ao final do trabalho haviam novamente sido paralisadas.

De acordo com o censo demográfico de 1970, realizado pela Fundação IBGE (nome da instituição à época), o Estado do Rio Grande do Norte contava, em 19 de setembro de 1970, com 150 Municípios, 181 Distritos e 31 Vilas.

Já o município de Upanema possuía uma população de 6.530 habitantes sendo que 3.241 eram homens enquanto que 3.289 eram do sexo feminino.

A maior parte da população, a exemplo de todo o Brasil, residia na zona rural. Eram nada menos que 4.710 habitantes da zona rural enquanto que a cidade contava com 1.820 habitantes.

3.4 - Poder Executivo

No período em que Jaime Americano esteve em nossa cidade, nós tivemos dois prefeitos constitucionalmente eleitos. O primeiro e o qual aceitou a vinda de Jaime para nossa cidade foi Antônio Lopes Sobrinho. Ele governou de 31 de janeiro de 1965 até 30 de janeiro de 1970. Ele foi sucedido por Luiz Cândido Bezerra que governou de 31 de janeiro de 1970 até 30 de janeiro de 1973.

No governo de Antônio Lopes tivemos grandes avanços no município, muito devido aos recursos da União que passaram a ser mensais. Sendo o terceiro prefeito eleito de nossa cidade, destacamos ainda como algumas de suas realizações a reforma e aumento da rede elétrica com postes de concreto, calçamento a paralelepípedo em diversas ruas da cidade. Também foi instalado uma linha de telefone da cidade para pontos da zona rural, importante para urgências na saúde por exemplo, instalada a rede de abastecimento d'água municipal e construída a Praça Padre Adelino. O nome da praça foi escolhido em homenagem ao Padre que deu origem ao município em 1867 e que, portanto, Upanema estava completando 100 anos durante a administração de Antônio Lopes, em 1967. Destaque para a presença do grande historiador Luiz da Câmara Cascudo dentro das festividades de inauguração da praça que, inclusive, ele quem deu a sugestão do nome da praça de Padre Adelino⁴³.

⁴³ Como informa o jornal Diário de Natal de 15 de setembro de 1967.

Figura 12 - Praça Padre Adelino na década de 1970 e hoje em dia



Fonte: acervo do autor

Antônio foi nosso terceiro prefeito eleito, era filiado a União Democrática Nacional – UDN e teve como vice-prefeito Raimundo Nonato Cândido⁴⁴. A chapa vitoriosa derrotou o candidato Gilvan Elias da Fonseca e seu vice, Lucas Fernandes.

Já no segundo ano em que Jaime estava em nossa cidade, assumiu a prefeitura Luiz Cândido Bezerra. Ele teve seu mandato revogado para apenas 3 anos tendo sido eleito em 03 de outubro de 1969 depois de concorrer como único candidato, com seu companheiro de chapa Antônio Elizeu de Carvalho. Pela primeira e única vez até os dias atuais um candidato chegou à prefeitura de Upanema sem concorrentes.

Luiz Cândido é considerado por quem viveu a época um dos melhores prefeitos que Upanema já teve. Empreendedor, ele realizou diversas obras. Foi em seu mandato que tivemos a criação da Comarca de Upanema com a aquisição de sede provisória contando com Juiz e logo depois um Promotor de Justiça, tivemos a criação e construção da sede da Maternidade Maria Zuleide e foi instalado um Parque Infantil⁴⁵. Uma obra hoje relativamente simples mas que para época entrou no rol de seus grandes feitos foi cortar todas as principais estradas da zona rural com uma

⁴⁴ Após seu desaparecimento Raimundo Nonato Cândido foi homenageado com o nome da Unidade Mista de Saúde, o nosso principal centro médico.

⁴⁵ Ficava situado no descampado onde hoje é a Prefeitura Municipal, em frente a Câmara de Vereadores e o Colégio Calazans Freire.

patrol. Construiu mata-burros nas estradas de acesso à cidade, logo nas entradas⁴⁶. Promoveu o alargamento das estradas entre Upanema e Paraú e Upanema e Assu. Nas comunicações, ele construiu uma linha entre Upanema e Paraú e recuperou a linha entre Upanema e a comunidade de Baixa Fechada. Recuperou o cerco da cidade com a construção de três portões⁴⁷. Adquiriu um motor MWM para o abastecimento da cidade. Comprou e instalou uma bomba, construindo uma casa para sua instalação e aumentou as paredes de cacimbão municipal que abastecia a cidade evitando as enchentes do rio. Equipou oito poços tubulares, perfurou três poços e desobstruiu dois. Colaborou para a construção de 9 pequenos e médios açudes.

Na área administrativa, ele criou a Secretaria Municipal de Educação, adquiriu uma máquina de escrever, um arquivo e um armário de aço, 14 birôs⁴⁸. Recuperou e ampliou o prédio onde passou a funcionar a escola denominada de Ginásio Agrícola Municipal. Construiu uma sala de aula e equipou a escola Alfredo Simonetti, que era da rede estadual. Ainda na rede estadual, recuperou a escola da comunidade de Tapera. Adquiriu uma camioneta zero quilômetro, ano 1970⁴⁹.

Talvez uma de suas maiores conquistas foi ter conseguido junto ao extinto Instituto Nacional de Desenvolvimento Agrário – INDA, a vinda da energia elétrica de Paulo Afonso, fornecida pela Companhia Hidrelétrica do São Francisco - CHESF, aposentando o motor que gerava energia elétrica e era desligado todas as noites, as 21h⁵⁰.

Concluiu e inaugurou através de convênio com o Ministério da Educação e Cultura – MEC, o Grupo Escolar denominado de Governador Dix-sept Rosado, em homenagem ao ex-governador morto em trágico acidente, escola esta que

⁴⁶ Existia um mata-burro na saída para Mossoró, para situar o leitor, ficava por traz da residência do ex-prefeito Antonio Targino, ao lado da Praça de Eventos, e o outro mata-burro na saída para Campo Grande, quase em frente à casa de Chico Balbino.

⁴⁷ A cidade de Upanema possuía uma cerca ao seu redor para impedir que os animais entrassem. Um desses portões ficava na Rua Manoel Bezerra, em frente à residência de João Domingos. Depois daquela casa existia apenas o Cemitério Público Municipal. O outro portão ficava descendo a Rua Salviano Florência em direção ao rio, próximo hoje ao comércio de Dáliton e o outro ficava junto ao mata-burro da saída para Mossoró. Porque não tinha um portão na saída para Campo Grande não conseguimos encontrar a resposta.

⁴⁸ Questionamos um dos entrevistados sobre essas benfeitorias teoricamente simples e nos foi explicado que para época isso era um avanço, a própria prefeitura não possuía equipamentos básicos para seu funcionamento, muito também devido a ser um município novo, com apenas 17 anos. Luiz Candido vinha da capital do Estado, tinha servido na aeronáutica, conhecia uma outra realidade bem diferente da que existia aqui, por isso seu importante papel no desenvolvimento da cidade.

⁴⁹ A prefeitura não possuía veículos e essa foi mais uma inovação do prefeito. A partir de então ele passou a visitar as comunidades rurais com grande frequência. Tinha a anedota de que o motor da camioneta nunca esfriou, fazendo alusão ao tanto que ela rodava.

⁵⁰ A chegada da energia elétrica merecerá um tópico a parte mais à frente devido a sua importância.

posteriormente passou a se chamar Vicente de Paula Rocha e está localizada na comunidade de Pereiros.

Luiz Cândido ainda seria novamente prefeito de Upanema, desta vez eleito para um mandato de seis anos, de 1983 a 1988 mas este mandato foi interrompido por sua trágica morte em um acidente em 26 de maio de 1986⁵¹, quando a partir daí assumiu seu vice, Antônio Targino Sobrinho.

Figura 13 – Prefeitos: Antonio Lopes e Luiz Cândido



Fonte: acervo do autor

3.5 - Poder Legislativo

No período em que Jaime esteve em nossa cidade tivemos a 4ª legislatura. Esta havia se iniciado em 31 de janeiro de 1967 e se estendeu até 30 de janeiro de 1971. Nesse período a nossa Câmara Municipal de Vereadores contou com apenas oito vereadores sendo eles:

⁵¹ Hoje Luiz Cândido dá nome a uma praça na cidade, praça esta que se encontra em péssimas condições, pouco para quem fez tanto pelo município. Ele veio a falecer em um acidente automobilístico na cidade de Jequié, Bahia. No carro o acompanhava o seu filho Bezerra Filho, que era vereador a época, e Hermano. Apenas Luiz Cândido veio a falecer. Eles estavam a caminho do Rio de Janeiro, em busca de recursos para o município.

4ª LEGISLATURA (31.01.1967 a 30.01.1971)

Agenor Vitorino da Costa

Augusto Pinheiro de Figueiredo

Antenor Severino da Costa

Antônia Auta Bezerra de Mendonça

Francisco Eugênio Freire

Francisco Marques Bezerra

Luiz Fernandes Filho

Manoel Nascimento de Carvalho

Nessa legislatura assumiu a presidência da Câmara Raimundo Nonato Cândido até abril de 1970, quando assumiu o vice-presidente eleito, o vereador Luiz Fernandes Filho.

A Câmara Municipal não contava ainda com uma sede própria. As reuniões legislativas ocorriam na sede da antiga prefeitura, onde existia um espaço para os vereadores, o que por si só já demonstra que a separação de poderes e sua independência proposta a tanto pelo Barão de Montesquieu no seu Espírito das Leis deixava muito a desejar. Essa ligação entre o poder executivo e o legislativo era tão íntima que o vice-prefeito eleito assumia também a função de presidente da Câmara de Vereadores, o que na maioria das vezes beneficiava o prefeito pois, apesar de o vice-prefeito eleito poder ser da oposição, haja vista a votação ser separada, ou seja existia um voto para prefeito e outro para vice-prefeito, na maioria das vezes ganhava o candidato a vice aliado do prefeito eleito.

Figura 14 – Vereadores de 1967 a 1971



Fonte: acervo do autor

3.6 - Poder Judiciário

Durante a estada de Jaime em nossa cidade, o poder judiciário estava ligado diretamente ao município de Augusto Severo, hoje Campo Grande, devido ao Art. 3º da Lei Estadual de criação do município, datada de 1953 quando criou o Termo Judiciário de Upanema, ligada à Comarca daquele município o qual o Upanema anteriormente pertencia. Apenas no final da estada de Jaime, em 30 de julho de 1970 é que foi criada a Comarca do Município de Upanema através da resolução nº 01/70 do Tribunal de Justiça do Estado. Por sua vez a Comarca foi instalada no dia 08 de novembro do mesmo ano, após atender todas as exigências previstas pela Lei.

O Poder Judiciário da Comarca de Upanema é uma Comarca de 1ª Entrância e por diversos anos sua jurisdição também abrangeu o Termo Judiciário do município de Paraú. A Comarca foi dividida, até meados da década de 90, em três cartórios, 1ª

Cartório, 2ª Cartório e Cartório Eleitoral⁵². Atualmente com as mudanças do Judiciário, possui o cartório único e o cartório eleitoral.

A Comarca dispõe de prédio que abriga suas instalações e é denominado Fórum Desembargador Wilson Dantas, tendo sido inaugurado em 26 de outubro de 1974.

Apenas em março de 1971, foi nomeado o primeiro juiz, o Doutor Armando da Costa Ferreira.

De igual modo a atuação do Ministério Público ocorreu a partir de 1971, quando foi nomeado o primeiro promotor de Justiça da cidade, o Bacharel Emmanoel Cristovão de Oliveira Cavalcante.

Ainda na época em que Jaime esteve por aqui, nossa cidade possuía um Oficial de Justiça, o senhor Zemilton Basílio. Este, por sua vez, assumiu suas funções em 1955 e ficou até sua aposentadoria em 1987.

Em 1969/70 comandava o Cartório Único e notarial do município de Upanema o senhor Artemízio Lopes Bezerra. Ele assumiu suas funções como Tabelião Titular em 20 de outubro de 1958 e permaneceu nesta função até o ano de 1973.

3.7 - Educação

Pouco antes de Jaime chegar em nossa cidade, em março de 1968 (ele chegou em junho), foi instalado o ginásio Agrícola Municipal, com Ensino de 1º grau, posteriormente chamada de “31 de Março⁵³”.

Apenas depois da partida de Jaime, no ano de 1979, é que foi criada a Escola Cenicista de 1º e 2º graus “José Calazans Freire”, a chamada CNEC, (Campanha Nacional de Escolas da Comunidade), reconhecida de utilidade pública pelo decreto nº 36.505 de 30/11/1954. A referida Escola, CNEC, ficou funcionando no prédio do grupo escolar Neo Bezerra,

⁵² Em 2017 por determinação do Tribunal Superior Eleitoral – TSE, como forma de enxugar a quantidade de cartórios eleitorais em todo o Brasil decidiu por transferir o cartório eleitoral de Upanema para a vizinha cidade de Mossoró.

⁵³ A mudança teria sido uma homenagem ao golpe militar de 1964 ou, como eles chamavam, o movimento militar, ocorrido no dia 31 de março.

Em 1983 foi criada uma outra escola Cenecista localizada na zona rural, chamada de Escola Cenecista de 1º grau “Vicente de Paula Rocha”, que teve como lei 109189 de 31 de julho de 1989.

A hoje Escola Estadual Professor Alfredo Simonetti, fundada ainda quando Upanema era distrito de Augusto Severo, em 1935, ocupou o prédio onde hoje funciona a Escola Estadual José Calazans Freire, na Avenida Getúlio Vargas, até o ano de 1965, quando se transferiu para seu endereço atual, na Avenida Manoel Gonçalves. Nos ensina o professor Josafá Inácio da Costa que o prédio ficou fechado por 3 anos após a transferência do Alfredo Simonetti para sua nova sede, portanto, até 1968.

De acordo com a resolução número 13/1968 da Câmara Municipal de Vereadores, foi aprovado a criação do Ginásio Agrícola Municipal mas não cita onde ele iria funcionar.

O artigo 1º da resolução informa que foi aprovado por unanimidade dos vereadores presentes à sessão a Lei Municipal número 11/1968 criando essa escola bem como a doação de um terreno agrícola e pastoril ao referido estabelecimento de ensino.

Essa Lei Municipal de criação da escola foi de autoria do prefeito Antônio Lopes Sobrinho e a resolução data de 19 de novembro de 1968, assinada pelo presidente da Câmara, Raimundo Nonato Cândido, que era o vice-prefeito e pela lei ocupava o cargo também de presidente da Câmara.

Posteriormente a escola ainda mudou de nome na década de 70 passando a se chamar Escola Municipal 31 de Março. Quando a escola fechou o prédio foi ainda sede da secretaria municipal e centro administrativo antes de virar a escola Calazans Freire em 2007, escola esta que até então funcionava na Avenida Antônio Vitorino.

Importante lembrar que a antiga Escola Cenecista de 1º e 2º graus “José Calazans Freire”, passou a pertencer à rede estadual de ensino, quando foi autorizada em 11 de agosto de 1992, tendo o seu nome sido modificado para Escola Estadual José Calazans Freire Ensino de 1º e 2º graus. Essa escolha ocorreu em um pleito realizado no dia 26 de outubro de 1990.

Foi nesse prédio portanto, que todos nós pensávamos que Jaime havia lecionado a convite do prefeito Antônio Lopes e deu aulas de inglês lembradas até hoje por todos os seus alunos que entrevistamos.

Figura 15 – Antigo Ginásio Agrícola, onde hoje é a Escola Calazans Freire.



Fonte: acerco do autor

Mas não, Jaime não chegou a lecionar nesse prédio. Poucos se recordam, mas inicialmente o Ginásio Agrícola não funcionou nesse prédio. Descobrimos essa informação esquecida graças a memória do próprio Jaime e mais uma vez a ajuda de Zé Mário que confirmou as informações com riqueza de detalhes. Aproveitamos um dos e-mails enviados para Jaime e anexamos a foto apenas com o objetivo de lembrá-lo sobre a antiga escola. Ele respondeu afirmando e ao mesmo tempo com certa dúvida, de que não teria lecionado nessa escola, e sim em uma localizada ao lado direito da prefeitura. Até aí nada de novo pois, o prédio do atual Calazans fica ao lado direito da prefeitura. Mas algo parecia estar errado, desconhecido nas informações e fomos a campo pesquisar.

A prefeitura “velha” chamada, hoje centro Administrativo que leva o nome do prefeito Antônio Lopes Sobrinho, está localizada também na Rua João Francisco, quase em frente ao novo endereço. Ao seu lado direito temos a agência dos Correios e em seguida o Clube Municipal que recentemente foi substituído por uma academia municipal de musculação. A seu lado temos a Câmara de Vereadores e na esquina a residência que um dia foi do ex-prefeito Vicente de Paula Rocha. Não havia relatos de nenhuma escola. Foi então que procuramos Zé Mário e ele narrou a seguinte história de quem viveu aquele momento. Ele conta que chegou a cidade vindo da zona rural exatamente em 1968 e foi estudar nessa escola que funcionava onde era o Clube

Municipal. Sim, não era bem uma escola, mas antigos galpões que foram aproveitados como salas de aula nesse primeiro momento do Ginásio Agrícola.

Portanto, a memória de Jaime estava correta: ele lecionou no local onde hoje é a academia de musculação, antigo Clube Municipal e que eram galpões da firma Alfredo Fernandes de Mossoró, que comprava e armazenava anteriormente neste local a cera da Carnaúba.

“(…) eram armazéns, em número de cinco, construídos pela “Firma Alfredo Fernandes” de Mossoró, para beneficiamento de algodão e do pó das palhas das carnaubeiras. Os serviços se mantiveram firmes até 1947, aproximadamente”. (COSTA, 2011, p. 67).

Retornamos a escrever para Jaime contando essa descoberta e ele responde dizendo: *“Fico feliz que você tenha recebido informações sobre a localização da escola - eu definitivamente (mas vagamente se isso faz sentido) lembro-me entre as aulas vagando pela prefeitura que ficava a poucos passos do gabinete do prefeito. Achei que estava ficando - não apenas velho - mas realmente esquecido!”*

3.8 – Feira Livre de Upanema

A Feira Livre do município permanece até hoje como um centro pujante da economia local. Apesar de enfrentar ciclos de crise, ela continua reunindo semanalmente centenas de pessoas que trocam, vendem, compram, reabastecem seus estoques, enfim, trocam experiências de vida e permanecem num ciclo que já dura em 2021 exatos 134 anos em nosso município.

O primeiro registro da nossa feira remonta o ano de 1867. A época Upanema pertencia a Campo Grande, que tinha mudado de nome para Triunfo⁵⁴. Foi então que a Assembleia da Província aprovou o código de postura já aprovado pela Câmara de

⁵⁴ O primeiro nome de Campo Grande foi o atual, ou seja, Campo Grande. Por volta de 1870 eles mudaram de nome para Triunfo devido uma disputa com Caraúbas. Em 1902 mudaram de nome para Augusto Severo e retornaram para Campo Grande em 1991. É comum ainda ouvirmos os mais velhos chamarem a cidade vizinha de Augusto Severo. Mais recentemente ocorreu um plebiscito onde a população da cidade vizinha confirmou que gostaria de permanecer se chamando de Campo Grande. Em 1953, quando da emancipação de Upanema, a cidade era Augusto Severo, logo, a letra do Hino Municipal estaria incorreta pois, não era Campo Grande.

Triunfo. Neste documento temos a determinação em seu artigo 6º de que fica criado na povoação de Upanema uma feira e esta ocorrerá na segunda-feira. Desde então ela se repete até hoje.

Normalmente as feiras dos municípios vizinhos ocorrem no sábado e no domingo. A de Upanema ocorrendo na segunda-feira é uma peculiaridade que possibilitava mercadores de outras cidades virem apresentar seus produtos aqui depois de terem participado da feira de sua respectiva cidade. Isso possibilitava também que comerciantes de nossa cidade fossem vender seus produtos nas cidades vizinhas.

A Feira, quando em seu apogeu até os anos 90, era o momento onde aquele morador, em especial da zona rural, vinha comprar seus produtos, principalmente perecíveis, para uma semana, afinal, na grande maioria de suas localidades não existia energia elétrica ou, mesmo que existisse, muitas vezes não se tinha condições de ter uma geladeira, por exemplo, para se armazenar sua comida. Era necessário a peregrinação semanal para a sede do município para não só "fazer a feira" mas também se informar, resolver outros problemas etc. Hoje a situação é diferente; as comunidades possuem pequenas mercearias, todas com energia elétrica e praticamente todas as casas possuem eletrodomésticos e, talvez o mais importante, um meio de transporte para vir a sede do município a qualquer hora do dia ou noite, e não apenas mais na segunda-feira, o dia da feira. Essa evolução causou uma visível queda no fluxo populacional da feira nos últimos anos, mas ela permanece firme e forte. *"Historicamente, as primeiras feiras surgiram para satisfazer as necessidades de trocas entre as pessoas. A partir e ao redor delas surgiram as comunidades, os burgos, as cidades"* (GALANTE, 2006, p. 3).

A Feira Livre de Upanema fica concentrada no chamado centro da cidade, mas, com seu enfraquecimento fica principalmente na Rua Francisco Marques e travessa com a Getúlio Vargas e, em menor intensidade, na Avenida Getúlio Vargas, circundando assim o Mercado Público, este, por sua vez, comporta boxes em seu interior.

Mesmo enfrentando a concorrência das compras pela internet ou avanço do comércio varejista na cidade e em suas comunidades rurais a feira dá sinais de que não morrerá tão facilmente. Uma ajuda considerável para a sua revitalização ocorreu em 2008 quando tivemos a inauguração da Feira de Agricultura Familiar, quando

barracas são montadas na Rua Francisco Marques, em frente ao Sindicato Rural, onde famílias tem a oportunidade de vender produtos da agricultura familiar.

É certo que a feira tem que se modernizar para continuar sua existência. Antes era comum você esperar o dia da feira para comprar um determinado produto que só existia nos vendedores de outras cidades que vinham montar suas barracas aqui. Hoje ainda vemos alguns vendedores de outras cidades, principalmente Caraúbas mas, a cada dia seu número vem diminuindo.

3.9 – O Mercado Público Municipal

O Mercado Público Municipal tem sua primeira construção nos idos de 1920. Inicialmente não haviam os comércios nos quartos das laterais. Eram paredes com quatro entradas, uma em cada lado. Uma grande reforma ocorreu na década de 30, e "*com a ampliação, o mercado ganhou três ou quatro quartos de cada lado. A sua cobertura foi elevada por colunas de alvenaria...*" (COSTA, p. 46).

Outras reformas foram melhorando a estrutura do mercado e a atual arquitetura basicamente veio com a reforma de 1950, ficando um mercado grande e moderno, sendo basicamente o mesmo até hoje, como nos ensina mais uma vez o professor Josafá:

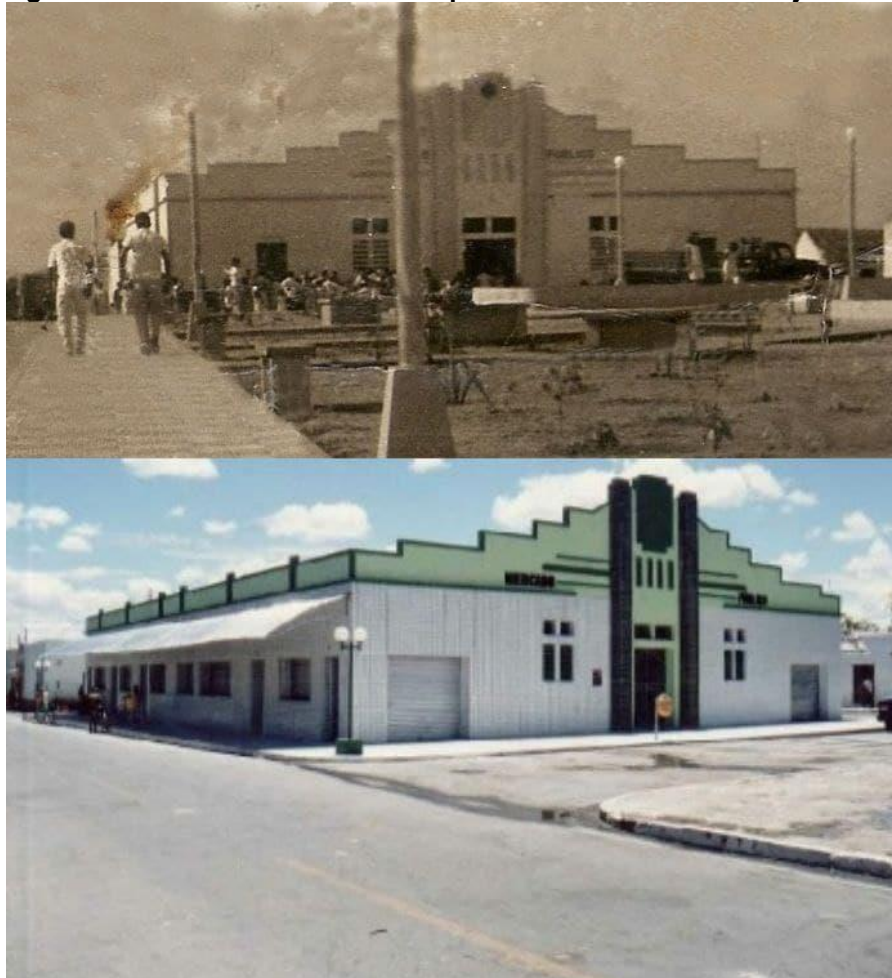
"Para avaliação de quão grande e bem feito ficou a obra, basta lembrar que a cidade de Augusto Severo não tinha um centro comercial como a vila de Upanema" (COSTA, 2010, p. 47).

Outra grande reforma no Mercado Público ocorreu no início dos anos 2000, contudo resguardando sua fachada, logo, podemos afirmar que o Mercado Público é basicamente o mesmo nos últimos cem anos. Na reforma acima mencionada, que ocorreu nos anos 2000, foram criados os boxes em seu interior e acrescentado toldos em volta do prédio.

Podemos concluir pela idade que tem, de que o Mercado de Upanema realmente estava à frente de seu tempo. Isso porque a população de nossa cidade em 1950, quando o prédio ganha atual forma, até os dias atuais praticamente triplicou

e mesmo assim o Mercado não dá mostras de ter sua estrutura e capacidade ultrapassadas.

Figura 16 - Mercado Público Municipal na década de 1970 e hoje em dia



Fonte: acervo do autor

3.10 - Agricultura

Desde os primeiros tempos cultivamos culturas como a Cera de Carnaúba, o fruto da Oiticica, além de outras culturas permanentes como o milho, feijão, algodão e as monoculturas dos projetos de irrigação como melancia e melão⁵⁵.

⁵⁵ Informações recentes de um fazendeiro aponta que estará iniciando brevemente o cultivo de uva em nossa cidade, algo que não existe na região.

Upanema é uma cidade rica, graças a irrigação que deu a capacidade de abastecer o plantio de melancia e melão. São frutas que são vendidas tanto para o mercado interno quanto externo, com nossas frutas indo principalmente para a Europa.

Já tivemos também algumas indústrias como a fábrica de doces Gut frut no Sítio Barrocas, mas que infelizmente fechou suas portas, e a Fábrica de Água Mineral do Sítio Carão, genuinamente upanemense, denominada de Santa Luzia, mas que também fechou suas portas. Recentemente na mesma região abriu outra fábrica de água mineral, dessa vez de proprietários de fora e denominada de água Moríá.

Em Upanema, desenvolveu-se, tradicionalmente, uma agricultura de subsistência, ou seja, caracterizada por uma pequena propriedade agrícola que produzia apenas para o consumo próprio. Até mesmo devido à falta de água não existiam grandes projetos, grandes plantações.

Foi só a partir do final da década de 80 que essa agricultura de subsistência passou a perder espaço constantemente para a fruticultura irrigada. Em agosto de 1990 o cultivo do melão surge com força com a criação pelo agrônomo Ferrari Basílio da Empresa Melão Ferrari. Inicialmente pequena (12 a 15 funcionários), mas que veio a se tornar uma das maiores empresas da cidade gerando quase cem empregos diretos além de vários indiretos. Essa empresa como toda indústria do melão passou por uma crise no final dos anos 2000 e acabou fechando. Nos últimos cinco anos a fruticultura ganhou novo impulso no município e hoje são dezenas de fazendas produzindo principalmente o melão, gerando milhares de empregos.

O melão hoje é produzido e vendido novamente tanto para o mercado interno quanto externo, chegando a ser exportado para países da Europa como Holanda, Inglaterra, Portugal, Alemanha etc. No mercado interno é vendido para a região sul e sudeste.

3.11 - Upanema e a religião em 1970

Upanema, como as demais cidades desta região do Estado e do Brasil, era uma urbe predominantemente católica. Isso porque nossa cidade tem suas origens ligadas à Igreja Católica, haja vista ter sido criada pelo Padre Francisco Adelino de

Brito Dantas, quando em 1867 solicitou a fazendeiros da região as terras para a construção da capela de Nossa Senhora da Conceição. Natural de Campo Grande, Padre Adelino tem seu nome marcado não apenas na história de nossa cidade como também na ilha de Fernando de Noronha. Naquela ilha ele veio a se tornar administrador do presídio daquela localidade quando em sua estada, com a experiência do homem do sertão que precisa de água, contou com a ajuda dos detentos para cavar e nela descobriu a fonte de água potável mais pura da região, até hoje denominada de Cacimba do Padre.

A população da cidade, portanto, sempre foi católica até a chegada da primeira Igreja Protestante em 1969, a Assembleia de Deus. Assim, mesmo com a chegada dos evangélicos, no fim dos anos 60 e início dos anos 70, a crença católica era a religião predominante.

De acordo com o censo do IBGE, neste período em Upanema eram 6.517 católicos romanos, o equivalente a 99% da população que se denominavam Católicos.

Mas Upanema não era paróquia ainda, não possuía padre residente. A fundação da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, em nosso município, só foi implantada 141 anos depois de Padre Adelino, em 08 de dezembro de 2008 quando tivemos o Padre Josemar Lima nosso primeiro pároco residente. Ele era administrador da área pastoral, e tornou-se nosso primeiro padre.

A história da Igreja Católica também está ligada à de nosso personagem. Foi graças ao Padre José Bezerra que Jaime Americano veio para nossa cidade. Ele nos conta que conheceu o Padre por acaso em Mossoró e este garantiu que poderia vir para Upanema que seria bem recebido e bem tratado. Foi assim que Jaime decidiu vir para nossa cidade.

Figura 17 – Igreja Católica hoje (esquerda) e como era na época de Jaime, sem a torre.



Fonte: acervo do autor

A Igreja protestante estava chegando em Upanema no mesmo período em que Jaime Americano aqui chegou. A Igreja Evangélica Assembleia de Deus, primeira denominação evangélica de nossa cidade, foi fundada em 02 de março de 1969. O responsável pela implantação da igreja em Upanema, sendo seu primeiro pastor, foi Francisco Ribeiro. Ele havia sido enviado pela Igreja de Mossoró/RN. Essa é a data oficial de fundação, porém, o primeiro culto que se tem notícia realizado em Upanema foi no dia 18 de junho de 1968, um trabalho que teve a participação do Pastor José Hermínio Pereira.

Figura 18 – Primeiro pastor da Assembleia de Deus de Upanema, Francisco Ribeiro.



Fonte: acervo do autor

O relato de Jaime sobre a rivalidade entre a população católica e os protestantes são confirmados pela história da Igreja em nossa cidade. Segundo depoimentos da época, os evangélicos não eram bem-vindos por aqui. O Pastor Francisco Ribeiro sofreu forte rejeição e chegou a passar necessidades além de ter a casa onde residia sido diversas vezes apedrejada. Mas não retrocedeu. Realizou evangelismo pessoal, de massa e visitas às comunidades rurais. Após deixar a semente do Evangelho plantado em Upanema, com alguns frutos, o Pr. Ribeiro passou o comando da Igreja ao Pr. Antonio Marrocos. Foi este pastor que adquiriu o primeiro patrimônio da Igreja, o terreno onde foi construído o primeiro templo. O local desse primeiro templo era na Avenida 16 de Setembro, nº 69, centro. Neste local os evangélicos se congregaram por quase três décadas até que foi transformada em uma escola evangélica⁵⁶. Um novo tempo foi construído em novo endereço, onde antes era o chamado “mini campo”. Este novo templo fica situado na Rua Vereador José Fernandes da Rocha, bairro Santa Paz, sendo um dos maiores do Estado.

Assim, a Igreja Assembleia de Deus chegou em Upanema no ano de 1969 e hoje se destaca com mais de 10% da população e mais de 30 congregações em todo o município, bem diferente do período analisado quando o censo mostrava que

⁵⁶ Hoje é a Escola Evangélica Professor José Inácio da Costa

existiam em 1970 apenas 13 evangélicos em nossa cidade, sendo 6 homens e 7 mulheres.

3.12 - Rua da Palha, Rua Salviano Florêncio, Rua Velha

Um dos primeiros nomes de nossa Upanema vai ser o de Rua da Palha, pois, a aglomeração das primeiras casas nesse local se deu graças ao nosso grande carnaúbal de onde nossos primeiros moradores tiravam seu sustento com a cera da carnaúba e aproveitavam a palha para cobrir suas humildes casas. No início do século XX a rua ganhou o nome daquele fazendeiro que doou as terras para a construção da capela em 1867, o senhor Salviano Florêncio. Mas, no gosto popular de seus moradores ainda prevalece o apelido carinhoso de Rua Velha, em alusão a ser a primeira rua do município.

Essa nossa primeira rua está aqui retratada mostrando o período do início dos anos 80 mas, basicamente eram as mesmas construções de quando Jaime estava em nossa cidade e cortava essa rua para ir até uma das principais famílias que ele ajudava, que morava do outro lado do rio.

Analisando a imagem podemos lembrar o seu antigo alto (praticamente desapareceu com as obras de pavimentação) onde antigamente os moradores diziam: vamos subir o alto para ir à igreja, no caso a Igreja Católica a qual a torre aparece ao fundo, no centro da imagem.

Hoje, a rua está totalmente urbanizada. Onde antes eram os muros das casas da rua Francisco Marques hoje são casas na Rua Salviano Florêncio. A dificuldade de subir o alto não existe mais e sua enorme quantidade de pedras também não, mas o seu charme continua o mesmo.

Figura 19 – A primeira rua de Upanema.



Fonte: acervo do autor

A primeira casa de Upanema, conhecida também pela "Casa de seu Luizinho" foi provavelmente a primeira construção erguida com tijolo cozido e barro da localidade. Construída na antiga Rua da Palha, hoje Salviano Florêncio, como foi dito acima, é apelidada carinhosamente de Rua Velha. Essa casa estava posicionada na parte mais elevada da rua e de frente para o poente. Seguindo padrões da época, não havia recursos de pilastra, laje ou concreto simples e armado. Os tijolos eram "sentados" em duplas e muito grandes. Nas soleiras das portas e janelas colocava-se como sustentação de madeira. A cumeeira bastante elevada tinha a finalidade de resfriar o ambiente. Internamente as divisões dos quartos e salas eram feitas por paredes que não chegavam até o teto por ser completado por madeira, o que facilitava a circulação do ar.

Há relatos de que sua construção foi realizada entre 1895 a 1900 e que deva ter sido construída por alguns destes pedreiros: João Afonso, João Golberto, Manoel Tertuliano, e Chico Agostinho, estes que ficaram famosos por fazerem parte do grupo de pedreiros que ergueram a igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição em tijolo. Antes era de taipa e coberta com palha.

Acredita-se que Joaquim Bezerra foi seu primeiro dono, homem de atitudes enérgicas, era casado com uma irmã de Dona Nazaré, que era esposa de seu Luizinho, último morador da casa.

Durante muitos anos a casa de seu Luizinho, como era conhecida, foi referencial para os feirantes e estudantes dos sítios, pois a sua "latada" servia de sombra para amarrarem seus animais após a travessia do rio vindos dos sítios da região. A entrada da cidade para quem vinha do outro lado do rio era por aquele local, não por onde fica hoje a passagem molhada no início da Avenida Antonio Vitorino.

Devido infiltrações e o cupim ter atacado a madeira, no final da década de oitenta, como havia risco de desabamento, ao invés de reformarem a casa acharam melhor derruba-la!

Figura 20 – A primeira casa de Upanema.



Fonte: acervo do autor

3.13 – Upanema e sua estrutura física

Um visitante inesperado chegando em nossa cidade ao se deparar com sua estrutura pode até imaginar que essa foi uma cidade planejada, que cresceu dentro de um projeto urbanístico pensado e organizado. Ledo engano! Upanema cresceu com organização desde o seu início, mas nada foi pensado vislumbrando o futuro. Assim mostram os documentos e registros históricos.

Vamos citar exemplos de obras centenárias mas que até hoje permanecem atuais e úteis. A começar pelo cemitério, este com mais de 100 anos, quando a

população de nossa cidade mal chegava aos 3 mil habitantes. Mesmo assim, ele permanece de pé e sendo utilizado quando a população cresceu mais que quatro vezes.

Da mesma forma o Mercado Público Municipal. Obra centenária no centro da cidade e que é utilizado basicamente da mesma forma até hoje, sem apresentar características evidentes de superlotação em suas dependências.

Nossas ruas e principalmente as avenidas são um caso à parte. Dificilmente encontramos cidades assim, com ruas largas, retas e pouquíssimas sem saída. A Avenida principal da cidade, a 16 de Setembro, é de uma largura impressionante. Ela comporta 3 vias em cada lado, mais o acostamento além de um canteiro igualmente largo. Também a Avenida Manoel Gonçalves com duas vias em cada lado e um canteiro. A Avenida Antônio Vitorino, cortando a cidade de leste a oeste apenas para citar alguns exemplos.

Também podemos destacar os prédios das escolas da cidade. A Escola Alfredo Simonetti permanece com a mesma estrutura desde a década de 60. Apenas agora no ano de 2019 ganhou uma reforma de maior destaque com a construção de um ginásio, mas basicamente é a mesma estrutura. De igual modo hoje o colégio Calazans Freire, aquele prédio tem sua construção na década de 1930 e em 2007 ganhou mais um andar, passando a abrigar essa escola.

Claro que algumas obras não acompanharam a evolução da cidade, não foram pensadas para o crescimento futuro da urbe e talvez o maior exemplo disso seja o local de origem da cidade, a Igreja de Nossa Senhora da Conceição. Ela permaneceu basicamente com o mesmo tamanho e hoje é claramente uma igreja pequena para o tamanho da cidade. Na reforma da década de 70 o máximo que fizeram foi a construção da torre, mas o ambiente interno permaneceu do mesmo tamanho.

Jaime também lembrou a sensação que tinha quando estava em Upanema, comparando inclusive com outras metrópoles: *“Eu me lembro de como as ruas eram largas - realmente muito largas como uma avenida na cidade de Nova York ou no Rio. Adicionou a uma sensação solitária de espaço, a sensação de que estávamos vivendo em um oceano terrestre - isso faz com que a escala, a vastidão e a proximidade com o céu azul feroz e o grande borribo de estrelas no preto da meia-noite pareçam tão grandes, calmantes e no entanto, algo solitário. Há um espírito de sertão quase impossível de explicar - mas impossível de esquecer, e por que esquecer? João Guimarães Rosa chamou seu livro de Grande Sertão: Veredas por um motivo. Ele*

sabia . . . e o que ele sabia é o mistério pessoal de todos quando eles também sentem aquele esplendor, aquele drama, aquela sensação de tempo imemorável desde os primeiros oceanos até o presente e em qualquer futuro que possa esperar este mundo”.

Podemos verificar assim que a cidade de Upanema está atualizada estruturalmente e pronta para no mínimo mais algumas décadas de crescimento.

3.14 - Segurança Pública

A cadeia pública ou Delegacia de Polícia de Upanema, como é mais conhecida, existe desde antes da nossa emancipação política, ocorrida em 1953. Ela permanece localizada no mesmo prédio, situada na Rua Salviano Florêncio, também conhecida como Rua Velha, por ser considerada a primeira rua do município.

Segundo os registros dos livros dos Termos de posse dos Delegados de Polícia, no período em que Jaime Americano esteve em nossa cidade quem comandava a delegacia era o Sargento Freire que assumiu suas funções em 1960 e ficou até 1971. Ele residia no centro da cidade, em frente à Praça Padre Adelino, onde hoje é a residência do PRF Onildo Bezerra.

Figura 21 – Sargento Freire



Fonte: acervo James Shapiro

Não existiam muitos problemas na área da segurança, até devido ao tamanho reduzido da população.

3.15 – O flagelo da seca

Apesar do pouco tempo em nossa cidade, de 1968 a 1970, Jaime testemunhou um período de uma grande seca, a famosa seca de 1970.

A seca é um problema grave do sertão nordestino que acompanha nossa população desde sempre⁵⁷, gerando pobreza, miséria e fome. Sim, é um fenômeno natural ocasionado pela falta de chuvas, mas que certamente se houvesse interesse poderia ter sido diminuído consideravelmente nas últimas décadas.

Temos então 500 anos de conhecimento do problema das secas e, ao mesmo tempo, 500 anos sem uma solução real para esse problema, apenas paliativos.

As secas são o principal obstáculo ao crescimento e a melhoria do bem-estar das populações do semiárido. [...] o fenômeno das secas provoca grandes desequilíbrios econômicos-sociais. Ele deflagra crises de produção, mais intensas na agropecuária porém com grande impacto nos demais setores produtivos da região semiárida, além de reflexos importantes sobre toda a economia do Nordeste [...] elas se transformam em graves calamidades sociais: gerando desemprego em massa, fome ou subalimentação generalizadas, grandes imigrações. A dimensão dessas catástrofes vem sendo crescente nos últimos anos. Para remediá-la, o Governo Federal tem sido forçado a alistar, em frentes de trabalho, cada vez mais trabalhadores flagelados. O semiárido conforma, portanto, globalmente, um grande bolsão interior de subdesenvolvimento (BRASIL, 1999, p. 62-63).

Analisando-se a situação específica de nosso Estado, segundo dados registrados pela Empresa de Pesquisa Agropecuária do Rio Grande do Norte (Emparn) entre 1962 e 2012 tivemos 17 anos de secas no Rio Grande do Norte. Fazendo uma conta simples, teremos uma média de uma seca a cada três anos. Isso sem contarmos o período de seca iniciado em 2012 culminando com uma grave crise hídrica no Estado em 2016.

Já nesse período de 50 anos abordado, as chuvas foram abundantes, atingindo-se a média de mil milímetros nos anos de 1964, 1974, 1985, 1986 e 2009.

⁵⁷ Os primeiros registros de seca no Nordeste vêm do período colonial.

Já em relação ao período onde as chuvas foram escassas, podemos observar por esses dados de que as secas estão aumentando de frequência. Na década de 1960 tivemos apenas uma seca. Na década de 1970 foram duas, na década de 1980 foram 4, enquanto que nos anos 90 foram 5 secas, e nos anos 2000 foram 3 secas. Tivemos entre os anos 1979 e 1983, um período de quatro anos de seca, o que voltaria a se repetir nos anos de 1997, 1998 e 1999.

Merece destaque em nosso Estado referência a seca de 1993, quando esta ocasionou a redução pela metade do rebanho bovino do Rio Grande do Norte, enquanto que 70% do território potiguar foi afetado pela estiagem o que gerou uma onda de invasões e saques aos comércios nas cidades pelo interior do Estado, o que ocorreu também na cidade de Upanema. Comerciantes no centro da cidade fecharam suas portas com medo da população que chegava da zona rural e ameaçava o saque.

A problemática da seca no Estado começou a ser amenizada ainda nos anos 1990 com a construção das adutoras, obras que vão levar água das barragens e açudes, como a Barragem Armando Ribeiro Gonçalves, na cidade de Assu, para as cidades com problemas de abastecimento nas principais regiões do Estado.

Importante destacar que as últimas secas, diferentemente do passado não tão distante, não tem provocado saques no interior do Estado. Fato que ocorria com certa frequência nas secas maiores. Essa situação foi aplacada graças aos programas sociais criados pelo Governo Federal na segunda metade da década de 90, o que passou a garantir uma ajuda mínima para as famílias, proporcionando uma garantia de alimentação para a população poder sobreviver melhor aos períodos de grandes estiagens.

Analisando-se em específico os anos em que Jaime esteve em nossa cidade, percebemos que foi um período seco, o que deixava tudo mais difícil. Faltava o básico na alimentação das famílias, o feijão com arroz, e ele relembra situações onde famílias não tinham o que comer.

Jaime chegou em nossa cidade no final do inverno de 1968. Já o ano de 1969 a EMPARN mostra que foi um inverno normal. O problema ocorreu em seu último ano em nossa cidade quando até hoje os mais velhos rememoram a grande seca de 1970 que causou muita fome e miséria na população. Certamente foi esse o período que marcou Jaime e o faz lembrar com tanta tristeza.

Um fato curioso é que alguns lembram que quando o rio tinha água, 1968 a 1969, Jaime precisava atravessá-lo para visitar famílias do outro lado e para isso tirava

a roupa mas permanecia de sapatos pois, tinha medo de pisar em algum animal ou algo cortante no fundo do rio. Isso vai de encontro a suas lembranças quando diz que pisava a lama úmida do fundo do rio.

Por fim, podemos dizer então que, apesar de graves, felizmente as secas não têm tido o mesmo impacto que no passado.

3.16 – ANCAR em Upanema

Os serviços de Assistência Técnica e Extensão Rural completam 67 anos no Rio Grande do Norte neste ano de 2022. Foi criado oficialmente em 1955, com às atividades da Associação Nordestina de Crédito e Assistência Rural (ANCAR). No primeiro momento foram beneficiados apenas os municípios de Santa Cruz, São Tomé, São Paulo do Potengi e Currais Novos. Existia uma entidade coordenadora regional da ANCAR que estava sediada em Recife-PE. A ideia era ajudar no desenvolvimento socioeconômico da população do campo.

Passados 20 anos, já em 1975, a ANCAR foi extinta e em seu lugar foi instituída a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER-RN), entidade pública de direito privado, criada através da Lei Estadual nº 4.484/75 e vinculada à então Secretaria de Agricultura (SAG), hoje Secretaria de Estado da Agricultura, da Pecuária e da Pesca. Já em 1993, a EMATER empresa tornou-se uma autarquia e passou a ser reconhecida como Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural.

Quando da passagem de Jaime por nossa cidade, de junho de 1968 a junho de 1970, a ANCAR já havia se instalado em nossa cidade. Existia um escritório local que contava com um extensionista chefe e uma secretária, além de outros colaboradores. Exatamente neste período o extensionista em nossa cidade era o senhor Francisco Marconi, que ficou até 1971, sendo transferido para a cidade de Santana Dos Matos. Em Upanema ele ocupou também o cargo de Diretor do Ginásio Agrícola e posteriormente vice-diretor. Trabalhava ainda como secretária a senhora Maria Dapaz, que permaneceu em nossa cidade, onde constituiu família, ficando até os anos 2000 quando foi residir na capital do Estado.

Este era um órgão importante de ajuda aos pequenos agricultores naquele período e, sabendo disso, Jaime vai construir uma parceria com esta instituição desde sua chegada em nossa cidade.

3.17 – A BR-110

O município de Upanema é cortado por uma importante via nacional, a BR-110, que nasce em Areia Branca, no Rio Grande do Norte, passa pela Paraíba, Pernambuco, Alagoas até a Bahia.

Figura 22 – BR-110



Fonte: reprodução da internet

Curiosamente, as Rodovias brasileiras têm sua origem no Nordeste, há apenas 100 anos, ou seja, na década de 1920, surgidas como forma de ações para combater as secas nas famosas emergências.

Já o primeiro sistema de numeração ou o antigo sistema de numeração de nossas rodovias federais foi criado no final dos anos de 1940, sendo inicialmente sequencial, ou seja, começando em 1, 2, 3 e assim sucessivamente. Esse sistema de numeração começou a mudar no período entre 1964 e 1973.

Nesse contexto, a nossa BR-110 anteriormente recebia o nome de BR-9, possuindo a mesma extensão já mencionada, do Rio Grande do Norte até o Estado da Bahia.

De acordo com o DNIT, Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes, as nossas rodovias federais são definidas pela sigla BR seguido de três números, sendo que o primeiro número significa sua categoria dentro do Plano Nacional de Viação.

Temos assim as Rodovias Radiais, que começam com o número '0' e partem da nossa Capital, Brasília. As Rodovias Longitudinais, que cortam o país de Norte a Sul e começam com o algarismo '1', que é o caso da nossa BR-110, ou mesmo da BR-101, que corta nosso país praticamente por inteiro, começando no Rio Grande do Norte e terminando no Rio Grande do Sul, possuindo mais de 4.600 quilômetros de extensão. Temos ainda as Rodovias Transversais, que cortam o país de Leste a Oeste e começam com o algarismo '2'. As Rodovias Diagonais que possuem o sentido Noroeste-Sudeste ou Nordeste-Sudoeste e começam com o algarismo '3', onde temos como exemplo a BR-304. Por fim, as Rodovias de Ligação, estas podem apresentar-se em qualquer direção, normalmente ligando rodovias federais, ou pelo menos uma rodovia federal a cidades ou pontos importantes ou ainda a nossas fronteiras internacionais. Elas começam com o algarismo '4'.

As Rodovias Longitudinais, que é o caso da nossa BR-110, elas têm o sentido de quilometragem que vai do norte para o sul. De acordo com o DNIT, as únicas exceções são as BR-163 e BR-174, que tem o sentido inverso, ou seja, do sul para o norte.

Segundo ainda o DNIT, a BR-110 teve sua inauguração da implantação datada no ano 1957, portanto, quatro anos após nossa emancipação política. O que existia anteriormente era uma estrada carroçavel em péssimas condições⁵⁸, o que na verdade pouco mudou em seus primeiros anos após a criação da BR. Nesse primeiro momento compreendia apenas o trecho de Areia Branca/RN à Patos na Paraíba.

⁵⁸ Vale frisar que antes já existia uma estrada que interligava Upanema a Mossoró e Upanema a Campo Grande. Mas ela possuía em grande parte um trajeto um pouco diferente pois, seguia o leito do Rio Upanema, o que é explicado pelo fato de os primeiros viajantes trafegarem no lombo de animais ou muitas vezes com dezenas de animais realizando o comércio e a proximidade do rio permitia maior facilidade em obter água. Ao longo dessa rota existiam pontos de parada e reabastecimento. Saindo de Upanema à Mossoró, um desses pontos ficava na região do Poré, outro no Poço Verde e depois chegava-se a Mossoró.

Importante destacar que até o ano de 1967 a BR-110 esteve delegada à Diretoria de Vias e Transportes do Ministério do Exército, quando neste ano de 1967 foi devolvida a delegação para o extinto DNER, sem ter sido feita nenhuma benfeitoria no trecho do Rio Grande do Norte.

Já no final da década de 1970 o trecho inicial que vai de Areia Branca até Mossoró foi pavimentado, parando por aí, sem nada executado no trecho restante.

De uma maneira em geral ao longo dos anos houveram pequenas intervenções de benfeitorias, porém nenhuma de vulto que viesse a melhorar as condições do pavimento, isso se tratando do trecho Upanema a Mossoró e Upanema a Campo Grande. Podemos citar como exemplo a declaração do prefeito Luiz Cândido Bezerra em matéria publicada no Jornal O Mossoroense, informando que fez um trabalho de recuperação desse trecho junto com o DNER no ano de 1970/71.

As chamadas ‘emergências’ amenizavam um pouco a situação das estradas, mas é de se imaginar que trabalhadores utilizando-se apenas de pás e enxadas conseguissem impedir que Upanema ficasse isolada no período invernososo. Trafegar por essa BR era uma aventura narrada em parte no capítulo sobre os caminhões Misto, que realizavam o transporte de passageiros entre Upanema e Mossoró nesse período. A viagem era tão longa e cansativa que era necessário parar no meio do caminho para os passageiros descerem, tomarem água, comerem se necessário ou mesmo apenas para “esticarem as pernas” como falam os mais velhos.

Assim, foram décadas esquecida e em situação precária. A cidade de Upanema entrou o século XXI ainda sem ligação asfáltica com Campo Grande e Mossoró pela BR-110. Para chegar em Mossoró era utilizado um desvio pela RN 405, depois pegando a BR-304 até chegar em Mossoró.

Não podemos dizer que Upanema não lutou. No ano de 1995 tivemos um dos capítulos mais importantes da nossa História. Revoltada com a situação, a população viajou cerca de 40km até a BR-304 e fez a interdição daquela rodovia causando grande repercussão no Estado.

Mas, a luta ainda demoraria quase duas décadas. Apenas no dia 29 de dezembro de 2014 seria finalmente inaugurada a ligação asfáltica do trecho da BR-110 entre Campo Grande, Upanema e Mossoró.

Figura 23 – Panfleto da paralisação de 1995



Fonte: acervo do autor

3.18 – A chegada da energia elétrica

Quando estive em Upanema Jaime quase alcançou a chegada da energia elétrica, benefício que evidentemente melhorou e muito a vida da população, e que ocorreu na festa de emancipação política em setembro de 1970. Jaime tinha ido embora três meses antes, em junho de 1970.

Assim, durante sua estada em nossa cidade o que existia era apenas energia parcial, gerada por um motor que era ligado todas as noites das 18h às 21h. Como praticamente ninguém possuía relógio, por volta das 20h30 o funcionário responsável em desligar o motor tocava o primeiro sinal avisando que desligaria o motor e logo mais a cidade ficaria às escuras. Após esse sinal as pessoas que porventura estivessem na rua deveriam se dirigir para suas residências. Cerca de 15 minutos depois ele tocava o segundo aviso para finalmente as 21h desligar o gerador deixando Upanema novamente sem energia até as 18h do dia seguinte.

Esse motor chegou no ano de 1949, ou seja, época em que Upanema era vila de Campo Grande. Conhecido como "motor da luz", esse gerador foi instalado inicialmente na Rua Salviano Florêncio, ao lado da delegacia, e posteriormente em um prédio na Rua João Francisco.

Testemunha ocular dos fatos, o professor Josafá nos conta que:

[...]estava, naquele 1949, com sete anos de idade, e viu, na Rua Velha, o ajuntamento de gente no local onde estava sendo posto o chamado "motor da luz", ao lado da delegacia de polícia. Doze homens, aproximadamente, deslocavam o gerador de luz, que era muito pesado, para o devido lugar.

Ainda hoje, quem traz para a lembrança a chegada do motor, faz referência àquela expressão do prof. Antonio Miguel, que estava entre os doze homens: "Meu povo cuidado com os pés". Mal concluiu a frase, o motor caiu em um dos seus pés. O professor perdeu alguns dedos de um pé. (COSTA, p. 161).

Podemos dizer que a população estava adaptada a vida sem energia elétrica. Os poucos rádios que existiam na cidade eram a pilha. Outro eletrodoméstico que chegou a existir foi a geladeira a gás. Não existiam TVs e se contava nos dedos as casas que possuíam energia, o que significava apenas um "bico" de luz na sala e cozinha. Até mesmo nas repartições públicas não era necessária a energia pois além de não funcionarem a noite, durante o dia *"era tudo no papel e lápis grafite, até caneta era difícil nesse período"* como nos conta um dos entrevistados.

No primeiro momento a energia existia apenas no "quadrado" que circundava o centro da cidade. Eram postes de madeira com poucos bicos de luz que saiam do prédio do motor, na Rua João Francisco, seguindo pela Rua Salviano Florêncio, enrolando na Manoel Bezerra e voltando pela Getúlio Vargas até encontra novamente a João Francisco.

3.19 – A saúde em Upanema

A saúde em Upanema já foi explorada ao longo do texto por diversas vezes. Falando mais especificamente sobre o tema, basta o leitor compreender que a 50 anos praticamente não existia atendimento na área da saúde, sem um único médico ou mesmo local adequado na cidade para este trabalho.

Não é tão difícil imaginar o quanto evoluímos em apenas 50 anos haja vista a existência de uma saúde tão precária. Como exemplo podemos relatar o básico que havia. Como no período Upanema não tinha energia elétrica, os poucos atendimentos eram realizados durante o dia. A necessidade de alguma urgência a noite ou mesmo

algo mais grave durante o dia levava a população a buscar um carro particular para se dirigir até a cidade vizinha de Mossoró.

De uma maneira em geral, quem cuidava da nossa saúde eram os médicos práticos, ou seja, profissionais sem formação acadêmica mas que praticavam o ofício aprendido com a experiência. Essa era uma prática comum no interior de todo o Brasil devido à falta de médicos. Assim, eram a esses 'médicos' a quem a população era obrigada a recorrer em casos de enfermidades.

Alguns desses práticos mais conhecidos de nossa cidade foram Cândido Martins, Chico Cândido, Augusto Pinheiro, apenas para citar aqueles que estavam atuando na década de 1960 a 1970.

Cândido Martins, da vizinha cidade de Mossoró, vinha atender em Upanema nas segundas-feiras. Ele era bastante conhecido e requisitado por ter morado em Upanema.

Durante a semana um dos mais conhecidos era Chico Cândido, que também tinha uma farmácia na cidade.

Existia ainda seu Augusto Pinheiro que também tinha prática em saúde e receitava remédios.

Ainda nas segundas-feiras vinha atender em nossa Upanema um dentista da cidade de Caicó, chamado de Raimundo Medeiros.

Outro que extraia dentes também nas segundas era Chico de Martin, filho de Martins, que beneficiava couros na comunidade de Chafariz, zona rural de Mossoró. Chico era irmão do ex-vereador de Mossoró, Manoel Bezerra, também do Chafariz.

Com a chegada da energia elétrica veio também a Maternidade Maria Zuleide e uma dentista, Dra. Salete, que era esposa do Juiz Dr. Armando. Também veio um médico, chamado Milanês. Mas esse momento já ultrapassa o período em que estamos analisando, ficando para outro trabalho que dê continuidade a análise da década de 1970 em diante.

Importante frisar que antes da existência do prédio da Maternidade Maria Zuleide, esta inaugurada por Luiz Cândido, os médicos práticos atendiam principalmente nas residências dos enfermos ou mesmo em um hotel existente na Avenida Getúlio Vargas, vizinho hoje a residência de Zé Neto.

Outro trabalho muito importante no período era o das parteiras. Estas mulheres que também aprendiam com a experiência da vida, conhecimento muitas vezes repassado de geração para geração, eram chamadas as pressas a qualquer hora do

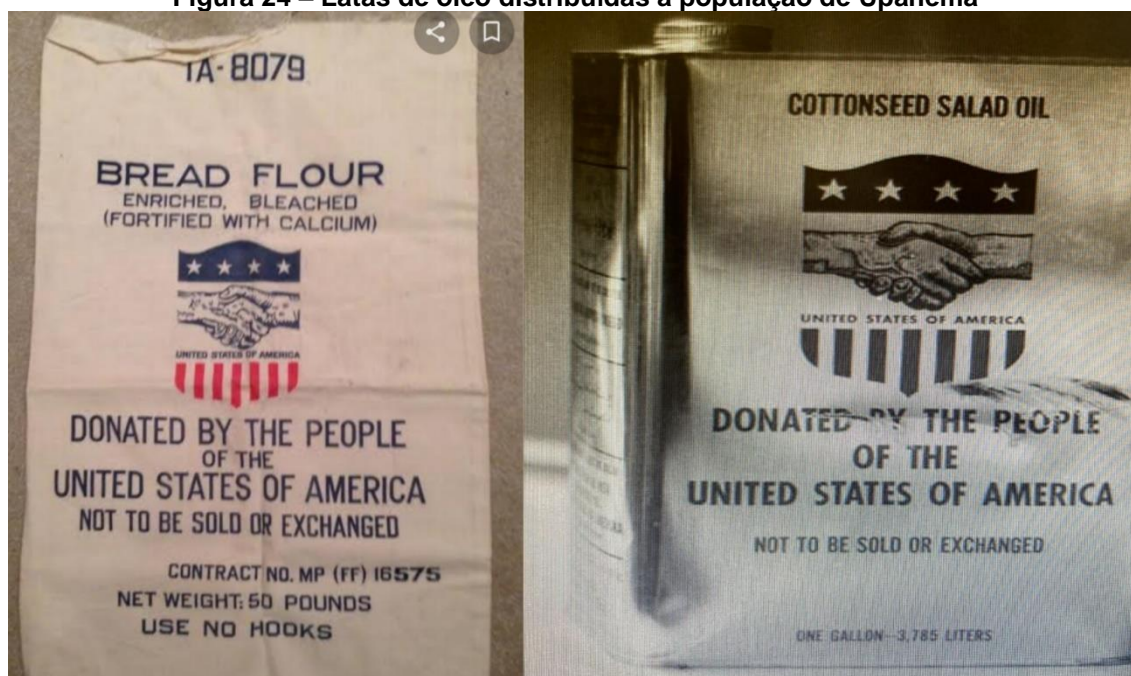
dia ou noite e ajudavam as gestantes a darem a luz a seus filhos, e muitas vezes num trabalho gratuito.

Os mais novos devem lembrar de Dona Edinar, que inclusive posteriormente ocupou uma vaga na Câmara de Vereadores. Mas o seu trabalho é posterior a estada de Jaime. Nessa época uma das parteiras mais conhecidas era Dona Putiu. Infelizmente não encontramos maiores informações sobre ela.

Estes eram os médicos que ajudavam a população de Upanema nos momentos de enfermidades. A contribuição desses personagens para nossa história é incalculável.

3.20 – Programa de alimentação

Figura 24 – Latas de óleo distribuídas a população de Upanema



Fonte: acervo do autor

Um dos programas sociais que existia nesse período no Brasil feito em parceria com os EUA era a distribuição de comida para a merenda escolar e também para as frentes de trabalho chamadas de emergências.

Esse programa já existia desde a década de 50 quando a Cáritas, uma organização humanitária, já distribuía alimentos doados pelos americanos. Os EUA

através do programa Peace Corps, da USAID e o Food for Peace (alimentos para a paz) fizeram também esse trabalho na década de 1960 em diante.

Como o alimento vinha para a merenda escolar e emergências, ambas sob a responsabilidade da prefeitura, era o prefeito quem dava a palavra final nos municípios sobre a distribuição da comida. Em algumas cidades a distribuição também cabia a Igreja Católica. Em Upanema provavelmente por não existir um pároco residente a distribuição ficou mesmo a cargo da prefeitura.

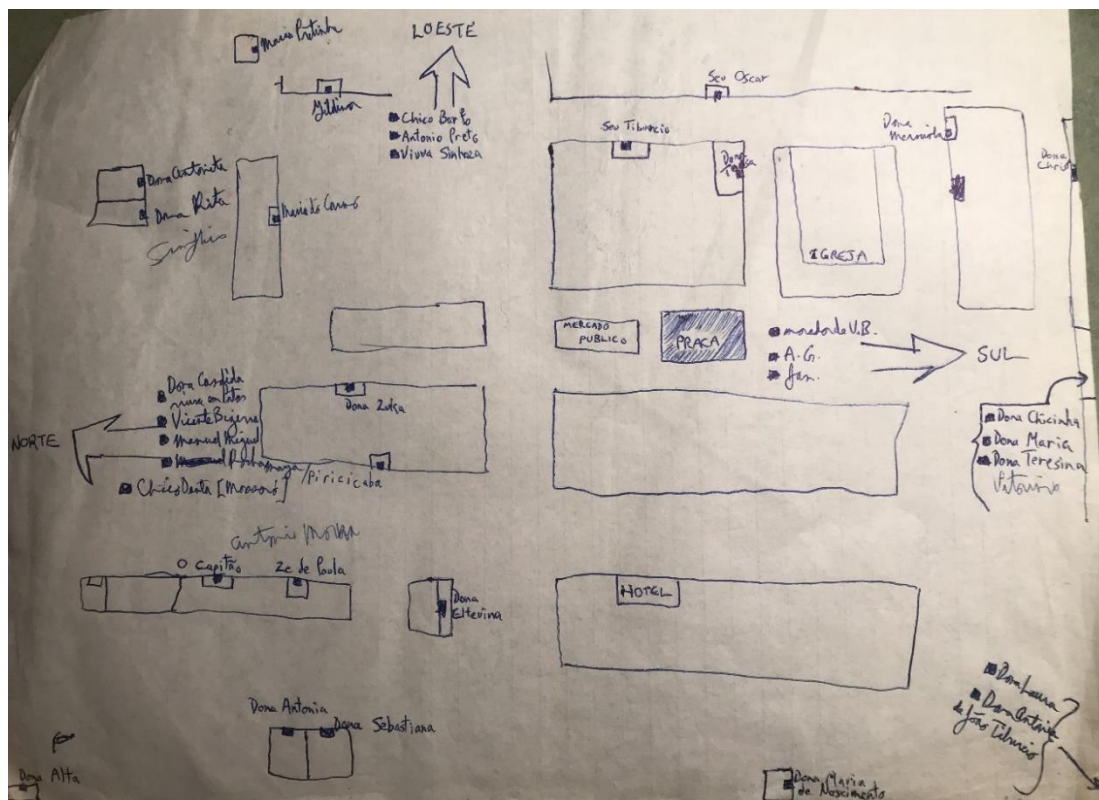
Entrevistamos um dos americanos que trabalhou na distribuição desses alimentos importados dos EUA. Entre nos explicou que entre os produtos tínhamos a “*corn meal, wheat flour, bulgur, powder milk and butter oil*” (farinha de milho, farinha de trigo, bulgur, leite em pó e óleo de manteiga. Esse bulgur era semelhante ao arroz integral, sendo uma semente de trigo parboilizada geralmente usada acompanhada de leite e açúcar.

Em nosso município ficou famosa uma história envolvendo o prefeito da época, o senhor Antonio Lopes, e um popular. Isso porque o bulgur por ser um nome estranho e uma comida desconhecida da população, acabou ganhando o apelido de ‘boga’. Um certo dia o prefeito Antonio Lopes foi surpreendido quando um popular chegou e pediu o boga! Ele então respondeu que só estava faltando dar o boga mesmo ao povo...

A verdade é que eram toneladas de sacos de comida e latas de óleo entregues a população do sertão nordestino que passava por muitas dificuldades em virtude das secas ou mesmo falta de assistência governamental.

3.21 – Mapa de Upanema em 1969

Figura 25 – Mapa desenhado por Jaime em 1969



Fonte: acervo James Shapiro

Em nosso último contato no ano de 2021, curiosamente na noite de Natal, Jaime nos presenteou com um desenho surpreendente que ele descreveu como sendo “um mapa antigo feito à mão de cerca de 1969”. Nele podemos entender um pouco mais como era a região central de nossa cidade ou melhor, como era toda a cidade pois, há 50 anos nossa Upanema era basicamente aquela região que ele descreve em seu manuscrito. Aproveitamos a oportunidade para analisar e explicar abaixo quem são as pessoas que aparecem citadas neste mapa como também alguns prédios e áreas da cidade.

Começando pela Rua Velha, a primeira rua da cidade e que tem seu nome oficial de Salviano Florêncio, encontramos pelo lado direito daquela rua a residência de Seu Oscar. Ele era responsável pelo gerador que no período fornecia energia elétrica a cidade. Todas as noites ele tinha a missão de desligar o gerador por volta das 21h, o que na prática também desligava toda a cidade haja vista poucos se arrissem a circular pelas ruas após a energia ser desligada. E assim, desde as 20h30, quando ele tocava uma sirene alertando sobre o desligamento eminente da energia, a população se recolhia em suas casas como se fosse obedecido um toque de recolher. Seu Oscar residia vizinho a delegacia de polícia e era casado com a

senhora chamada Maria de Oscar. O professor Josafá nos ensina que um de seus filhos residia em Fortaleza, no vizinho Estado do Ceará.

Quase em frente a Seu Oscar temos a primeira casa do lado esquerdo desta rua, ao lado da Igreja Católica. Pertencia ao casal Pedro Bezerra e “Dona Tosa”, como aparece no mapa. Seu nome era Antonia Tosa (se pronunciava Tôsa). Era mãe de Dona Tonhita de Venceslau. Hoje em dia essa residência pertence a neta de Dona Tosa, a senhora Cíntia Bezerra.

Continuando deste lado da rua temos a identificação da residência de Seu Tibúrcio. O que poucos sabem é que nessa residência funcionava também a Agência dos Correios de Upanema, sendo Dona Sitônia, casada com Seu Tiburcio, a funcionária responsável pelo local. Ele era irmão de Dona Maria José Fonseca (Maria José de Tonico) que posteriormente passou a residir no local, sendo que hoje mora sua filha, a professora Vanúzia Fonseca.

Voltamos ao lado direito da rua onde temos uma decida que levava ao outro lado rio. Era por esse local que os moradores daquela região do município chegavam a cidade, e não pela Avenida Antonio Vitorino como é hoje em dia.

Encontramos três nomes citados por Jaime com uma seta apontado para o outro lado do rio. O primeiro é Chico Bafo. Não conseguimos decifrar o motivo deste nome se encontrar neste local haja vista Chico Bafo residir na Avenida Antonio Vitorino.

Em seguida temos o nome de Antonio Preto, patriarca de uma das famílias mais próximas de Jaime durante a estadia em nossa cidade. Ele residia na comunidade de Fazenda Nova, sendo morador das terras de Ricardo Melo, de Macau.

O terceiro nome é o da viúva Sinoza, que residia na região do sitio Riacho das Carnaúbas. Era casada com Demétrio.

Descendo a rua Salviano Florêncio, não tínhamos residências tanto do lado esquerdo e poucas do lado direito. No final desta rua encontramos no mapa a residência de Gildenor Roque, ele que era Tesoureiro da Prefeitura e homem influente na cidade. Residia na casa que posteriormente passou a morar o senhor Manoel Crispim e dona Teresinha e, para efeito de identificação pelos mais jovens, os pais do ex-vereador Dárcio Régis.

Passando para a segunda rua, a Manoel Bezerra, nela temos a identificação da residência de Dona Maroquinha, a esposa do então prefeito Antonio Lopes. Residência que hoje ainda pertence à família. Seguindo pela rua temos um ponto

destacado mas sem identificação. Pela localização acreditamos ser o escritório da EMATER, ou na época, ANCAR, como era chamada, e funcionava naquela região. Apesar de possuir outras residências, nenhuma outra é citada nessa rua.

Assim, saindo da Rua Manoel Bezerra atravessando de ponta a ponta a Rua Salviano Florêncio, chegamos a Rua João Francisco Freire. No mapa a primeira residência identificada é de Maria Pretinha, mãe de Manoel Pretinho. Acreditamos ser uma falha de Jaime ao descrever Maria Pretinha naquele local. Na verdade ela residia na rua de trás. Neste local era um nome parecido, Maria Chatinha, a segunda casa da rua. Um engano certamente devido à similaridade dos nomes.

Subindo um pouco mais pela rua temos a residência de Maria do Carmo, ela era casada com Zé Lopes e hoje reside no local sua filha, Maria de Duda. Zé Lopes na época era o fotógrafo da cidade.

Por trás desta Rua João Francisco temos duas residências identificadas onde hoje fica a Rua Francisco Bezerra. A casa de Dona Antonita, como era conhecida, era a esposa de seu Chico Inácio que chegou a residir naquele local. Em seguida temos a casa de Dona Rita que era a esposa de seu Chico Cornélio que por sua vez morava vizinho a seu Sebastião Preto, que era cabeceiro.

Logo abaixo temos um nome feito provavelmente depois. Podemos identificar como sendo Sérgio uma vez que neste período morava naquela região um senhor conhecido por este nome, que era o avô de Genário Sérgio, hoje proprietário do Restaurante Sabores da Serra. Escrevemos para Jaime para confirmar se era esse Sérgio mesmo e ele nos retornou dizendo: *“Sérgio?! Parece vagamente familiar, mas eu realmente não me lembro ao certo. Foi naquela rua que me lembro que às vezes abatiam gado - as lamparinas instaladas do lado de fora queimavam com um cone laranja alto e cachorros famintos pendurados nas sombras esperando por um pedaço de tripa ou carne para agarrar e engolir”*. Realmente poucos lembram que o abatedouro de Upanema funcionou naquela rua, por trás da residência de Geraldo Messias. Depois aquele local passou a ser a sede do grupo de jovens de Upanema, ligada à igreja católica. Ainda existe a possibilidade de ser outro Sérgio, um pedreiro com este nome que existia em Upanema no período. Certamente uma pessoa que foi servente dele ou lembra dele é Seu Manoel Bola que mora na rua do escritório da CAERN.

Logo abaixo encontramos nomes com uma seta indicando moradores da região fora dos limites da cidade, em direção a Mossoró. Assim temos a primeira identificação

da senhora Cândida, como o próprio Jaime informa, uma viúva no sítio Patos. Essa comunidade leva esse nome devido a uma pequena lagoa no local que era habitada por muitos patos. Dona Cândida morava vizinho a Antonio Targino (ex-prefeito), naquela comunidade, nas terras de Eduardo Galvão. Os mais velhos lembraram que ela criava muitas galinhas.

Em seguida temos Vicente Bezerra, muito conhecido na cidade, era um fazendeiro morador do sítio Boágua, local também bastante visitado por Jaime. Temos também Manoel Miguel que, pelas nossas pesquisas, residia na comunidade de Carão. Em seguida o nome de Rocha Maia, da comunidade de Piracicaba. Ele é o pai de Geni, Dona Maria de Sinhô, entre outros. Por último temos o nome do senhor Chico Dantas, que residia em Mossoró. Ele era o pai de Edineuza, esposa do ex-prefeito Valério Augusto.

Chegamos então a Avenida 16 de Setembro, que em nada se parece com o que é hoje. Não existiam muitas casas mas a expansão de Upanema para esta região já se apresentava. A primeira casa citada por Jaime, no sentido vindo de Mossoró, é a de Capitão, apelido de um senhor que morava onde ficava a residência de Levi e que hoje é de sua filha Neném. Capitão foi criado por Maroquinha, senhora que tinha um hotel na Getúlio Vargas e que posteriormente vamos citar novamente.

A segunda casa citada é a de Zé de Paula, irmão de Mazony, que era amigo de Jaime. Zé de Paula, até onde soubemos, foi morar em Minas Gerais, na cidade de Sete Lagoas. A casa ficava onde hoje está a residência de Francisca de Chico Balbino (in memorian).

Outra residência citada foi a de Dona Etelvina, famosa por seus saborosos Gelés. Jaime era amigo principalmente de seus filhos em especial Antônio, que reside em Natal. Já na antiga casa de Dona Etelvina hoje mora a sua filha, professora Socorro, da loja Chagas Variedades.

Por fim, nesta Avenida temos a referência ao Hotel Central, de propriedade de Dona Maria Romana, local onde Jaime morou desde o primeiro dia que chegou em nossa cidade até sua partida.

Por trás da Avenida 16 de Setembro saltamos a Rua Manoel Davi Neto, que não possuía casas no período, e chegamos na Avenida Manoel Gonçalves. A primeira residência descrita no mapa é de Dona Alta, ela era a mãe de João Batista da Oficina, que hoje reside no local e instalou também uma oficina vizinho a sua residência, onde seus filhos tomam de conta. Dona Alta era casada com Zé Serafim, este possuía uma

oficina mecânica onde hoje é a casa de Chico Damião, na Rua Francisco Marques. Esta oficina era frequentada por Jaime onde Paulo, irmão de João Batista, trabalhava e ajudou Jaime com sua bicicleta. Paulo hoje reside em Assu.

Logo depois tínhamos a escola Alfredo Simonetti, que não é citado no mapa. Depois a residência de Dona Antonia de Chico Joaquim, avó de Eraldo. Depois a casa de Dona Sebastiana, uma das únicas citadas no mapa que não encontramos nenhuma informação. Os moradores daquela região não lembram de ninguém com esse nome residindo por lá.

Dando prosseguimento pela Avenida Manoel Gonçalves, a outra casa que aparece é a de Dona Maria do Nascimento. Ela era mãe de Heloísa. Seu contato com ela se deu certamente porque ela ajudava no Hotel Central e assim tinha contato com Jaime.

Em seguida temos nomes de senhoras residentes na região chamada antigamente de Tabuleiro. Por sua vez temos outros dois nomes que também ajudavam no Hotel. Primeiro é citado a senhora Dona Laura de Idalino. Ela lavava a roupa no hotel, por isso o contato com Jaime. Eram 3 irmãs, Laura, Antonia e Maria. Já Dona Antonia de João Tiburcio também era outra que ajudava no Hotel de Dona Maria Romana. Ela era mãe de Socó, que era motorista.

Chegando na Avenida Antonio Vitorino, encontramos no mapa a referência a Dona Cristina, conhecida como Cristina de Nicácio Jerônimo. Ela residia onde hoje é a Casa Paroquial.

Partindo agora para a Avenida Getúlio Vargas, temos o nome de Dona Zuka. Ela era a mãe de Zé Neto, que hoje reside no local. Vizinho ficava o hotel de Dona Maroquinha, aquela citada quando falamos em Capitão. Esse hotel foi onde dona Maria Romana começou a trabalhar e posteriormente criou o seu próprio hotel.

Este mapa é sem dúvidas um recorte muito importante da história de nossa cidade e merece esse destaque maior.

4 – ENTREVISTAS COM UPANEMENSES QUE CONVIVERAM COM JAIME AMERICANO

"O sertanejo é, antes de tudo, um forte". Essa frase do grande escritor brasileiro Euclides da Cunha, contida em *Os Sertões*, obra considerada por muitos como a maior da nossa literatura, se mostrava bastante atual em Upanema do final da década de 1960 e início de 1970.

Os jovens de hoje nem imaginam o que era viver naquela cidade que enfrentava graves problemas, em todas as áreas, em todos os aspectos sem qualquer sombra de exagero. Nossa cidade não possuía o básico como atendimento de saúde com médico, a educação se limitava ao chamado primário, ou seja, até a 4ª série, o que hoje corresponde ao 5º ano. Não tínhamos energia elétrica e quando chegou era a gerador que desligava as 9h da noite. Sem estradas, ou melhor, as que tinham eram quase que intrafegáveis, principalmente na época de inverno. As secas eram uma constante e maltratava ainda mais a população e nesse sentido podemos afirmar que não maltratava apenas os mais carentes, mas até mesmo quem tinha um pouco mais de condições também sofria. A taxa de mortalidade era superior a 50% uma catástrofe da qual era impossível fugir pois atingia todas as classes. Era uma cena triste ver a procissão de 'anjinhos' como eram chamados os bebês que morriam praticamente todos os dias e eram levados para o cemitério em caixas de papelão ou, como testemunhamos quando criança na década de 80, em simples telhas pois, a família era tão pobre que não tinha condições para um simples caixão. O cemitério, por sua vez, apesar de grande vivia cheio. Como era comum as mães terem 10, 15, as vezes 20 filhos e sobreviverem menos da metade!

Existia sim fome, miséria, pessoas que morriam à míngua, como dizem os mais velhos. Chegamos ao ápice de, no início da década de 1990, a população da zona rural vir ameaçar os comerciantes no centro da cidade pedindo comida e estes, com medo de saques, fecharam seus estabelecimentos.

Em suma, eram tempos difíceis e que aparentemente todos fazemos questão de tentar esquecer.

Por tudo isso podemos afirmar que esse capítulo surgiu, de certa forma, por sugestão de nosso biografado. Jaime em vários momentos fez questão de dizer que quem merecia ter sua história contada eram os sertanejos que passavam por tantas

provações, tanto sofrimento e não desistiam, continuavam suas vidas fazendo o melhor que podiam. Ele citou exemplos várias vezes onde visitava uma casa onde a família pouco tinha para se alimentar mas fazia questão de dividir esse pouco com ele. É nesse sentido que recordamos o grande Bertold Brecht quando escreveu o poema chamado 'Perguntas de um trabalhador que lê':

Quem construiu Tebas, a cidade das sete portas?
Nos livros estão nomes de reis; os reis carregaram pedras?
E Babilônia, tantas vezes destruída, quem a reconstruía sempre?
Em que casas da dourada Lima viviam aqueles que a edificaram?
No dia em que a Muralha da China ficou pronta, para onde foram os pedreiros?
A grande Roma está cheia de arcos-do-triunfo: quem os erigiu? Quem eram aqueles que foram vencidos pelos césaes? Bizâncio, tão famosa, tinha somente palácios para seus moradores? Na legendária Atlântida, quando o mar a engoliu, os afogados continuaram a dar ordens a seus escravos.

O jovem Alexandre conquistou a Índia. Sozinho?
César ocupou a Gália. Não estava com ele nem mesmo um cozinheiro? Felipe da Espanha chorou quando sua frota naufragou. Foi o único a chorar?
Frederico Segundo venceu a guerra dos sete anos. Quem partilhou da vitória?

A cada página uma vitória.
Quem preparava os banquetes comemorativos? A cada dez anos um grande homem.
Quem pagava as despesas?
Tantas informações.
Tantas questões.

Concordamos assim que Jaime tinha razão, que sua história só existe porque existiram essas pessoas fortes que aqui viveram ou ainda vivem, que construíram com muita luta esse município. Assim, dá mesma forma que o Egito não é uma dádiva do Nilo, mas fruto do povo trabalhador que construiu aquele império, Jaime também

existiu porque homens e mulheres aqui o ajudaram e marcaram sua passagem. Jaime enfatizou bastante o papel do upanemense em sua história. Assim, as entrevistas feitas passaram a ser pensadas para serem incluídas no produto final, e não apenas serviriam para a fase do texto final. Além do mais,

[...] uma entrevista pode tornar o aprendizado mais fácil, porque trata de experiências concretas, narradas de forma direta e coloquial, e os alunos também podem fazer entrevistas sobre as histórias da comunidade e das famílias. Além de passar a conhecer essas histórias, o estudante desenvolve várias habilidades: o planejamento do trabalho, a prática de pesquisa e a capacidade de falar com pessoas desconhecidas. Entrevistas de história oral podem ser usadas com sucesso também em exposições, programas de vídeo e em outros recursos de multimídia, como forma de apresentar experiências concretas sobre determinados acontecimentos e conjunturas. (ALBERTI, 2004, p. 28)

Importante frisar que não foi escolhido ou privilegiado quaisquer pessoas na ordem das entrevistas, não existiu qualquer hierarquia preestabelecida a não ser a sequência das informações que vieram a surgir. Procuramos praticamente todas as pessoas que soubemos ter tido contato com Jaime sem qualquer distinção. Foi assim que buscamos *“ordenar, dar forma e tornar significativo um conjunto disperso de experiências e vivências segundo certos padrões e dispositivos capazes de serem apreendidos por uma comunidade de leitores/intérpretes”* Luiz Salgado Guimarães (2006, p. 47).

4.1 – Ribamar Ribeiro

Figura 26 – Ribamar Ribeiro



Fonte: acervo do autor

Ribamar Ribeiro hoje é professor da rede estadual e municipal. Em 1968 era uma criança de 10 anos de idade. Ele conviveu durante dois anos com Jaime Americano, que passou a frequentar sua casa devido a estreita amizade construída com sua mãe, dona Maria de seu Zé Pequeno⁵⁹. Entrevistamos Ribamar via rede social whatsapp e também encontros presenciais durante o ano de 2020 e 2021. Sempre que surgia alguma dúvida entrávamos em contato para que ele colocasse um pouco de luz sobre as questões levantadas.

Segundo Ribamar narrou, a sua aproximação com Jaime se deu por dois motivos: primeiro pelo fato de que ele gostava muito de crianças, ele gostava de *“ensinar os números de um a dez em inglês, de desenhar o perfil de cada menino que brincava com ele, desenho e pintura em grafite”*.

O outro motivo foi por ter passado a frequentar sua casa quando conheceu sua mãe. Ele ficou sabendo que ela cultivava as plantas medicinais, fazia remédios caseiros com essas plantas, *“também plantava verduras no muro do Clube de Mães no qual ela era a presidente na época. Ela também gostava dessa atividade o Clube de Mães funcionava ali onde hoje é o Clube Municipal e Câmara de Vereadores.*

⁵⁹ Nas festas em comemoração aos 68 anos de emancipação política de Upanema, realizada neste ano de 2021, Dona Maria Luiza foi homenageada com o nome em uma praça inaugurada localizada em frente a capela de Mãe Rainha.

Ele também gostava muito de explorar através de uns aparelhos que usava no qual ainda lembro de uns como prancheta, vários tipos de lápis, esquadro, transferidor, compasso, binóculo de alto alcance, punhal, e outros. Chegava e comprava as coisas que achava interessante”. Ribamar conta que Jaime gostava de acampar nas comunidades rurais e quando voltava ele o chamava para mostrar vários objetos e pedia para explicar o que eram e qual a utilidade de cada um. “Apesar da Inteligência dele, tinha algumas coisas que ele não conhecia e pedia para a gente perguntar aos mais velhos como nossos pais. Daí passava para ele. Lembro que eram pedras, ferros, alumínio, vidros, madeira e outros”.

Ribamar também lembrou das suspeitas da população em relação a Jaime. *“Curioso é que muita gente dizia que ele era um espião dos Estados Unidos que trabalhava para tomar o Brasil”. A verdade é que ele não tinha nada de espião e pelo contrário, gostava de ajudar. Foi através dele que o Clube de Mães recebeu diretamente dos Estados Unidos a doação de roupas e calçados. “Ele também gostava muito de cantar e de pedir para a gente ensinar algumas palavras básicas em português para ele. Raramente ele comia carne, era mais frutas, verduras e legumes. Gostava muito de rabanete, da mesma família da beterraba”.*

A altura de Jaime é outra característica citada por quase todos os entrevistados. *“Eu acredito que a altura dele era aproximadamente 2 metros”.*

Quanto ao trabalho que Jaime desenvolvia aqui em nossa cidade, Ribamar relembra que *“ele plantava hortaliças lá em Antônio Preto, plantava com mamãe lá no sítio de papai também. Ele antes de ir embora falou que tinha realizado o sonho da vida dele, ter conhecido o interior do Rio Grande do Norte e ter cumprido sua tarefa aqui”.*

4.2 – Zé Mário

Figura 27 – Zé Mário



Fonte: acervo do autor

O senhor Zé Mário e família moravam na zona rural do município, na comunidade de Lagoa, região onde hoje fica o assentamento que leva o nome de seu pai, Geraldo Messias. No ano de 1968 seus pais decidem trazer os filhos para a cidade visando investir em seus estudos. Passam a residir na casa situada na Rua João Francisco, onde sua mãe reside até hoje. A época esta era a penúltima construção de alvenaria daquela rua. O prédio onde ficava instalado o gerador que fornecia energia elétrica a cidade era a última construção de tijolo da rua.

Possuidor de uma memória extraordinária, Zé Mário foi fonte frequente neste trabalho. Sem sua ajuda esse projeto talvez não tivesse prosperado. Sempre que precisamos ele tem a capacidade de contar em detalhes informações sobre a antiga Upanema após sua chegada para residir aqui. Ele relembra por exemplo, a chegada de Jaime em junho de 1968, quando a "diversão"⁶⁰ das crianças era esperar o caminhão misto chegar de Mossoró e descarregar passageiros e mercadorias.

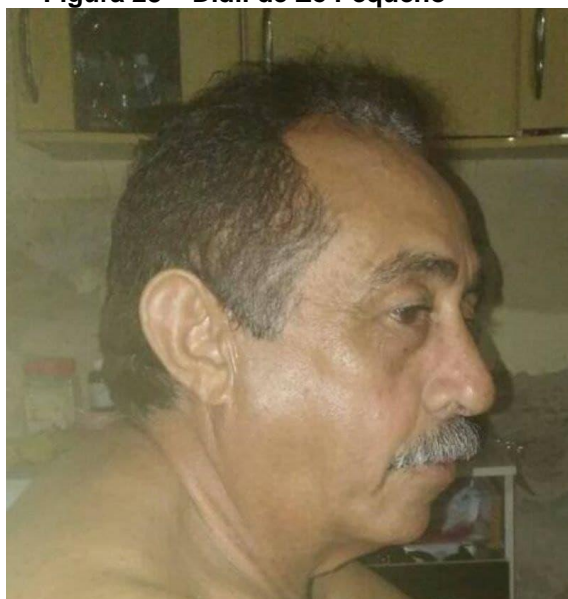
Ele vai iniciar seus estudos onde hoje é o Calazans Freire, que na época era a Escola Estadual Alfredo Simonetti, até ser transferida para o novo prédio onde se localiza até hoje, localizado na Avenida Manoel Gonçalves. Esse prédio inclusive ganhou uma grande reforma concluída neste ano de 2020, onde entre outras benfeitorias, ganhou um ginásio esportivo.

⁶⁰ As opções para diversão das crianças eram poucas. Não existiam nem bolas de futebol a não ser algumas poucas de feitas de pano. Bicicletas eram uma raridade. Assim, um caminhão chegando de Mossoró carregado de mercadorias e pessoas as vezes diferentes acabavam sendo uma atração.

Na época de sua inauguração, Zé Mário conta que o colégio era novo mas não tinha água naquela região. Naquela rua, hoje a Avenida Manoel Gonçalves, só tinha a casa de Zé Sarafim, onde hoje reside seu filho João Batista “da oficina”, a casa de Dona Madalena, onde hoje é Luza, e Antônia de Chico Joaquim. Para se ter ideia, o atual posto de saúde, Unidade Mista Raimundo Nonato Cândido, era um barreiro onde as mulheres lavavam roupa.

4.3 – Didil de Zé Pequeno

Figura 28 – Didil de Zé Pequeno



Fonte: acervo do autor

Popularmente conhecido como Didil de Zé Pequeno, o nome já indica sua filiação com o senhor Zé Pequeno e Dona Maria, sendo, portanto, irmão também de Ribamar Ribeiro.

No período em que Jaime esteve em nossa cidade ele contava com a idade de 7 a 9 anos mas mesmo com a pouca idade guarda algumas memórias daquele homem alto, em suas lembranças tinha cerca de 2.10cm de altura. *“Hospedou-se ali no hotel de Maria Romana, aí que começou uma amizade lá por casa, por ali junto com a gente”*.

De acordo com Didil, teria sido Jaime quem apresentou o cultivo de hortaliças a sua mãe. *“Vivia lá por casa de mamãe, aí ensinou hortaliças a mamãe, naquela época no Clube de Mães e lá onde hoje é aquela quadra de esportes que tem ali na frente ao Portal⁶¹, também plantou muita horta ali e sempre ficava com a gente conversando e foi até o tempo que ele teve por aqui, teve essas conversas com a gente”.*

4.4 – Hermes Freire

Figura 29 – Hermes Freire



Fonte: acervo do autor

Hermes Freire alcançou os cargos de vereador e presidente da Câmara, Secretário Municipal de Agricultura, haja vista ser formado em Agronomia, e servidor público estadual.

Na época em que Jaime aqui esteve ele foi seu aluno no antigo Ginásio Agrícola. Ele também nos confirmou que essa escola inicialmente funcionou no antigo Clube Municipal. *“As aulas funcionavam onde era o clube municipal, a entrada ainda*

⁶¹ Se refere ao Ginásio Poliesportivo Wilneran Cabral e a Casa de Shows Portal do Sol, na saída para Mossoró.

existe quando vai para a prefeitura velha, entra no beco que ainda existe". Hoje o prédio da antiga prefeitura ainda existe e se transformou no Centro Administrativo Antonio Lopes Sobrinho.

Outra informação relembrada por Hermes foi sobre o trabalho de Jaime com a agricultura. *"Ele lutava com horta no Clube de Mães. Foi quando eu conheci de cenoura, berinjela e repolho. Ele trazia as sementes e ajudava a plantar e a gente aguava"*.

Ele também lembrou de alguns detalhes das aulas de Jaime e sobre sua personalidade. *"Ensinava inglês, muito pontual no horário. Muito rígido nas provas, não dava colher de chá para ninguém. Muito moralista também"*.

4.5 – Antenor Vitorino

Conversamos ainda com o senhor Antenor Vitorino, que no alto de seus 90 anos, nos contou algumas lembranças de seu contato com Jaime.

Antenor era comerciante de carnes no Mercado Público Municipal, o chamado "marchante", nome popularmente mais conhecido de quem possui essa profissão em nossa cidade.

Ele nos contou que não sabia exatamente em que ele trabalhava nem o que era. Mas, uma coisa que lembrava dele era que pegava água morna e jogava no rosto, dobrava a camisa e fazia isso de jogar água no rosto, o que para nós, principalmente os mais velhos, fazia muito mal. *"A gente dizia que não fizesse e ele perguntava o que tinha. Lá eles não davam preço a isso"*.

Outro fato lembrado por ele é que Jaime ficava conversando e gravando. *"Tinha um gravador. Na hora de falar a gente dizia, tira pra lá"*, (pra não gravar). Ele não foi o primeiro entrevistado a lembrar os aparelhos tecnológicos que Jaime possuía e utilizava.

Questionado sobre como havia conhecido Jaime, ele narrou que era costume ir até o Hotel de Maria Romana tomar café. *"Ela tinha um café, uma vendazinha, no mesmo canto mais sendo pequenininho"*. Como Jaime residia no hotel, acabou fazendo amizade com ele. *"Parece que ele andou escrevendo por aí quando foi embora. Ele perguntava tudo, queria saber tudo"*.

Essa amizade era não apenas com Antenor, mas com toda a família que tinha o costume de se reunir todas as noites na calçada de sua casa para conversar, tradição que perdura até hoje.

4.6 – Manoel Lino e Adalcina Barbosa

Figura 30 – Manoel Lino e Adalcina Barbosa



Fonte: acervo do autor

O casal Manoel Lino e Adalcina Barbosa também tiveram a oportunidade de conhecer Jaime. Manoel Lino é ex-prefeito de Upanema e professor Aposentado. Adalcina é também professora aposentada e ex-vereadora.

Quando Jaime aqui esteve Manoel Lino era um jovem adolescente entre seus 17 e 18 anos. A primeira lembrança que ele tem é de que Jaime percorria as comunidades rurais de nossa cidade. *“Andava nas Barreiras⁶², ele andava em Manuel Buá”*.

Recorda-se ainda do hábito e prazer que Jaime tinha em desenhar tudo o que achava interessante, principalmente pessoas mas, também animais e objetos. *“Me recordo que tinha um cachorro deitado e ele começou a desenhar e ficou perfeito”*.

Em 1970 Adalcina era uma criança de apenas 9 anos. Residia com seus pais no Sítio Riacho das Carnaúbas, distante 8 quilômetros da zona urbana. Ela não

⁶² As Barreiras era uma comunidade rural distante cerca de 2 quilômetros do centro da cidade. Hoje ela praticamente já faz parte da zona urbana. Era onde Manoel Lino e sua família residia.

chegou a ser seu aluno pois não tinha idade e também estudava na zona rural, em sua comunidade. Mas, como Jaime visitava também aquela localidade, ela lembra dele almoçando em sua casa umas duas vezes e depois deitado na rede conversando com seu pai. Como destaque também ela recorda dos dotes artísticos que ele tinha e a facilidade de desenhar. *“Ele me desenhou e me deu o desenho, eu guardei muitos anos mas perdi”*. Ela recorda ainda de ter ouvido que existiam moças apaixonadas por ele, mas não sabe o desfecho dessa história.

4.7 – Zé Batista

Figura 31 – Seu Zé Batista



Fonte: Xavier Gondim

O senhor conhecido como Zé Batista hoje conta com a idade de 90 anos, lúcido de tal modo que ainda o encontramos caminhando pela cidade.

Em nossas pesquisas ele foi o único dos entrevistados que lembrou da passagem do pai de Jaime por nossa cidade.

Segundo ele, em 1969 morava na zona rural do município, na comunidade de Baixa do Juazeiro, distante 9 quilômetros da cidade, em direção a Assu.

Certo dia ele pegou o caminhão Misto de Aldo, que fazia a rota transportando passageiros para Assu aos sábados. "Não sei bem o local. Pegava o misto numa parada". Nesse dia quem estava na mesma viagem era Jaime, que ele já conhecia, e apresentaram seu pai. "Esse aí é o pai de Jaime. Ele vestia uma camisa cáqui", relembra seu Zé Batista.

Ele ainda enfatizou um dos dons pelos quais Jaime ficou conhecido em nossa cidade, o do desenho. "Quando ia no caminho, vinha um homem numa carroça. Então Jaime desenhava bem direitinho".

Em outro momento Zé Batista lembra que "achou engraçado" quando Jaime desenhava um homem com um pedaço de pau. Foi um desenho no chão e não num papel e, segundo ele, teria ficado muito bom.

Por morar na zona rural, Zé Batista não teve mais contato com Jaime, mas aquela viagem o marcou até hoje.

4.8 – Maria Dapaz

No período em que Jaime esteve em nossa Upanema a senhora Maria Dapaz, mais conhecida em nossa cidade como Dona Maria de Seu Valdecir, trabalhava no escritório local da Ancar. Ela ocupava o cargo de secretária.

Hoje, prestes a completar 80 anos, o que acontecerá em dezembro de 2021, ela narrou com riqueza de detalhes suas lembranças do nosso personagem.

Como Jaime tinha um trabalho na área da agricultura, o seu parceiro ideal era a Ancar, que futuramente se transformará na atual Emater. Por isso ele frequentemente estava visitando o escritório dessa instituição em Upanema, inclusive com parcerias e utilização de instrumentos como o pulverizador manual.

Descrevendo o que lembra do aspecto físico de Jaime, ela recorda que ele era um homem alto e magro, branco mas ao mesmo tempo avermelhado do sol.

"Ele andava sempre como quem querendo saber algo, pesquisando, querendo ter conhecimento".

Mas, segundo ela, apesar de trabalhar na Ancar, ela não tinha muito contato com ele, pois, ele sempre procurava o técnico responsável, inclusive indo a campo com eles. "Eu era apenas auxiliar, datilografava documentos por exemplo".

A antiga Ancar funcionava onde hoje fica a agência dos Correios, no centro da cidade e o extensionista técnico nesse período era o senhor Francisco Marconi. Ele foi transferido em 1971 para Santana dos Matos.

4.9 – Rosa Barbosa

A professora aposentada Rosa Barbosa também foi aluna de Jaime. Para ela o que mais marcou a passagem dele como seu professor foi uma visita que fizeram ao açude Mendubim, localizado no município de Paraú. Esse açude foi concluído em 1959 e tem capacidade para armazenar 76.349.000 m³ de água.

Rosa é filha de seu Severino e Isaura. Moravam no sítio e vieram para a cidade onde montaram um comércio no Mercado, comércio este que é administrado por uma das filhas, conhecida por Linda, até hoje. Passaram a residir vizinhos ao Hotel e por isso a proximidade tão grande com Jaime. Ela nos conta que “*ele saía da porta do Hotel e já entrava na de sua casa*”. Podemos observar essa proximidade quando em uma das fotos enviadas por Jaime temos a mãe de Rosa, a senhora Isaura varrendo o terreiro.

4.10 – Antonio Luiz

Figura 32 – Antonio Luiz



Fonte: acervo do autor

O professor Antonio Luiz, popularmente conhecido como Toinho de Geraldo Messias, também conviveu com Jaime. Apesar da pouca idade, 8 anos a época, ele guarda algumas lembranças de nosso biografado.

Segundo Toinho, no período se pensava que Jaime era agrônomo devido ele ter ensinado a fazer mudas de plantas e mexer com agricultura. *"inclusive ele fazia com um molde, ele pegava por exemplo uma garrafa e pegava um jornal e fazia, tipo uns copinhos de jornal, aí botava adubo dentro e plantava as sementes como laranja, limão"*.

Toinho relembrou uma informação importante e que poucos lembram. Que em frente ao atual Ginásio Wilneran Cabral, existia um chafariz público onde a população ia pegar água. Jaime frequentemente ia naquele local pois, tinha água, e também levava as vezes os estudantes para aulas de campo.

"Agora um dado bem interessante. Eu lembro que uma vez a gente tava lá no chafariz fazendo umas plantações lá, né? Fazendo uns copinho lá e começou a chover. E todo mundo correu, aí ele não, ficou na chuva, aí quando a gente voltou ele disse, tão correndo por quê? Era o costume da gente, né? Num se molhar, ele nem ligou".

Ele também relembrou a amizade com Antonio Preto e com Dona Maria de Zé Pequeno.

Outra coisa, aqui quem era o intérprete dele, que aprendeu com ele na verdade foi Oliveiros.

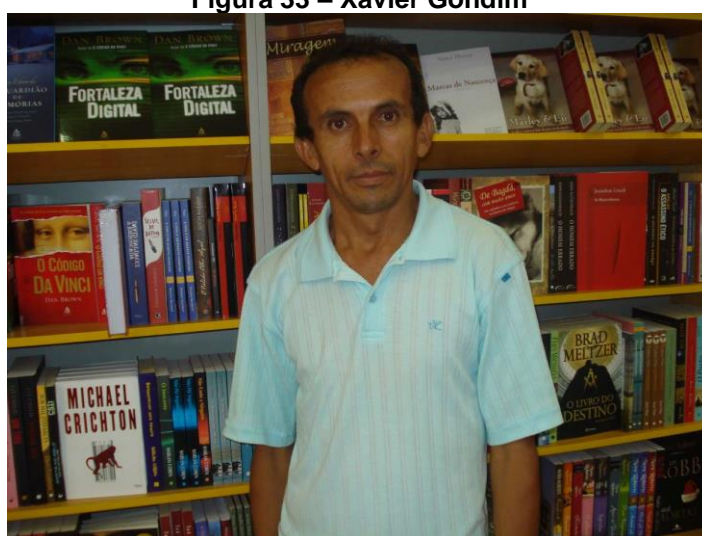
Destaque também para o costume de Jaime de ir visitar a população em suas casas. *"Ele chegava nas casas e o costume da gente aqui é quando chegar a hora do almoço, chamava pra almoçar. Bora almoçar? ele almoçava. Aí chegava na outra casa e almoçava de novo até que conversou com Oliveiros e ele explicou o nosso costume, a tradição e educação de convidar para almoçar. Disse: não rapaz, você não tem por obrigação, você não pode comer em todas as casas não"*.

De acordo com a memória de Toinho, Jaime foi o primeiro professor de língua inglesa em Upanema, o que não significa pouca coisa. Quer dizer que foi um norte-americano que dava aulas de inglês aqui. Depois quem continuou foi o senhor Oliveiros, que tinha aprendido muito com Jaime.

A habilidade de Jaime para o desenho também não foi esquecida. *"Ele desenhava muito também, ele era bom desenhista. Ele uma vez foi também pro Carnaubal, aí desenhou lá os personagens tudinho, do cortador ao vareiro, aquele que puxa a palha lá de cima certo? Ele desenhava muito. Onde ele ia ele desenhava, fazia as paisagens, geralmente com os personagens que estavam ao seu redor"*.

4.11 – Xavier Gondim

Figura 33 – Xavier Gondim



Fonte: acervo do autor

Uma figura de grande contribuição para este trabalho foi o professor Xavier Gondim. Em 1970 ele era apenas uma criança de 5 anos e não teve nenhum contato com Jaime, até porque ele residia com sua família na zona rural, na comunidade de Lagoa Seca, que dista 10 quilômetros da sede do município. Mas, em sua vida adulta veio a se transformar em um grande pesquisador, apaixonado pela história local.

Autor do Dicionário Upanemês, e de um blog que perdura até hoje, o Entretendo e Sinformando, Xavier também era colunista e diretor do Jornal de Upanema. Ele foi um dos primeiros a pesquisar as histórias relativas a passagem deste americano por nossa cidade vindo a escrever várias notas em sua coluna no Jornal sobre este assunto nos anos 2000.

Quando soube de nossa pesquisa ele voltou a campo e fez inúmeras contribuições, com vários relatos além de ter feito também a ponte com entrevistados como Zé Batista, Maria do Socorro, entre outros.

Contudo, sua contribuição não ficou apenas restrita ao perfil de Jaime mas, ele nos brindou com sua importante ajuda na análise de toda a história de Upanema contida neste trabalho. Podemos citar como exemplo as contribuições mais profundas na história do Mercado Público Municipal, incluindo detalhes a muito esquecido pela maioria da população.

Assim, sendo, por conhece-lo bem, defendemos que o professor Xavier é um importante patrimônio da História upanemense que precisa ser melhor valorizado e explorado.

4.12 – Antonio Eudes e Antonia Neta

Figura 34 – Antonia Neta e Antonio Eudes



Fonte: acervo do autor

Meus pais, Antonio Eudes Barbosa e Silva e Antônia Neta de Oliveira Barbosa e Silva foram de grande ajuda para este trabalho. Eles eram sempre os primeiros a serem procurados quando surgia alguma dúvida, não apenas pela proximidade de parentesco mas também a proximidade física. Foi assim, por exemplo, que meu pai

explicou como funcionava o cerco da cidade e onde ficavam os portões, informações sobre a estrada, mistos, cacimbas entre tantas outras. A memória de mamãe surpreendeu. Apesar de mais nova, lembra de mais detalhes como nomes de pessoas, laços de parentesco que sempre era o início para que papai lembrasse de algo mais.

Enfim, era o porto seguro de onde tirávamos as dúvidas assim que estas surgiam. Sua contribuição para este trabalho foi imensurável.

4.13 – Maria Leni

Figura 35 – Maria Leni



Fonte: acervo do autor

A professora aposentada Maria Leni também foi de grande ajuda na feitura deste trabalho. Ela juntamente com seu esposo, Manoel Gondim, nos ajudou por exemplo a reconhecer vários personagens das fotos enviadas por Jaime. De igual modo, relembrou histórias, pessoas, ruas e quaisquer outras dúvidas que surgiam ligadas a história do período.

Ela também foi uma das alunas de Jaime e contou detalhes sobre suas aulas, sobre o esforço que ele fazia para explicar o conteúdo, para que todos entendessem desenhava no quadro na hora das explicações por exemplo. “*Era no Clube, lembro bem dessa aula de inglês, o que ele fazia*” nos conta Leni.

4.14 – Hévila Cruz

Figura 36 – Hévila Cruz



Fonte: acervo do autor

Hévila Cruz também virou professora e ainda está na ativa. Ela também foi uma das alunas de Jaime e nos repassou detalhes das aulas, do esforço que ele fazia para que os alunos aprendessem e também ele buscava aprender o português. *“Quando ele não entendia uma coisa ele vinha perto da gente e perguntava: como é mesmo? Pedia para repetir as palavras”*.

Contou detalhes como as crianças atrás de Jaime e ela era uma dessas que ia atrás dele no Hotel porque queriam brincar com ele, estar em contato com ele, ouvir falar etc. *“A gente, nossa turma, ia tudo pra lá pra conversar com ele e ele achava bom!”*.

Podemos imaginar como essas aulas foram marcantes pois, caso contrário não seria fácil lembrar de aulas 50 anos depois.

4.15 – Josafá Inácio

Figura 37 – Josafá Inácio da Costa



Fonte: acervo do autor

O grande escritor upanemense Josafá Inácio não poderia ficar de fora deste trabalho. Sua contribuição foi generosa tanto de forma indireta, quando consultava seus livros para tirar dúvidas, ou mesmo de forma direta quando falávamos com ele em busca de adquirir um pouco mais de conhecimento.

Com suas explicações sempre recheadas com uma quantidade impressionante de detalhes, como por exemplo quando nos ensinou como era o trecho da BR 110 entre Upanema/Mossoró e Upanema/Campo Grande, ou as informações sobre o padre Zé Bezerra, sobre a fundação do Ginário Agrícola e tantas outras informações que permeiam todo esse trabalho.

4.16 – Família de Antonio Preto

Figura 38 – Viúva de Antonio Preto e um de seus filhos



Fonte: acervo do autor

Como não falar da família de seu Antonio Preto!? Seu nome de batismo era Francisco Antônio da Silva mais era conhecido mesmo como Antônio Bento ou Antônio Preto. A sua esposa era Maria Antônia da Silva e juntos tiveram 11 filhos e hoje são 9 filhos, 5 homens e 4 mulheres. Eles eram mais conhecidos como a família de Antônio Bento.

Construíram uma amizade enorme com Jaime citada por praticamente todos os entrevistados. Mais do que isso, podemos perceber que eles acreditaram em Jaime quando muitos desconfiavam ou até tinham medo. Sim, é normal termos medo daquilo que desconhecemos.

Fizemos duas visitas presenciais a família quando aproveitamos para ouvir suas histórias e relembrar seu passado. Também tivemos contato com outros membros da família como Renatinho, que é neto de Antonio Preto, sua mãe entre outros.

4.17 – Maria Elza

Figura 39 – Maria Elza hoje em dia



Fonte: acervo da família

A senhora Vitalina Maria da Silva, que carinhosamente é chamada de Elza, nasceu em 28/09/1959, logo tinha entre 9 e 11 anos quando Jaime aqui esteve. Era filha de Antonio Preto e foi ela a garotinha que teve o olho furado que contamos neste trabalho. Hoje morando em Mossoró, ela nos concedeu entrevista através de seu filho, o cantor Renatinho de Upanema.

Sobre a rotina de trabalho de seu pai e da família nos contou que era constante, plantavam manga, laranja, sapoti, *“tudo tinha no sítio e ele cuidava de tudo junto com os filhos”*. Ele cuidava do sítio como dono pois as terras não eram suas mas, de um senhor que morava em Macau. Antonio Preto e família cuidavam dessas terras.

Sobre o trágico acidente que a levou a perder o olho ela nos contou que *“furei o olho trabalhando mais papai e meus irmãos, trabalhando nos tomates. Nós saímos para ir pegar as cordinhas para enrolar as forquilhas para os galhos não descerem quando fui me abaixando para pegar uma cordinha aí o pau furou o olho. Fui para casa e papai me levou para a rua a cavalo num jumento porque não tinha carro. De lá fiquei na casa de um senhor chamado Augusto e o filho dele me levou para Mossoró. Aí fiquei internada e quem ficou me visitando foi papai uma vez e quem ficou me visitando mais foi o americano. Ele levava tudo para mim. A dificuldade era muito grande. Lembro quando eu furei o olho ele pediu para eu não comer melancia”*.

Eram muitas crianças que acompanhavam Jaime de Upanema até a Fazenda Nova, onde ficava o sítio. *“Vinham com ele até lá em casa, brincavam muito. Quando*

ele comprou uma bicicleta vermelha, vixe Maria! era a alegria dos meninos, ele correndo na bicicleta e os meninos correndo atrás, vinham para o sítio e voltava.

Por fim, ela se recorda que Jaime quis adotá-la. *“Ele pediu a papai para me criar mas eu não tive coragem de ir”.*

4.18 – Maria Gilza

Figura 40 – Maria Gilza hoje em dia



Fonte: acervo da família

A senhora Maria Gilza é a filha mais velha de Antônio Preto.

Sobre a rotina de Jaime ela narrou que *“ele chegava no sítio por volta das 10 horas de bicicleta acompanhado de uns meninos da rua, que agora me foge o nome da mãe dos meninos, uma que fazia geleia⁶³. Aí chegava lá em casa, enfiava a cabeça no tanque de água e ia ajudar papai. Fazia assim, pegava a terra, misturava com adubo do gado e ia plantar coisas, plantar cenoura, pimenta, cebolinha, e ajudava muito ele. Voltava por volta de 7 horas da noite, chegava pela manhã e voltava às 7:00 da noite. Gostava muito de cultivar areia. Foi ensinando, ensinando e meu pai gostava muito de cultivar a terra, quando pensamos que não, já tinha muitas coisas boas”.*

⁶³ Ela se refere a Dona Etelvina, que residia na Avenida 16 de Setembro, no local onde hoje reside a sua filha, professora Socorro, esposa de Chagas. O filho de dona Etelvina que era muito amigo de Jaime era Antonio que hoje reside em Natal.

A produção de Antonio Preto proporcionou um excedente que ele passou a vender no mercado. *“Todo domingo por volta de 6 horas da manhã eu ia para a pedra do mercado com meu pai vender o que ele ensinou a gente plantar. Jaime chegava e sempre dizia, eu não quero um tostão, sempre dava uma notinha a meu pai mas nunca cheguei a ver quanto era. Só que depois dele andar lá no sítio nunca faltou nada para meu pai e sempre chegava lá em casa e dava uma notinha a papai. Eu não sabia nem quanto era porque não me interessava. Era uma nota que valia a pena, meu pai passava quase um mês. Meu pai um dia foi pagar a ele e ele disse que não, que tava ensinando ele a viver cultivando a terra, para mim isso foi uma benção. Era só ajudar a intenção dele”.*

A arte de Jaime também chamou a atenção de Geiza que lembra detalhes de suas pinturas. *“Ele pintou o meu irmão a cavalo no touro, desenhou meu irmão. Ela recorda ainda de quando conheceu a televisão através de Jaime. “Ele pegou e levou uma televisão pela noite e passava umas coisas que hoje não sei como chama hoje. Era novidade, todo mundo ia assistir porque não conhecia o que era televisão. Depois ele disse que ia embora. Tinha coisas que a gente entendia ele falar e tinha coisas que não entendia”* relembra.

“Me lembro que ele morava na pensão de Maria Romana e quando passava a hora dele ir sempre vinha uma pessoa, o filho de Maria Romana chamado Paulo buscar ele. Tenho uma pequena lembrança, toda vida que ele voltava abraçava-nos todos. Eu sempre fui uma pessoa de olhar, eu prestava muito atenção porque eu era a mais velha. Eu nunca tive vergonha de cultivar a terra e até hoje cultivo no meu jardim .

Antônio Preto também era conhecedor das doenças dos animais e ele mesmo as tratava. *“Meu pai era tipo uma enfermeiro, não tinha um bicho doente para ele não dar o remédio, aplicava a injeção”.*

Quanto a descrição de Jaime, ela recorda que “ele era muito alto e bem alvinho olhos verdes se não me engano”.

Hoje ela reside em Mossoró e também concedeu entrevista através de seu sobrinho, o Renatinho.

4.19 – Nelson, Dapaz e família

Figura 41 – Dapaz e sua filha Neuma



Fonte: acervo da família

A área da saúde em Upanema deve muito a família de Seu Nelson da farmácia que há mais de 40 anos vem trabalhando no ramo em um empreendimento que vem passando de geração em geração em sua família. Manoel Nelson já foi dono de bar, vendedor de rapaduras, vereador, candidato a prefeito e finalmente dono da farmácia mais antiga da cidade.

A farmácia permanece no mesmo endereço na Rua Francisco Marques e Jaime era um assíduo frequentador daquele local muitas vezes comprando medicamentos para a população.

Já a residência do casal Nelson e dona Dapaz é a mesma desde 1965 quando construíram a sua casa na Avenida 16 de setembro.

Para a produção desse trabalho tivemos a oportunidade de conversar com o casal Dapaz e Nelson que no alto de seus mais de 80 anos nos repassaram informações importantes sobre a Upanema do final dos anos 60, seu contato com Jaime, os moradores da Avenida 16 de Setembro entre muitas outras informações importantes.

4.20 – Antonio de Dona Etelvina

As gerações mais antigas certamente se deleitaram com o saborosíssimo gelé de Dona Etelvina. Ela residia onde hoje fica o comércio de Chagas e sua esposa Socorro, que é filha de Dona Etelvina.

Um de seus filhos, Antonio, virou muito amigo e Jaime e ele também frequentava sua residência, que ficava a apenas 3 casa do Hotel. Antonio era um jovem como outro qualquer de sua geração. Gostava de jogar bola e na carreira contam que era o mais rápido de todos.

Da amizade com Jaime ele nos conta que sempre o acompanhava e ia até a Fazenda Nova plantar com ele e a família de Seu Antonio Preto.

Mas Jaime retornou aos Estado Unidos e Antonio, agora adolescente, teve que migrar para o Ceará para trabalhar e ajudar no sustento de sua família e nunca mais voltou a residir em nossa cidade. Ele hoje reside em Natal e com seus 65 anos sem recorda com carinho das muitas história que nos contou.

4.21 – Mariquinha e Nilba

O leitor que chegou até este ponto do trabalho já leu por diversas vezes sobre Dona Maria Romana e o famoso Hotel Central onde Jaime morou durante os dois anos que esteve em nossa cidade. Procuramos então os familiares de Dona Maria Romana e tivemos a oportunidade de conhecer suas filhas, Nilba e Mariquinha. Esta nos recebeu em sua residência na cidade de Mossoró. Servidora da UFERSA, Mariquinha nos contou detalhes importantes de sua amizade com Jaime, o que acredita ser devido a terem a mesma idade. Ela nos contou inúmeros casos de como era a convivência com Jaime, como funcionava seu trabalho na época das chamadas

“emergências”, a paixão de Jaime pela ESAM que estava em construção, hoje a UFERSA, e ainda mostrou um broche que ele havia dado de presente a ela.

Aproveitamos ainda e analisamos as fotos enviadas por Jaime e foi possível reconhecer muitos personagens e relembrar inúmeras histórias. Mariquinha se mostrou uma fonte relevante para a confirmação de pontos importantes de nossa história.

Infelizmente não tivemos a oportunidade de conversar ainda com os irmãos Paulo e Ivo.

4.22 – Outras contribuições

Uma dezena de outras pessoas também contribuíram em menor ou maior escala com informações, muitas vezes pontuais, mas de igual modo foram importantes para a construção desse trabalho. Podemos citar como exemplo a professora Maria do Socorro, popularmente conhecida como Pequena. Ela é esposa do ex-prefeito Antônio Targino e também foi secretária de educação do município. Ela nos direcionou encontrar a escola criada por Luiz Cândido, a Governador Dix-sept Rosado. Ela é irmã de Ribamar, Didil, que também incluímos neste trabalho. Filha de Dona Maria de Zé Pequeno, ela nos contou sobre a ligação de Jaime com sua família, em especial com o Clube de Mães, comandado por sua mãe.

Manoel Gerinaldo da Costa foi um dos alunos de Jaime em Upanema. Ele lembrou as plantações de Jaime, a famosa berinjela citada por tantos, e as aulas no Ginásio Agrícola.

Tivemos ainda a contribuição de Luiz Gonzaga, Maria do Socorro, Manoel Gondim, Nilba Gondim, Zé Neto, que na época era motorista do prefeito Antônio Lopes e nos contou a história do comício em Mossoró.

O senhor Antonio, antigo morador dos Patos, nos relatou seu contato com Jaime e os moradores daquela região. Dona Antonia de Cisto também nos contou muitas histórias do período.

De todos os entrevistados apenas um contribuiu com informações mas, pediu para que não tivesse seu nome incluído neste trabalho. O motivo não sabemos explicar, mas entendemos e respeitamos.

Estes personagens, assim como todos nós, são figuras importantes na construção da história de Upanema.

CONCLUSÃO

Que o Brasil é um país rico isso é inquestionável, como nos alerta Miriam Leitão em sua obra História do Futuro,

Somos o primeiro país em biodiversidade do mundo ponto e daqui em diante o planeta precisará mais dela. Somos o segundo maior reservatório de água doce no futuro a escassez será recorrente. Temos o maior potencial de energia renovável por quilômetro quadrado. A maior floresta tropical do mundo não precisa ser derrubada para ampliar mas a produção porque as técnicas de produtividade estão dominadas. Somos e seremos do reduzido grupo de países fornecedores de alimento. (LEITÃO, 2015, pág. 11).

Mas, se hoje essa riqueza ainda está concentrada nas mãos de poucos, no final da década de 60 a situação era bem pior e o nosso município sofria com inúmeros problemas que inclusive já citamos como a fome, falta de educação, saúde, estradas etc. Por esse motivo podemos dizer que qualquer ajuda, o mínimo que fosse, seria bem-vinda. Mas o caso foi que ele ajudou muito, inclusive na vinda dos alimentos do projeto Food for Peace, doados pelo governo norte-americano. Portanto, podemos concluir que a ajuda proporcionada por Jaime foi relevante para nosso município.

Partindo-se do adágio popular de que é vivendo e aprendendo, a impressão que tivemos foi de que Jaime buscava ao máximo viver, aprender e ainda também ser útil. Parecia incansável em sua tarefa de ajudar ao próximo como evidenciou no e-mail de abril de 2020 quando nos informou que estava sem tempo por ter dirigido mais de mil quilômetros para ajudar amigos. Era assim que ele respondia a inúmeros e-mails, sempre em uma nova atividade, uma nova missão ou um novo objetivo de vida e alegando a falta de tempo ocasionada pelas suas inúmeras atividades. Ele sempre falava na correria de sua vida e decorrendo daí a dificuldade para responder nossas mensagens. Certo dia, em mais um de nossos contatos, falei sobre a aparente diferença de culturas, pois, quando alguém se aposenta no Brasil a ideia é descansar, não significa evidentemente parar de trabalhar totalmente mas, normalmente, se diminui consideravelmente. Com Jaime parecia ser totalmente o oposto, ele estava trabalhando cada vez mais, parecia que corria contra o tempo, tentando realizar

inúmeros objetivos de vida e tudo ao mesmo tempo. Tanto que mesmo aposentado em 2020 ele assumiu um novo emprego de professor em outra escola.

Acreditamos que por tudo que apresentamos neste trabalho a contribuição para a nossa história foi enorme. Nossa população como um todo e nossos alunos em específico vão ter a oportunidade de mergulhar um pouco em nossa história. Está, por sua vez, nos ensina Lee que:

A História diz respeito ao estudo do passado e não do futuro. Mas algum conhecimento sobre o passado nos dá um alcance (mesmo que ligeiro) sobre o futuro. Esse alcance não é fortalecido pela tentativa de fazer da história uma fonte pseudocientífica de predições: ela somente tem alguma coisa distinta a oferecer quando nos reportamos a ela. Não está sendo defendido aqui que historiadores e aqueles que estudaram história serão melhores copistas do futuro do que os não historiadores, porque muitas coisas, além do conhecimento histórico, entram nessa questão. O que está sendo colocado é que um homem com um conhecimento da história estará melhor situado não mais do que um homem carente desse conhecimento, mas do que ele próprio estaria se não tivesse esse conhecimento. (LEE, 2011, p. 37)

Pela distância não dá para ter certeza mas a impressão que tivemos ao longo de todo o trabalho é que ele transformou a busca por servir ao próximo em um objetivo de vida com o qual ele lida diariamente e incessantemente. Seu dia a dia continua intenso mas ao mesmo tempo divertido e recompensador. Ele nunca reclamou, muito pelo contrário, parecia ter prazer em suas atividades, realizando-as com entusiasmo e sempre estando pronto para uma nova atividade ou aventura.

Jaime nos brindou com uma personalidade diferente do que estamos acostumados a ver e essa pequena biografia sobre sua vida busca mostrar esse lado. Claro que entendemos que a biografia não é exclusiva dos historiadores, fazendo uso dela os jornalistas por exemplo, entre outros mas, a utilizamos aqui como uma importante fonte para aprendizagem e posterior ensino de nossa história até mesmo em sala de aula, afinal de contas, para nós não restam dúvidas de que, como nos ensina Oliveira e Castro, a biografia é um gênero literário muito importante para a memória da humanidade” (OLIVEIRA; CASTRO, 2008, p. 81). Sendo assim, consideramos que essa biografia histórica é um importante meio para a produção do conhecimento e da história da cidade de Upanema.

Tal como o “pai da História”, o grego Heródoto escreveu em sua obra denominada de História, ou seja, com o objetivo de impedir o esquecimento ou pelo

menos retardá-lo, assim tentamos com este trabalho frente aos acontecimentos do município de Upanema.

Ao escrever a sua História, Heródoto de Halicarnasso teve em mira evitar que os vestígios das ações praticadas pelos homens se apagassem com o tempo e que as grandes e maravilhosas explorações dos gregos, assim como as dos bárbaros, permanecessem ignoradas; desejava ainda, sobretudo, expor os motivos que os levaram a fazer guerra uns aos outros. (HERÓDOTO, 2006, p.30).

Ao concluir este trabalho temos a certeza de que os voluntários do Peace Corps enfrentaram dificuldades enormes em um Brasil totalmente diferente do que temos hoje. Essa experiência é muito difícil de quantificar para os Estados Unidos, Brasil ou mesmo para as populações que foram atendidas por eles. Mas, não restam dúvidas de que os impactos nas vidas dos voluntários e de Jaime em específico foi importante e duradouro.

É como tão bem descreve um dos integrantes chamado Nelson Jacob. *“É incrível como a imersão em outra cultura limpa a lente que se usa para exames de sua própria cultura. Se apenas mais importantes tomadores de decisão nos Estados Unidos tivessem sido expostos a tal experiência... Agradeço a Deus todos os dias por me dar essa oportunidade. Portas abertas para eu viver e trabalhar em lugares tão diversos como Brasil, Cabo Verde, Malawi, Moçambique, Angola, Portugal, Armênia e Bielorrússia -- e espero que tenha feito uma contribuição significativa para a cooperação internacional e a paz. Paz e amor”!*

Outro integrante nos diz que o *“Peace Corps in Brazil was the best thing that happened in my life, No exaggeration (Corpo de Paz no Brasil foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida, sem exagero).*

A conclusão a que chegamos é de que o tempo em que os voluntários passaram em nosso país foi pouco para uma mudança mais profunda e um legado mais duradouro para o Brasil ou para as populações locais. No geral 50 anos depois são poucos os resquícios de seus projetos. Por outro lado, essa experiência deixou um legado para todos os voluntários. Esses receberam em troca e cresceram culturalmente e se tornaram homens mais humanos. É mais provável que através deste trabalho e os novos contatos com esses americanos possamos dar continuidade a ajuda e desenvolvimento de nossa cidade, seja por exemplo com aulas ou outros projetos. O legado portanto, tende a aumentar.

Quanto a Jaime vale enfatizamos mais uma vez o seu importante legado. Antes dele ninguém plantava hortaliças por aqui, no máximo um coentro ou cebolinha no fundo do quintal e era raro. Era um costume distante da realidade de então. Aqui se comia o feijão, arroz e o tempero era a carne, algumas vezes com um pirão ou farofa e só. Assim, não é nem possível calcular quantas pessoas foram salvas da fome ou desnutrição pelo simples plantio de frutas e verduras! Vários de nossos entrevistados citaram o mesmo, que nunca tinham ouvido falar em berinjela, ou que não comiam cenouras, tomates e verduras em geral. A alimentação que tínhamos de frutas era apenas a melancia no inverno, um jerimum e o caju na safra. No período seco ainda tinha a batata que se plantava no rio. Além disso apenas uma casa ou outra que tinha um pé de goiaba, limão, mas sem maior destaque.

A situação era tão difícil que não se tinha nem onde plantar. Não existiam vasilhas de plástico por exemplo ou melhor, eram muito difíceis de serem encontradas por aqui e caras. Não se podia plantar nos quintais pois os animais invadiam já que em sua maioria eram abertos, ou mesmo um simples canteiro os sapos destruíram invadindo. Como se não bastasse, não se tinha água encanada, era preciso ir pegar nas cacimbas no rio em galões, roladeiras ou quem tinha um pouco mais de condições transferia a carga para o lombo de jumento com suas ancoretas. Então, o básico que era a água era difícil, dava trabalho ir todos os dias pegar e ‘desperdiçar’ a água plantando verduras era algo que ninguém queria fazer. O trabalho de Jaime foi então além de apresentar essas verduras a população, conscientizar de sua importância, de sua necessidade para se complementar a alimentação. Se conseguiu esse objetivo é difícil mensurar mas certamente a tentativa não foi em vão.

Para finalizar, serve de consolo para nós, como historiador, lembrar de que não saber tudo, não ser capaz de rastrear tudo, tem um poder também. Deixar um pequeno espaço para os leitores desejarem que eles pudessem ver, que eles pudessem saber todos os detalhes e ainda assim sendo incapazes de fazê-lo, isso tem um poder. Nunca poderemos saber tudo, mesmo se tivéssemos todas as câmeras do mundo. Captar o verdadeiro movimento do coração e da mente é o mais importante. Quem não já leu um romance sem uma única imagem e mesmo assim sonhou como seriam todas as cenas? Todos os personagens?

Deixo então esse desafio as futuras gerações. Que corrijam e preencham as imprecisões que aqui encontrarem para continuarmos evoluindo sempre.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

400 nomes de Natal/Coordenação editorial Rejane Cardoso. – Natal (RN): Prefeitura Municipal do Natal, 2000.

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ARAÚJO, Geraldo Batista de e PINHEIRO, Maria Isaura de Medeiros e MEDEIROS, Maria Zélia Pinheiro de. **Roteiro para estudo da História do Rio Grande do Norte**. Natal: Nossa, 1984.

AUGUSTO, José. **Famílias seridoenses**. 2. ed. Natal: Sebo Vermelho, 2002.

AZEVEDO, Cecília. **Em nome da América: Os Corpos da Paz no Brasil** – São Paulo: Alameda, 2007.

BARROS, José D'Assunção. **Teoria e Formação do Historiador**. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

Blog Upanema News

BORGES, Vavy Pacheco. **O que é História**. 3. Editora Brasiliense - São Paulo, 1981.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História**: 3. ed. – São Paulo: Cortez, 2009.

BLOCH, Marc. **Apologia da História: ou O Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília. Senado Federal. 2000

_____. Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE. **Nordeste: uma estratégia para vencer o desafio da seca e acelerar o desenvolvimento.** Brasília: SUDENE, 1999.

BRITO, Raimundo Soares de. **Estudos de história do Oeste Potiguar.** 2. ed. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 2001. (Coleção Mossoroense, série C, volume 1248).

BRITO, Raimundo Soares de. Legislativo e Executivo de Mossoró: numa viagem mais que centenária. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 1985. (Coleção Mossoroense, volume 287).

BURITY, Joanildo A. Mudança cultural, mudança religiosa e mudança política: para onde caminhamos? A cultura e identidade: perspectivas interdisciplinares/Joanildo A. Burity (org.). Rio de Janeiro: DP&A editora.

CASCUDO, Luis da Câmara. A “Cacimba do Padre” em Fernando de Noronha. Natal: Sebo Vermelho.

_____. Nomes da Terra: história, geografia e toponímia do Rio Grande do Norte. Natal: Fundação José Augusto, 1968.

_____. Notas e documentos para a história de Mossoró. 3ª ed. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 1996. (Coleção Mossoroense, série C, volume 849).

CARVALHO, José Murilo de. A formação das almas: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

COSTA, Josafá Inácio da. Upanema de povoado a vila. Mossoró/RN: Sarau das Letras, 2011.

COSTA, Suely. Conceito de gênero e ensino da história. X Encontro Regional de História. ANPUH- RJ. História e Biografias. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2002.

CRESPO, Fernanda Nascimento. TESE O Brasil de Laudelina: uso do biográfico no ensino de história / Fernanda Nascimento Crespo. – 2016.

DAMATTA, Roberto. O que faz o Brasil, Brasil? Rio de Janeiro: Rocco, 12ed. 2001.

DAVIES, Nicholas. O ensino de história e a criação do fato: as camadas populares nos livros de história do Brasil. São Paulo, Contexto.

Dicionário de Ensino de História / Coordenação: Marieta de Moraes Ferreira, Margarida Maria Dias de Oliveira. – Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019.

Falas e relatórios dos presidentes da província do Rio Grande do Norte: (1874 a 1882) Fundação Vingt-un Rosado, 2001. (Coleção Mossoroense, série G, número 6).

FAGUNDES, Igor Pereira. TESE **A História do Índio Antonio Felipe (Poti) Camarão**. Niterói – 2016.

FAO/ONU. **Panorama de segurança alimentar e nutricional na América Latina e Caribe**, edição 2017.

FELIPE, José Lacerda Alves e CARVALHO, Edílson Alves de. Economia Rio Grande do Norte: estudo geo-histórico e econômico: ensino médio. João Pessoa: Grafset, 2002.

FELIPE, José Lacerda Alves. A (re)invenção do lugar: os Rosados e o “país de Mossoró”. João Pessoa: Grafset, 2001.

FIGUEIRA, Cristina Aparecida Reis. Educação patrimonial no ensino de história nos anos finais do ensino fundamental: conceitos e práticas. São Paulo – Edições SM, 2012.

FONSECA, Ana Cláudia Mafra da. Feira Livre. Galante. Fundação Helio Galvão. Natal, v.3, n.11, maio. 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** – São Paulo. Paz e Terra, 1996.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Escrever a história, domesticar o passado. In: LOPES, Antonio Herculano; VELLOSO, Monica Pimenta; PESAVENTO, Sandra Jatthy (Orgs.). História e linguagens: texto, imagem, oralidade e representações. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.

História do Rio Grande do Norte. Especial Tribuna do Norte.

HERÓDOTO. História. eBooksBrasil, 2006. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/historiaherodoto.pdf>> Acesso em: 14/02/2018.

HOBBSAWN, Eric. Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991). São Paulo: Companhia das Letras, 1995

_____. Sobre História. São Paulo: Companhia das Letras. 2013.

LEE, Peter. Por que aprender História?. Educar em Revista, Curitiba, n. 42, out./dez. 2011.

LEITÃO, Míriam. História do Futuro: o horizonte do Brasil no século XXI. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

JORNAL DE UPANEMA, Upanema, 26 out. 2003. Entrevista, p. 2 - 3.

JORNAL DE UPANEMA, Upanema, 30 nov. 2003. Entrevista, p. 3.

LEITE, Mayara Alves. TESE Aprendizagem História e História Local: uma experiência com alunos do 8º Ano sobre o Ensino da História de Parauapebas-PA. Araguaína – 2020.

LEVILLAIN, Philippe. Os protagonistas: da biografia. In: Por uma História Política. RÉMOND, René (org.). Dora Rocha (trad.). Rio de Janeiro: FGV, 2013.

MEDEIROS, Alberto e MEDEIROS, Maria Zélia Pinheiro de e PINHEIRO, Maria Isaura. Natal na Segunda Guerra Mundial. In: História do Rio Grande do Norte. Vol. 11. Tribuna do Norte e Fundação José Augusto. Natal, 1999.

MEDEIROS FILHO, Olavo. Índios do Açu e Seridó. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1984.

MEDEIROS FILHO, Olavo. Ribeiras do Assu e Mossoró: notas para a sua história. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 2003. (Coleção Mossoroense, série C, volume 1360).

MELO, João Wilson Mendes. A Cidade e o trampolim. 2. ed. Natal: Sebo Vermelho, 2003.

MENDONÇA, Inês Tavares de. BEZERRA, José Wilson Tavares. Upanema: a história dos três poderes (de distrito a cidade). Upanema/RN. 2003.

MONTEIRO, Denise Mattos. Introdução à História do Rio Grande do Norte. 2. ed. Natal: Cooperativa Cultural Universitária, 2002.

MORAIS, Marcus César Cavalcanti de. Terras Potiguares. Natal: Dinâmica, 1998.

MOTTA, Marly Silva da. O relato biográfico como fonte para a história. Vidya, Santa Maria (RS), nº 34, p.101-122, jul./dez. 2000.

MULATINHO, Antonio. In O Comércio de Mossoró. Mossoró, 9 julho, 1905. p. 3.

NEVES, Guilherme Pereira das. Elétrons não são interessantes como gente: História e Biografia. História, Teorias & Variações. Rio de Janeiro: Contra-Capa, 2011.

O COMÉRCIO DE MOSSORÓ, Mossoró, Fundação Vingt-un Rosado, 2002. (Coleção Mossoroense, série E, número 8).

OLIVEIRA, João Batista Araújo e; CASTRO, Juliana Cabral Junqueira de. Usando textos na sala de aula: tipos de gêneros textuais. 3 ed. rev. Brasília: Instituto Alfa e Beto, 2008

PINSK, Jaime. (autor e organizador). **O ensino de História e a criação do fato.** - 14. Ed., 6ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2021.

Por uma história política I [Direção de] Renê Rémond; tradução Dora Rocha. - 2. ed. - Rio de Janeiro : Editora FGV, 2003.

PRADO JÚNIOR, Caio. **História Econômica do Brasil.** 41 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

RICHARDSON, Roberto Jarry, **Pesquisa Social: métodos e técnicas.** São Paulo – 3. Ed. Atlas, 1999.

SCHLESINGER JR. 1975. **The Alliance for Progress: A Retrospective.** In: HELLMAN, R. G. & ROSENBAUM, H. J. (eds.). Latin America: The Search for a New International Role. New York : J. Wiley.

SCHROEDER, Alice. **A Bola de Neve: Warren Buffet e o negócio da vida.** Sextante, 2008.

SILVA JÚNIOR, Antonio Eudes B. e. **A história de Upanema através de cordel.** 1.ed. Upanema: 2003.

SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da. TESE Biblioteca como lugar de práticas culturais: uma discussão a partir dos currículos de Biblioteconomia no Brasil. Belo Horizonte – 2007.

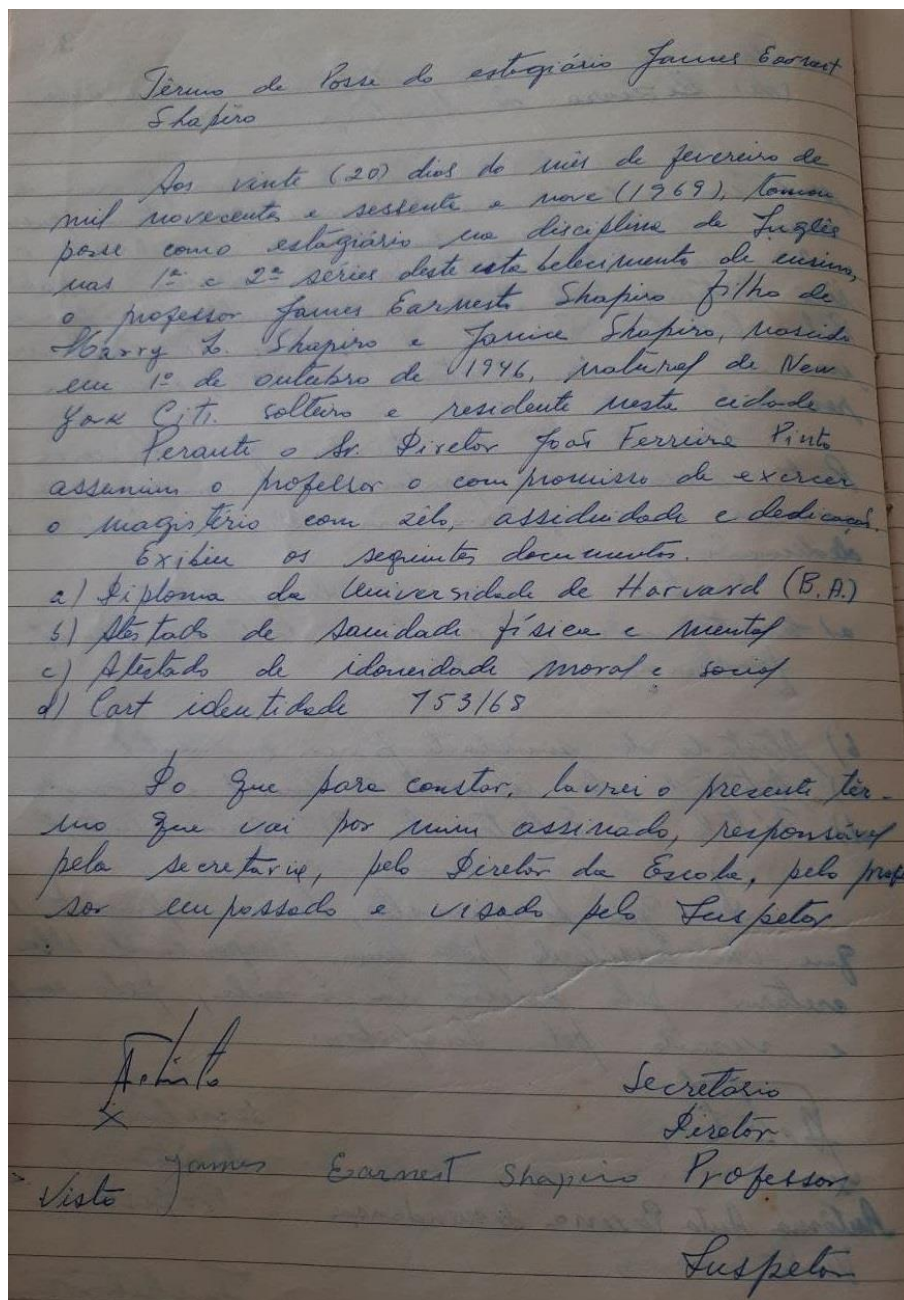
TRINDADE, Sérgio Luiz Bezerra e ALBUQUERQUE, Geraldo José de. Subsídios para o estudo da história do Rio Grande do Norte. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 2001.

FILMES

EM NOME DA AMÉRICA. Direção Filme documentário.

ANEXOS

ANEXO 1 – Termo de posse assinado por Jaime quando foi lecionar no Ginásio Agrícola Municipal.



ANEXO 2 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM HISTÓRIA -

